



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:
Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e
no "Calçadão" em Campina Grande-PB

Patrícia Portela Martins
Orientador: Dr. Vanderlan Francisco Silva

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
FEVEREIRO 2013

PATRÍCIA PORTELA MARTINS

**ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:
Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e
no "Calçadão" em Campina Grande-PB**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), como requisito necessário à obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Doutor Vanderlan Francisco Silva.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
FEVEREIRO 2013

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- M379e Martins, Patrícia Portela.
Etnografando o coração da cidade: estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no “calçadão” em Campina Grande / Patrícia Portela Martins. – Campina Grande, 2013.
109 f. : il. Color.
- Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
- “Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva”.
Referências.
1. Espaço Urbano. 2. Praça da Bandeira. 3. “Calçadão” da Cardoso Vieira. 4. Sociabilidade e Pertencimento. I. Silva, Vanderlan Francisco da.
II. Título.
- CDU 316.334.56(813.3)(043)

PATRÍCIA PORTELA MARTINS

**ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:
Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no
"Calçadão" em Campina Grande-PB**

Dissertação apresentada em: 15 / 03 / 2013 /

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Vanderlan Francisco Silva (PPGCS/UFCG)
(Orientador)

Professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima (PPGCS/UFCG)
(Membro titular interno)

Professor Dr. João Bosco Araujo da Costa (PPGCS/UFRN)
(Membro titular externo)

Professora Dr. Mércia Regane Rangel Batista (PPGCS/UFCG)
(Membro Suplente)

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

FEVEREIRO 2013

AGRADECIMENTOS

A Deus, o autor e consumidor da minha fé.

Ao meu esposo Edgard. O que dizer dele... Manteve-se a todo o momento ao meu lado, até nos momentos da pesquisa sendo, em algumas vezes, o meu fotógrafo e me dando força dizendo: “Vai dar certo!”. A você meu amor, meus sinceros agradecimentos. Te amo!

Aos meus pais (Herivelto Martins e Socorro Portela) que durante toda a minha caminhada acadêmica ofereceram suporte e me incentivaram todos os momentos, principalmente nos momentos mais difíceis. Amo vocês.

À minha irmã Priscila que sempre me ajudou digitando os meus trabalhos quando estava muita cansada e também nas impicâncias do computador para comigo. Valeu Neginha.

Aos demais familiares, avós, tios e primos que sempre torceram por mim em tudo, a vocês meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos e irmãos da Igreja do Centenário que sempre me ajudaram através das orações e palavras incentivadoras.

Ao meu orientador professor Vanderlan que sempre com muita atenção, paciência, dedicação e competência ajudou para que essa pesquisa acontecesse. Muito obrigada professor essa conquista também é do senhor.

À professora Elizabeth Christina, a qual acompanhou todo o processo na construção desse trabalho.

Ao professor Gabriel, por ter participado da banca de qualificação da dissertação, contribuindo com suas sugestões, reflexões e críticas.

Ao grupo de pesquisa “Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos” que através dos encontros e debates nos proporcionou um respaldo teórico maior, nos levando a uma reflexão sobre essa pesquisa. Valeu galera!

À coordenadora do PPGCS professora Ramonildes Gomes sempre acessível durante esta jornada nos ajudando e esclarecendo as nossas dúvidas.

Aos professores do PPGCS os quais durante a nossa caminhada foram de fundamental importância, conduzindo suas aulas com maestria e nos proporcionando aprendizado.

Aos meus colegas de mestrado pelas conversas e o compartilhar das ideias, críticas e sugestões.

A CAPES, pelo apoio financeiro auxiliando a realização desse trabalho.

Aos meus informantes da Praça da Bandeira e do “Calçadão” sem os quais essa pesquisa não seria possível, a vocês minha eterna gratidão.

Aos meus entrevistados que com delicadeza, paciência e boa vontade permaneceram horas conversando comigo. Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como enfoque analisar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento no espaço urbano, especificamente, no Centro da cidade de Campina Grande. Em áreas como a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira, locais onde percebemos, no seu dia-a-dia, as relações sociais praticadas pelos indivíduos e grupos os quais se encontram e estabelecem convivência, reforçando o sentimento de pertencimento tanto aos grupos quanto ao espaço. Durante a pesquisa realizamos várias incursões a campo em dias e horários distintos, pois a observação e mesmo a convivência no dia-a-dia com grupos e pessoas frequentadoras desses espaços possibilitou compreender como essa sociabilidade e sentimento de pertencimento a um grupo e ao próprio lugar acontece. Como procedimento metodológico utilizamos a etnografia. Lançando mão de técnicas de pesquisa como a observação, a qual pressupõe tempo do pesquisador no campo e a entrevista semiestruturada, onde implica perguntas abertas feitas oralmente, na qual o investigador pode acrescentar questões a um roteiro previamente estabelecido, como também pode instigar as respostas dos entrevistados. Essas entrevistas foram direcionadas aos frequentadores dos espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira. Em meio a estes espaços, onde indivíduos e grupos distintos se reúnem motivados pelas mais variadas razões e sentimentos, torna-se possível encontrar relações sociais nas quais a vida em sociedade se desenvolve. Com o decorrer dessa pesquisa percebemos o quanto esses espaços são relevantes no contexto da cidade, como espaços os quais possibilitam a sociabilidade e que produzem o sentimento de pertencimento, tanto no sentido de um grupo social, como em relação ao próprio espaço. Esse sentimento de pertencer é resultado de uma vivência baseada em um movimento no qual envolve o indivíduo com outras pessoas, derivando assim, na construção de uma identidade pessoal e coletiva. Podemos dizer que o sentimento de pertencer ao espaço da Praça da Bandeira e ao “Calçadão” da Cardoso Vieira, se evidencia no fato desses espaços serem lócus de práticas sociais nos quais encontramos as mais variadas redes de sociabilidades estabelecidas diariamente.

Palavras-chaves: Espaço urbano, Praça da Bandeira, “Calçadão” da Cardoso Vieira, sociabilidade e pertencimento.

ABSTRACT

This work focuses on analyzing the sociability and sense of belonging in the urban space, specifically in the city center of Campina Grande. In areas such as the Flag Square and "Boardwalk" of Vieira Cardoso, where we realize, in their day-to-day social relations practiced by individuals and groups who meet and establish coexistence, strengthening the feeling of belonging to both groups in space. During the research we conducted several raids in the field different days and times, as the same observation and the living day-to-day with groups and individuals attending these spaces as possible to understand this sociability and sense of belonging to a group and to place himself occurs. As methodological procedure used ethnography. Drawing on research techniques such as observation, which requires time researcher in the field and semi-structured interview, which involves open questions asked orally, in which the researcher can add questions to a predetermined script, it can also instigate responses from interviewed. These interviews were directed to the patrons of the spaces Flag Square and the "Boardwalk" of Vieira Cardoso. Amid these spaces where individuals and groups gather distinct motivated for various reasons and feelings, it becomes possible to find social relations in which life in society develops. In the course of this research we realized how these spaces are relevant in the context of the city, as spaces which enable sociability and produce a feeling of belonging, both in the sense of a social group, as compared to the space itself. This feeling of belonging is the result of an experience based on a movement in which involves the individual with others, thus deriving, the construction of a personal and collective identity. We can say that the feeling of belonging to the space of Flag Square and the "Boardwalk" of Vieira Cardoso, is evidenced by the fact that these spaces are the locus of social practices in which we find the various networks of sociability established daily.

Keywords: Urban space, Square Flag, "Boardwalk" of Vieira Cardoso, sociability and belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da Praça da Bandeira.....	57
Figura 2 – Antiga Praça da Bandeira.....	58
Figura 3 – Localização do Calçadão da Cardoso Vieira.....	81

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Praça da Bandeira	23
Foto 2 – Calçadão da Cardoso Vieira.....	23
Foto 3 – Banca de revista da praça.....	59
Foto 4 – Senhores conversando sobre as notícias relatadas no jornal.....	59
Foto 5 – Moradia dos pombos	60
Foto 6 – Monumento erguido na praça.....	62
Foto 7 – Ponto de moto-taxistas	62
Foto 8 – Parlatório.....	62
Foto 9 – Placa que registra o nome Praça da Bandeira	63
Foto 10 – Espaço de venda de livros, revistas e cordéis	63
Foto 11 – Engraxate trabalhando no “galpão”	64
Foto 12 – Café Aurora.....	64
Foto 13 – Senhores conversando após saírem do Café	65
Foto 14 – Bancos da Praça da Bandeira	66
Foto 15 – Carrinho de Lanches na Praça.....	66
Foto 16 – Culto evangélico realizado na praça.....	67
Foto 17 – Apresentação de grupo musical.....	68
Foto 18 – Público presente na apresentação cultural	68
Foto 19 – Barraca de produtos naturais.....	69
Foto 20 – Crianças brincando com os pombos na Praça da Bandeira.....	71
Foto 21 – Crianças brincando de futebol na praça à noite.....	72
Foto 22 – Senhores conversando na Praça da Bandeira	73
Foto 23 – Senhores jogando na Praça da Bandeira à noite.....	75
Foto 24 – Jovem fumando	76

Foto 25 – Casal de namorados na praça	76
Foto 26 – Interação entre idades diferentes	78
Foto 27 – Placa homenageando Jimmy de Oliveira	81
Foto 28 – Imagem do início do “Calçadão”	82
Foto 29 – Expansão do “Calçadão”	82
Foto 30 – Edifício Lucas e Loja do Treze	83
Foto 31 – Farmácia do Trabalhador	84
Foto 32 – Loteria	84
Foto 33 – Trailers do “Calçadão”	84
Foto 34 – Farmácia Redepharma	85
Foto 35 – Loja de revelação de fotos	85
Foto 36 – Lanchonete do "Calçadão"	86
Foto 37 – Correios inativo	86
Foto 38 – Coffe e Chopp	86
Foto 39 – Loja de material fotográfico	86
Foto 40 – Bancos do “Calçadão”	87
Foto 41 – Policiamento no “Calçadão” no dia 23 de Maio de 2012	88
Foto 42 – Vendedor de celular no “Calçadão”	89
Foto 43 – Senhores conversando no “Calçadão”	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	17
O DESAFIO DA PESQUISA.....	17
1.1 – Falando sobre a etnografia.....	18
1.2 – Justificando a metodologia.....	20
1.3 – O campo.....	21
1.4 – Sujeitos da pesquisa.....	25
CAPÍTULO II.....	27
CIDADE E SOCIABILIDADE.....	27
2.1 – Definindo cidade.....	28
2.2 – Espaços Públicos: espaços da sociedade.....	31
2.3 – O centro da cidade: interações sociais no espaço público.....	33
2.4 – Sociabilidade.....	36
2.4.1 – A origem do conceito.....	36
2.4.2 – Uma nova forma de olhar.....	38
2.5 – A conversa enquanto meio de sociabilidade.....	40
2.6 – A importância do espaço no exercício da sociabilidade.....	42
2.6.1 – As categorias.....	44
2.7 – O território: sentimento de pertencimento.....	49
2.8 – Lugares e Não Lugares.....	51
2.8.1 – Os excessos da modernidade.....	51
2.8.2 – Não Lugares?.....	53
CAPÍTULO III.....	56
ANALISANDO OS ESPAÇOS DA PRAÇA DA BANDEIRA E DO “CALÇADÃO” DA CARDOSO VIEIRA.....	56
3.1 – Surgimento e importância da Praça da Bandeira.....	57
3.2 – As transformações do espaço praticado.....	58

3.3 – Exemplificando sociabilidade através dos atores sociais presentes na Praça da Bandeira.....	70
3.3.1 – Sociabilidade entre crianças.....	70
3.3.2 – “Essa praça só tem véi”!.....	72
3.3.3 – Juventude na praça.....	76
3.3.4 – Apenas trabalho!.....	79
3.4 – Um pouco sobre a história do “Calçadão” da Cardoso Vieira.....	80
3.5 – Apresentando o espaço atual do “Calçadão”.....	83
3.6 – Exercendo práticas sociais no “Calçadão”.....	87
3.6.1 – A “Praça dos aposentados”.....	90
3.6.2 – Um espaço masculino!.....	93
3.7 – O andarilho: costurando os espaços na Praça da Bandeira e do “Calçadão”	95
3.8 – A importância dos espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira para a sociabilidade e construção de identidade.....	98
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 103
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 107
 APÊNDICE.....	 110

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação consiste em estudar o processo de sociabilidade e o sentimento de pertencimento no centro da cidade de Campina Grande – PB, na Praça da Bandeira localizada na Floriano Peixoto, frequentada por um vasto público como estudantes, trabalhadores de lojas comerciais, grupos religiosos, engraxates entre outros, e no “Calçadão” da Cardoso Vieira localizado entre as ruas Marques do Herval e Venâncio Neiva, frequentado basicamente por homens, entre os quais homens idosos.

Um dos processos fundamentais da vida do ser humano é o convívio em sociedade, o qual proporciona um fenômeno social conhecido como sociabilidade. Esta se caracteriza por ser um elemento no qual proporciona o contato entre pessoas. A sociabilidade instaura meios pelos quais os indivíduos estabelecem ligações de forma concreta.

A temática da sociabilidade e pertencimento se apresenta como um caminho para compreendermos mais sobre a convivência em sociedade, como os indivíduos no seu dia-a-dia se portam em meio a um contexto no qual vai além da esfera individual.

O conceito de sociabilidade teve sua origem no campo da sociologia através de Georg Simmel, este observou como era possível viver em sociedade, buscando-a apreender como algo formado a partir das interações sociais.

Simmel expôs que os indivíduos vivem em interação uns com os outros formando uma sociedade, ou seja, para Simmel a sociabilidade só se tornava possível “entre iguais”, entre pessoas da mesma classe, seria uma sociabilidade classista. Porém com o passar do tempo esse conceito foi sendo modificado e uma das principais influências para a modificação desse conceito foi a Escola de Chicago mediante estudos de seus pesquisadores.

A sociabilidade se evidencia em qualquer espaço ou ambiente no qual se estabeleçam as relações sociais, seja no campo, na cidade, nos lugares mais longínquos ou mais remotos, necessita-se apenas de pessoas que compartilham interesses, crenças, ideologias, propósitos, entre outros pontos em comum.

Estar junto mostra a necessidade que o indivíduo tem de estabelecer relações sociais, as quais permitem este mesmo indivíduo pertencer a inúmeros grupos que podem apresentar traços comuns ou divergentes.

Maurice Halbwachs no livro “A memória coletiva” propõe que o indivíduo nunca está sozinho porque há em nós um pouco das pessoas, ou seja, o autor mostra a existência de uma

conexão com as outras pessoas, porém vamos além de uma ligação entre pessoas, mas abordando também uma ligação dos indivíduos com o espaço frequentado, ou seja, o homem sempre está em relação seja com o outro ou com um território.

O espaço urbano se apresenta como um reflexo da sociedade, constantemente alvo de transformações, lugar das diversas classes sociais e de grupos os quais vivem e reproduzem os seus valores e crenças, criando uma dimensão simbólica, ou seja, a cidade não se limita a um amontoado de prédios e construções arquitetônicas, mas apresenta diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, valores e crenças, refletindo toda uma dinâmica social que mostra como os indivíduos constituem uma sociedade e como exercem práticas sociais nas quais resultam em um processo de organização que configura tempo e espaço.

A escolha desses espaços urbanos, a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira, devem-se pelo fato destes se tornarem relevantes para pensarmos sobre a cidade, e como as relações sociais, no espaço urbano, podem iniciar pelos mais variados motivos ou “impulsos”, fazendo com que as pessoas se encontrem e se reconheçam como portadoras dos mesmos códigos simbólicos, reforçando assim, um sentimento de pertencimento aos grupos como também ao lugar.

Estes espaços, por se localizarem em uma área central da cidade, recebem diariamente centenas de pessoas provindas de todos os cantos de Campina Grande. Essa situação permite uma amostra significativa de pessoas e grupos de praticamente toda a cidade.

Nestes espaços conseguimos identificar algumas distinções, como o fato de serem frequentados por grupos de pessoas diferentes, apesar desses dois lugares, em termos geográficos, se localizarem próximos.

Isso mostra o espaço urbano como algo extremamente regrado, diferenciado e porque não dizer separado (apesar da localização da Praça da Bandeira ser próxima ao “Calçadão”), onde a sociabilidade é constante através de grupos e indivíduos os quais utilizam esses espaços de múltiplas formas, onde se encontram e nas suas atitudes fazem com que a vida em sociedade aconteça no espaço da cidade.

Para algumas pessoas estes espaços servem apenas como ponto de ligação entre ruas, ou caminhos os quais levará a um lugar específico, ou pode-se pensar que são atravessados por pessoas sem qualquer consciência de que se está passando pela Praça da Bandeira ou pelo “Calçadão” da Cardoso Vieira, se tornando assim um não lugar, mas basta parar um pouco e observar que logo percebemos pessoas conversando umas com as outras, crianças interagindo entre si, estudantes que vão para praça conversar depois da aula, ou seja, aquilo que a princípio pode ser caracterizado como um não lugar, para algumas pessoas, se torna um

espaço praticado e consegue obter significado para outras pessoas. A Praça da Bandeira não é algo que está ali por acaso ou como parte da estrutura arquitetônica da cidade, como também o “Calçadão”, esse espaço não é só um local de comércio, mas se caracteriza por ser alvo de reprodução das relações sociais existentes na cidade. Em ambos os espaços podemos ver as pessoas compartilhando as mais variadas situações, seja na troca de informações, de favores, de comentários, enfim, são espaços praticados nos quais a sociabilidade se torna evidente.

Então, mediante este contexto de relações entre as pessoas, compreendemos a sociabilidade como um fenômeno social que ocorre entre os indivíduos através da gentileza, da simpatia, da afetividade, da troca de conhecimentos, de interesses, de conflitos ou apenas no fato de estar em grupo, expressão máxima do que venha ser a sociabilidade no espaço urbano, especificamente no Centro da cidade de Campina Grande através de ambientes como a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira.

Para o exercício prático dessa investigação, optamos por uma pesquisa qualitativa, na qual entendemos que esse tipo de pesquisa, de caráter exploratório, proporcionou aprofundar sobre o objeto dessa pesquisa a partir das percepções dos próprios atores sociais que fazem parte desses espaços, sendo assim, realizamos várias incursões a campo em dias e horários distintos da semana, pois a observação e mesmo a convivência no dia-a-dia com grupos e pessoas frequentadoras desses espaços nos ajudaram a compreender como a sociabilidade e sentimento de pertencimento a um grupo e ao próprio lugar são construídos em meio a esses espaços públicos.

Utilizamos como metodologia a etnografia por meio da qual a observação e a entrevista semiestruturada mostraram como as pessoas interagem umas com as outras e com o espaço. Fazendo uso de um gravador, câmera fotográfica e um diário de campo, conseguimos desvendar um pouco mais sobre o mosaico de relações sociais que o espaço urbano apresenta.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos: o primeiro traz uma reflexão sobre o trabalho de campo, nele são detalhados os procedimentos metodológicos que foram utilizados no decorrer da pesquisa. Esboçamos um pouco sobre o surgimento da etnografia e a importância desta para as pesquisas sociais, como também o porquê de sua escolha para o exercício prático dessa pesquisa. Neste momento também relatamos sobre o porquê do campo que estamos abordando (a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira) e quais os atores sociais que foram selecionados para aplicação das entrevistas.

O segundo capítulo tem o propósito de oferecer ao leitor os caminhos teóricos que traçamos, fazendo um diálogo com autores como Georg Simmel, Robert Park, Michel Maffesoli, José G. Magnani, Luis Wirth, Tereza Caldeira, Arthur Frúgoli, entre outros que

contribuíram com estudos a respeito da cidade e do fenômeno da sociabilidade. Neste momento abordamos a sociabilidade, como surgiu e como se modificou com o passar do tempo, além de tratar sobre os elementos que tornam possível a existência desse fenômeno social.

No terceiro capítulo falamos sobre os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira. Neste momento mostramos o surgimento e importância desses espaços para a cidade de Campina Grande, as transformações que ocorreram nesses espaços no decorrer dos tempos e qual o público que frequentava e que frequenta estes espaços, ou seja, as transformações do espaço praticado. Também fazemos uma descrição detalhada tanto da estrutura física quanto dos grupos sociais e pessoas as quais frequentam a Praça e o “Calçadão”. Neste capítulo na medida em que descrevemos também analisamos situações as quais se apresentam nesses campos de pesquisa, mostrando como esses espaços são transformados em lugares de encontros e desencontros, de reconhecimento entre pessoas, as quais compartilham de códigos comuns. Concluímos esse capítulo focalizando a importância da praça e do “Calçadão” para a construção de uma identidade individual, coletiva e também territorial.

CAPÍTULO I

O DESAFIO DA PESQUISA

O momento da pesquisa é algo instigante porque certo olhar direcionado transforma um espaço do cotidiano das pessoas, aquilo que seria comum, em objeto de observação, de análise. Observar o que ocorre, escutar as conversas, as quais você não faz parte, interpretar os olhares, proporciona sensações interessantes para o pesquisador.

A curiosidade de estudar os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” ocorreu bem antes de entrarmos no mestrado, no momento da graduação em disciplinas como Sociologia Urbana e Etnografia, as quais nos proporcionaram os primeiros passos para o exercício da pesquisa, exigindo ultrapassar as barreiras dos preconceitos, daquilo que já está posto, para alcançarmos aspectos que são relevantes para uma reflexão sociológica.

A questão da sociabilidade sempre foi algo que nos interessou e que esteve presente nas primeiras experiências em campo, então, nada mais motivador do que estudar algo o qual lhe dar prazer, despertando interesse e curiosidade. Restava então o impasse: Onde a sociabilidade seria analisada? Por morar em Campina Grande e gostar muito da cidade e de sua história estes fatores foram fortes para que o estudo tivesse como lócus essa cidade, porém ainda era muito genérico e necessitava de uma delimitação, é aí que entra em cena a Praça da Bandeira e o “Calçadão”.

Esses dois locais foram escolhidos porque a Praça da Bandeira fez parte da minha infância e era uma festa quando minha mãe, minha irmã e eu íamos ao centro e parávamos um pouco para brincarmos na praça. Já o “Calçadão” nos desperta curiosidade por ser um espaço estigmatizado pelas pessoas da cidade por ser frequentado principalmente por homens, dentre os quais idosos, sendo conhecido como a “praça dos aposentados”, oferecendo uma conotação de pessoas as quais não fazem nada durante todo dia, se encontrando a margem da sociedade, esta, caracterizada pela obrigação de se estar produzindo.

Para o leitor entender como trabalhamos, neste capítulo, vamos relatar um pouco sobre os métodos utilizados e a metodologia escolhida, a qual nos proporcionou o contato direto com o objeto de pesquisa, aplicando-a não só mediante teorias ou pensamentos os quais nos nortearam antes e depois das nossas visitas a Praça da Bandeira e ao “Calçadão” da Cardoso Vieira, mas principalmente como caminho que possibilitou entender a sociabilidade e o sentimento de pertencimento, que ocorrem nesses espaços, a partir daqueles que fazem parte do contexto pesquisado.

1.1 Falando sobre a Etnografia

Em meados do século XIX surgem os primeiros pesquisadores adotando a etnografia. Malinowski foi o primeiro representante desta metodologia, registrada na sua obra *Os Argonautas do Pacífico* de 1922. Esta obra se apresenta como uma narrativa sobre a vida dos nativos trobriandeses e sobre o trabalho de campo etnográfico.

Malinowski apresenta que o principal objetivo da pesquisa etnográfica de campo é “estabelecer um contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes”, (MALINOWSKI, 1976, p. 28), ou seja, a etnografia pressupõe um método de investigação no qual é preciso identificar, em determinado grupo, quais são as atividades consideradas por estes relevantes e quais atividades se apresentam irrelevantes, para com isso, o etnógrafo construir “o quadro da grande instituição, de modo muito semelhante ao do físico ao construir sua teoria” (MALINOWSKI apud DURHAN 1978, p. 59).

Nesta obra Malinowski relata toda a sua experiência nas ilhas do Pacífico, descrevendo o *Kula*, caracterizado como um sistema de trocas regular, permanente e intertribal, no qual tem um forte poder sobre a vida dos nativos, sendo realizado por comunidades as quais se localizam em um imenso círculo de ilhas, formando assim um ciclo fechado. Ao longo desse ciclo dois artigos são trocados os *soulava* (colares feitos de conchas vermelhas) e *mwali* (braceletes), tais objetos circulam em direções opostas, mas em determinados momentos se encontram e são trocados, impossibilitando a retenção desses. O *Kula* se apresenta como uma relação entre objetos e pessoas, abrangendo várias esferas da vida dos nativos, como o comércio, as expedições marítimas, as realizações de cerimônias entre outras, formando uma instituição ampla e complexa.

Através desse fenômeno, Malinowski conseguiu apreender as particularidades da cultura trobriandesa, entendendo que a etnografia deve abranger a totalidade dos fenômenos, não se limitando a estudar apenas uma esfera do grupo, mas a interconexão de variados aspectos da cultura para alcançar as suas ramificações e manifestações.

Malinowski consegue mostrar a riqueza de sua análise, através da etnografia, feita entre os trobriandeses, a qual emerge mediante a rejeição do simplificar, mas brota da realização de uma pesquisa a qual pretendeu complexificar aquilo que a princípio parecia óbvio, ultrapassando os limites do observável, ou seja, do que já era possível perceber, ele mostra e convence de que para acontecer uma boa etnografia é primordial o pesquisador ter o contato com o outro, ir a campo.

Ressaltamos também a clássica etnografia de Clifford Geertz sobre a briga de galos Balinesa, mostrando que o trabalho de campo em determinados momentos proporciona situações complicadas, mas também satisfatórias.

Geertz consegue apreender uma série de apontamentos sobre a briga de galos em Bali, chegando a conclusões de que a briga de galo não se resume a uma briga entre animais, mas o galo se apresenta como uma extensão da vida social, e sendo assim, está intrínseca uma série de questões envolvendo o modo de vida balinês, como por exemplo, um homem não pode apostar contra o galo de um parente, deve apoiar sempre o galo de grupos aliados e nunca de grupos rivais, além de perceber que os galos podem ser substituídos pelas personalidades de seus proprietários. Estas disputas também são brigas de status que apesar de serem pleiteadas através dos galos não alteram a situação na qual o indivíduo se encontra.

Nessa obra é relatada uma das situações mais interessantes mostradas em uma etnografia, situação a qual um pesquisador pode passar imerso no campo de pesquisa. Geertz relata que as brigas de galo são ilegais em Bali, e em meio a uma dessas brigas de galo ilegais uma situação inesperada acontece com este antropólogo e a sua esposa, também pesquisadora, que estava em campo lhe acompanhando. Ele relata:

No meio da terceira rinha (...) um caminhão cheio de policiais armados de metralhadoras, surgiu como bloco único em torno da rinha (...), os policiais saltaram do caminhão, pularam para o meio da rinha e começaram a apontar suas armas ao redor (...). As pessoas corriam pela estrada, pulavam muros, escondiam-se sob plataformas (...) minha mulher e eu decidimos, alguns minutos mais tarde que os demais, que o que tínhamos a fazer era correr também (...). Na metade do caminho, mais ou menos, outro fugitivo entrou subitamente num galpão (...). Quando nós três chegamos ao pátio interno, sua mulher, que provavelmente já estava a par desses acontecimentos, apareceu com uma mesinha, uma toalha de mesa, três cadeiras e três chávenas de chá, e todos nós, sem qualquer comunicação explícita, nos sentamos, começamos a beber o chá e procuramos recompor-nos. Alguns momentos mais tarde, um dos policiais entrou no pátio (...) vendo minha mulher e eu, 'brancos', lá no pátio, o policial executou a clássica aproximação dúbia. Quando recobrou a voz, ele perguntou, em tradução aproximada que diabos estávamos fazendo ali. Nosso hospedeiro de cinco minutos saltou instantaneamente em nossa defesa (...). O policial retirou-se completamente arrasado (...). Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixamos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro das atenções (...). Ser apanhado, ou quase apanhado, numa incursão policial ao vício talvez não seja uma receita muito generalizada para alcançar aquela necessidade misteriosa do trabalho de campo antropológico (...) mas para mim ela funcionou admiravelmente. Levou-me a uma aceitação súbita e total, não-habitual, numa sociedade extremamente avessa à penetração de estrangeiros¹.

Através desse trecho etnográfico Geertz alerta para as situações inesperadas as quais o trabalho de campo proporciona, mas, que serão decisivas para aceitação no grupo.

¹ GEERTZ; *Um jogo absorvente. Notas sobre a briga de Galos Balinesa*. (p. 281-282)

1.2 Justificando a metodologia

Através da etnografia o pesquisador consegue registrar as mais variadas culturas, podendo estas se referir a grupos ditos “primitivos” como também interpretar grupos localizados em setores urbanos. O fazer etnográfico não se limita apenas a grupos específicos, mas também pode ser voltado para outros domínios transformando assim, segundo Geertz, todos em nativo.

No Brasil esse interesse por uma pesquisa no espaço urbano começa nos anos 70, mediante as várias transformações as quais estavam ocorrendo no setor urbano, especificamente na cidade de São Paulo, então temas como o papel da mulher na família, sexualidade, formas de lazer, política, participação em grupos políticos, entre outros, passam a ser de interesses de antropólogos e sociólogos.

A utilização da etnografia nessa pesquisa não ocorreu de forma aleatória ou por acaso, tivemos como modelo a pesquisa que o professor José Magnani fez em São Paulo, a qual mostra etapas para que a etnografia seja bem aplicada.

Fazendo uma descrição detalhada de uma etnografia na cidade, a qual permite assim como em qualquer outro lugar identificar e compreender códigos, que a princípio parecem elementares, mas que há toda uma lógica a qual antecede ou estrutura a existência das relações sociais, o autor mostra a importância de recortar aquilo que se quer estudar na cidade sem desvinculá-lo das “demais dimensões da dinâmica vida urbana” (MAGNANI, 1996, p.47), apresentando que o fazer etnográfico na cidade permite entrar em questões específicas para depois podermos relacioná-las com questões gerais, presentes num contexto maior, ou seja, estudar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento na praça e no “Calçadão” é o nosso recorte, mas estes pontos não estão desvinculados do contexto maior da cidade, não é algo específico desses espaços.

Como a própria palavra expressa, etnografia remete a descrição, a qual se concretiza através da escrita, caracterizada por ser a forma concreta do pensamento humano como também da sua fala, porém a etnografia,

(...) não é uma mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação e, se não se propõe a algum, o que vai presidir e orientar esse primeiro olhar é o senso comum. Que é o que, precisamente, se pretende evitar².

² MAGNANI, *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p. 37)

Ou seja, a etnografia perpassa os limites de uma simples descrição, nela há etapas que devem ser seguidas. E uma primeira etapa, apresentada por Magnani, mostra a importância de conhecer o campo através da caminhada, a qual permite “treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida” (MAGNANI, 1996, p. 36).

Para analisar o exercício da caminhada, Magnani apresenta a diferença entre o andar frenético e distraído da caminhada do usuário habitual, do passeante descomprometido e do pesquisador. Ele diz:

No primeiro caso, o do usuário, o percurso é um meio para atingir algum ponto: assim, ele recolhe apenas as informações estritamente necessárias para seu objetivo, como sinais de trânsito, fluxo de carros, obstáculos, transeuntes etc. Para o usuário habitual, o espaço é familiar, no caso do turista ou do passeante, existe a observação do entorno, só que sujeita ao sabor dos imprevistos e ao caráter errático da caminhada. O pesquisador, ao contrário, mesmo numa caminhada de reconhecimento, tem um plano preestabelecido, e seu caminhar, mais lento do que o do passeante, deve permitir uma observação contínua e seguir o fluxo do andar e parar³.

O autor ainda faz a ressalva de que a caminhada do pesquisador deve ser sistemática, mas não exaustiva, instigando o pesquisador utilizar os seus estímulos sensoriais no percurso, olhos, ouvidos e nariz voltado para a paisagem que está ao seu redor. Esse exercício para Magnani não visa buscar o inusitado, mas o que é padrão, o qual já está presente naqueles os quais frequentam os espaços.

Caminhar na Praça da Bandeira e no “Calçadão” foi um primeiro passo para um reconhecimento além do senso comum, chegar nesses espaços com o objetivo de observá-los fez com que enxergássemos e percebêssemos situações e/ou elementos físicos os quais antes não eram percebidos, apesar de estarem lá a todo o momento e de suas regularidades, mostrando assim características da vida em sociedade, da sociabilidade.

1.3 O campo

A história da cultura conta com a existência de inúmeras etnografias as quais se apresentam como clássicas. Mediante os vários exemplos de etnografias as quais foram escritas no decorrer da história da antropologia, é possível observar um elemento essencial para o fazer etnográfico: o campo.

O lócus se caracteriza como um recorte espacial o qual corresponderá a um espaço empírico determinado. Munido do arcabouço teórico, o pesquisador para fazer a etnografia

³ MAGNANI, *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p. 37)

precisa ter a experiência de viver em campo, pois este espaço, que ultrapassa os limites físicos, contém as relações sociais as quais se encontram imersas em códigos. Estes códigos precisam ser interpretados para encontrar as respostas as quais o pesquisador necessita para descrever e compreender o seu objeto de estudo.

O trabalho de campo permite à aproximação do pesquisador com a realidade (esta podendo se apresentar de forma familiar, quando o campo já é conhecido pelo pesquisador, o qual deverá fazer o exercício de estranhamento desse campo, ou o campo pode se apresentar de maneira completamente exótica, exigindo assim do pesquisador o exercício inverso, se familiarizar com esse campo desconhecido) sobre a qual possui indagações, este pesquisador, portanto, deve está preparado para situações nas quais a realidade pode casar com as teorias estudadas, como também o inverso, em que não há uma ligação entre a teoria e a realidade estudada.

O trabalho de campo possui tamanha importância para que a etnografia seja bem executada, ressaltando que este, deve ser realizado a partir de referenciais teóricos e operacionais:

Pela sua importância o trabalho de campo deve ser realizado a partir de referenciais teóricos e também de aspectos operacionais. Isto é, não se pode pensar num trabalho de campo neutro. A forma de realizá-lo revela preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo como vai recolhê-los. Esse cuidado é necessário porque o campo da pesquisa social não é transparente e tanto o pesquisador como seus interlocutores e observados interferem no conhecimento da realidade. Essa interferência faz parte da própria natureza da pesquisa social que nunca é neutra⁴.

O campo o qual pesquisamos corresponde a duas áreas bastante conhecidas pelos campinenses, ambos estão localizados no centro da cidade de Campina Grande: A Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira.

⁴ MINAYO; *Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta*. (p. 63)

Foto 1 – Praça da Bandeira



Fonte: Pesquisa de Campo (08/11/2012)

Foto 2 – Calçadão da Cardoso Vieira



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Esses dois espaços apresentam duas características bem interessantes. Primeira característica, fazem parte do centro e isso proporciona uma representação, não total, mas parcial, das pessoas da cidade. Segunda característica são espaços em que há uma constante movimentação, com suas respectivas particularidades.

Poderíamos escolher apenas um espaço para analisar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento em Campina Grande, a praça ou o “Calçadão”, porém, optamos pesquisar ambos os espaços porque eles representam de forma evidente o contexto maior que é a cidade além de apresentarem características singulares e comuns.

Em termos de distância estão separados por, aproximadamente, 90 metros correspondendo a um minuto de caminhada, porém o público encontrado na Praça da Bandeira diverge muito do público encontrado no “Calçadão”, e esse fato proporciona sociabilidades distintas, embora haja pessoas as quais frequentam tanto a praça quanto “Calçadão”, quer dizer, de alguma forma são espaços que “conversam” entre si.

Ambos os espaços demonstram ritmos diferentes de movimentação, durante o dia o movimento de pessoas nesses espaços geograficamente próximos é intenso, no entanto, à noite a movimentação ocorre apenas na Praça da Bandeira, no “Calçadão” a movimentação é inexpressiva, ocorrendo apenas em seus arredores.

Por serem espaços públicos não tivemos nenhum empecilho para adentrá-los, foram tranquilas as visitas, porém em alguns momentos tivemos dificuldade no exercício da própria pesquisa, porque sempre que passava alguma pessoa que nos conhecia havia a interrupção da observação ou de uma conversa com um dos nossos informantes.

Durante a pesquisa fomos a esses campos, oficialmente, 22 vezes, sendo 13 visitas a Praça da Bandeira e 9 visitas ao “Calçadão” da Cardoso Vieira (sem contar às vezes as quais íamos ao centro e passávamos por esses espaços), em horários que foram de 7 horas da manhã até às 22 horas da noite e em dias variados, com o objetivo de apreender ao máximo o cotidiano desses espaços, como eles funcionam.

As nossas visitas⁵ oficiais a campo tiveram início no dia 3 de Maio de 2012 e se estenderam até o dia 05 de Dezembro de 2012, geralmente ocorreram sozinha, porém duas reuniões de orientação, com o professor, ocorreram no “Calçadão” e isso foi bastante proveitoso porque falamos sobre o “Calçadão” sentindo como é o seu movimento. Nessas visitas a campo sempre estávamos munidos do nosso diário de campo, da máquina fotográfica e do gravador, instrumentos de grande valor para uma pesquisa etnográfica, ajudando a recordar de algumas situações, já que uma das características dos campos pesquisados é o dinamismo constante.

O diário de campo teve como finalidade registrar o máximo de acontecimentos presenciados nesses espaços, o qual mediante uma análise mostrou o que é regular ou não no cotidiano desses espaços. Com a máquina fotográfica conseguimos, além de registrar como esses espaços se apresentam fisicamente, registrar situações de sociabilidade nesses espaços

⁵ Na Praça da Bandeira as visitas para observações ocorreram nos dias: 03/05/2012; 17/05/2012; 10/05/2012; 30/05/2012; 01/11/2012; 06/11/2012; 08/11/2012; 12/11/2012; 27/11/2012 e 04/12/2012, para a aplicação das entrevistas reservamos os dias: 18/12/2012; 19/12/2012 e 04/01/2013. No “Calçadão” as visitas para observações aconteceram nos seguintes dias: 08/05/2012; 15/05/2012; 17/05/2012; 26/05/2012; 01/06/2012; 07/07/2012 e 27/12/2012, as entrevistas foram realizadas nos dias: 04/01/2013 e 05/01/2013.

mostradas no decorrer desse trabalho. E por fim o gravador responsável por cristalizar no tempo as falas dos entrevistados. Falando das entrevistas foram aplicadas 17 entrevistas, 12 entrevistas na Praça da Bandeira e 5 entrevistas no “Calçadão” da Cardoso Vieira.

Essa diferença ocorre pelo fato de que na praça há uma variedade maior de grupos frequentadores desse espaço, então para abarcar uma maior multiplicidade de pessoas resolvemos aplicar um número maior de entrevistas, diferentemente do “Calçadão” o qual não apresenta essa variedade se comparado à praça.

Como dissemos, a variedade de pessoas e grupos na Praça da Bandeira é grande e por isso não conseguiríamos abrangê-los em sua totalidade, sendo assim, escolhemos pessoas ou grupos presentes em nossas observações, como os senhores idosos, os jovens, pessoas que trabalham na praça e pessoas que utilizam esse espaço para descansar, a cada grupo desses foram aplicadas 3 entrevistas. Dos 12 entrevistados na praça, 4 entrevistados não permitiram a gravação da conversa, das oito entrevistas restantes temos o áudio de 4 em perfeitas condições, o áudio de 1 entrevista aproveitamos uma parte e 3 não conseguimos em nada aproveitar por causa do barulho excessivo que ocorria no dia da aplicação das entrevistas. Já as cinco entrevistas aplicadas no “Calçadão” conseguimos ter o áudio de todas as entrevistas em perfeitas condições.

Adentrar no campo possibilitou ver e compreender como as redes sociais são estabelecidas nesses espaços, e como cada ator social possui um papel fundamental para que a trama da realidade cotidiana seja construída no espaço da praça e do “Calçadão”.

1.4 Sujeitos da pesquisa

Anteriormente citamos as pessoas selecionadas para a aplicação das entrevistas, entretanto falaremos um pouco mais sobre essas pessoas com o objetivo de oferecer um pouco mais de detalhes.

Na Praça da Bandeira foram observados inúmeros sujeitos, porém entrevistamos 12 pessoas, entre as quais se encontram homens entre a faixa etária de 64 a 85 anos, aposentados, moradores de bairros como Jeremias, Alto Branco e do próprio Centro, frequentadores assíduos da praça no mínimo há 20 anos e que se encontram em qualquer dia durante a semana chegando há permanecerem 7 horas por dia conversando com amigos. Falamos também com algumas pessoas as quais trabalham na praça, pela prefeitura, limpando a praça ou sendo responsáveis por sua manutenção e conversamos também com uma vendedora de picolé. Estas pessoas só começaram a frequentar a praça a partir do momento no qual

começaram a trabalhar nela, frequentam a praça diariamente, mas a ver prioritariamente como ambiente de trabalho, pois só as encontramos nos horários de expediente de trabalho, dificilmente em outro momento.

Entrevistamos também alguns jovens entre 17 e 21 anos, alguns frequentadores da praça desde a sua infância quando seus pais o levavam para brincar com os pombos. Nesse grupo encontramos pessoas que chegam a ir diariamente à praça, inclusive finais de semana e feriados para conversar com os amigos.

E por fim conversamos com algumas pessoas que trabalham ao redor da praça, nas lojas comerciais, e a utilizam para descansar, encontrar com os amigos ou para esperar os estabelecimentos comerciais abrirem para trabalharem. A escolha dessas pessoas esteve pautada nas observações, quer dizer, foram pessoas as quais encontramos na maioria das vezes em que fomos observar este espaço da Praça da Bandeira.

No “Calçadão” conseguimos entrevistar 5 homens na faixa etária de 48 a 71 anos, moradores de diferentes bairros da cidade de Campina Grande como o bairro da Palmeiras, Jardim Paulistano, Catolé, Estação Velha, como também do Centro da cidade, alguns frequentam o “Calçadão” há mais de 40 anos, estando fielmente de segunda a sábado, atingindo um média de tempo de permanência desse espaço de 7 horas diárias. A abordagem com essas pessoas ocorreu de forma diferente em relação à praça, é certo que já tínhamos observado e conseguido registrar na memória algumas fisionomias para a aplicação de uma possível entrevista, entretanto quando fomos aplicar as entrevistas no “Calçadão” o inesperado aconteceu, ao término da conversa com o nosso primeiro entrevistado ele me perguntou de quantas pessoas ainda precisava e se havia algum critério de escolha, ao respondê-lo, informei que precisava de mais quatro pessoas e que fossem pessoas as quais estivessem ali com frequência e há um bom tempo, sendo assim, logo me indicou mais três frequentadores do “Calçadão” que concederam prontamente as entrevistas. O quinto entrevistado o encontramos no dia seguinte, um senhor que frequenta tanto a praça quanto o “Calçadão”.

CAPÍTULO II

CIDADE E SOCIABILIDADE

Neste capítulo buscamos mostrar as teorias de alguns autores os quais nos baseamos para a construção de uma linha teórica, a qual respaldasse sobre a questão da sociabilidade e o sentimento de pertencimento, partindo de autores desde a Escola de Chicago até os dias atuais.

Sendo assim este capítulo está dividido em oito seções e partem de uma visão macroestrutural, começando pela ideia de cidade até alcançarmos os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira.

Na primeira seção definimos o que entendemos por cidade. Na segunda seção analisamos os espaços públicos da cidade como espaços onde há o convívio em sociedade. Na terceira seção mostramos o centro da cidade como um exemplo de espaço público, caracterizado por ser bastante intenso no que diz respeito à vida pública. Na quarta seção encontra-se o eixo do capítulo, a sociabilidade, apresentando sua origem e suas reformulações, mostrando que hoje em dia esse conceito, apesar de ser bastante utilizado também é criticado. Na quinta seção apresentamos a conversa enquanto meio para que a sociabilidade se estabeleça. Na sexta seção mostramos como o espaço se torna relevante para o exercício da sociabilidade. Neste momento as categorias apresentadas por Magnani são o eixo norteador. Na sétima seção mostramos como o sentimento de pertencimento não se limita a um grupo de pessoas, apresentando também o sentimento de pertencimento ao espaço o qual se frequenta. Finalmente, na oitava seção são apresentados argumentos sobre a existência de não lugares, com a ambígua situação em que para algumas pessoas tanto a Praça da Bandeira como o “Calçadão” podem ser considerados não lugares, pois são apenas pontos de ligação entre ruas, porém para outras pessoas são espaços de prática da sociabilidade e de se estar com o outro.

Esta construção de ideias mostra como a sociabilidade pode ser compreendida e como se torna relevante para o convívio em sociedade (não é a toa que este tema foi e ainda continua sendo estudado), assim como o pertencer a algum grupo ou espaço se mostra necessário para que o indivíduo estabeleça o vínculo de enraizamento mediante a convivência. Essa reflexão apresenta o espaço urbano como algo que abarca e proporciona a sociabilidade e o sentimento de pertencimento.

2.1 Definindo cidade

A antropologia durante muito tempo voltou os seus estudos para os povos chamados primitivos, porém através de alguns autores clássicos, antropólogos ou não, como Max Weber, Georg Simmel e Ferdinand Tonnies, o olhar para as relações socioculturais também se desenvolveu em direção à cidade.

Além desses autores outro elemento bastante significativo para o estudo da cidade foi o surgimento da Escola de Chicago⁶, nome o qual abarcou um grupo de pesquisadores participantes do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, combinando o estudo dos centros urbanos com conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico.

O quadro social no qual estes autores pertencentes à Escola de Chicago estavam inseridos era de um crescimento acentuado na qual a cidade de Chicago, particularmente nos anos de 1920, vinha passando mediante correntes migratórias que ocasionavam problemas sociais e necessitavam de atenção.

As mudanças pela qual a cidade de Chicago estava passando eram aceleradas, “os grupos que disputavam os espaços eram heterogêneos e a competição, feroz”. (MAGNANI, 1996, p. 23).

Com o ensaio de Park sobre “A cidade: Sugestões para a Investigação do comportamento humano no Ambiente Urbano” a Escola de Chicago se mostraria como um caminho para o estudo de comunidades locais, resultando assim em trabalhos junto com o governo e sendo patrocinada muitas vezes pela “elite assistencial e empresarial”.

Louis Wirth, um dos representantes da Escola de Chicago, no final dos anos 30, ao estudar os espaços urbanos, apresenta a cidade como um lugar da diversidade social, ele diz: “para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1987, p. 96).

Em outra passagem este mesmo autor mostra o caráter influenciador da cidade sobre o indivíduo,

⁶ A Escola de Chicago surgiu nos Estados Unidos na década de 1910, por iniciativa de sociólogos americanos que faziam parte do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. Ficou conhecida por estudos empíricos que realizou sobre temas específicos que abrangiam características inerentes a cidade, temas geralmente que permeavam em torno dos problemas sociais, tal como criminalidade, bolsões de pobreza e desemprego, decorrentes da imigração que ocorria para o Centro e Sul dos Estados Unidos, acarretando um crescimento exacerbado da população de Chicago. Todas essas questões sociais então se tornaram objetos de estudo por vários sociólogos, na tentativa de elaborar teorias e conceitos a respeito desses fenômenos.

As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo⁷.

Essas influências que a cidade exerce sobre a vida das pessoas caracteriza o modo de vida urbano. Ao elaborar um conceito de cidade, o qual abarca características tanto quantitativas quanto qualitativas, definindo a cidade como algo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos caracterizados pela diversidade, Wirth, a partir dessa definição de cidade, elabora sua teoria de urbanismo (que é um modo de vida), contendo um conjunto de proposições sociológicas que são: o tamanho do agregado populacional (número), densidade e heterogeneidade.

Essas variáveis só fazem sentido se analisadas conjuntamente, ou seja, o fator número quando analisado isoladamente, talvez, não informe os aspectos qualitativos das pessoas de determinada cidade, mas quando associado à densidade (que é a medida expressa entre a população e o tamanho do território), conduz a ideia da heterogeneidade, pois, para Wirth, a amplitude das diferenças cresce proporcionalmente a quantidade, ou seja, quanto maior o número de pessoas em um território mais heterogeneidade, maior a diversidade. A partir dessas três variáveis Wirth acreditava ser possível explicar características da vida urbana expondo as diferenças entre as cidades de vários tipos e tamanhos.

A partir dessa colocação de Wirth, pensamos a cidade como um lugar onde pessoas, que não se conhecem, acabam se encontrando, e em determinado momento podem se reconhecerem, apresentando assim, a cidade como um lugar segmentário, utilitarista, onde as relações sociais são fluídas, um lugar de associação humana no qual comporta “um modo distinto de vida dos agrupamentos humanos” (WIRTH, 1987, p. 92).

Uma das características da cidade é ser fragmentada e ao mesmo tempo articulada, sendo constituída por diversos usos, onde os seus agentes sociais exercem práticas sociais resultando em um processo de organização espacial e social. Caracterizada também por ser manifestação do espaço urbano, além de ser uma sucessão de territórios, onde as pessoas de maneira passageira ou não, buscam abrigo e segurança⁸ em meio ao convívio em sociedade, a cidade reflete toda uma dinâmica de diversidade social, não se apresentando apenas como

⁷ WIRTH. *O Urbanismo como modo de Vida*. (p. 90-91)

⁸ Em seu livro “O Tempo das Tribos” Michel Maffesoli também retrata a cidade como um espaço de que proporciona abrigo e segurança.

uma estrutura física, mas como algo que perpassa tal aspecto, como Robert Park (1987, p. 26) mostra em seu texto presente no livro “O fenômeno urbano”.

(...) a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

Park estuda a cidade como um “organismo social”, propondo uma reflexão a qual abarque tanto uma organização física quanto uma ordem moral da cidade, características as quais “interagem mutuamente” produzindo assim um aspecto próprio inerente a cada cidade.

A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, não obstante, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão⁹.

Afirma também que a cidade pode ser analisada através do aspecto geográfico, ecológico e econômico, porém não devemos estudar as cidades apenas mediante estas óticas, ele diz:

Mas essas coisas em si mesmas são utilidades, dispositivos adventícios que somente se tornam parte da cidade viva quando, e enquanto se interligam através do uso de costumes, como uma ferramenta na mão do homem, com as forças vitais residentes nos indivíduos e na comunidade¹⁰.

É perceptível, neste autor, que a cidade é o ambiente do cultural, das tradições, costumes, crenças, usos, entre outras características, e por isso é caracterizada como o “*habitat* natural do homem civilizado”, aspecto significativo para que a sociologia se debruce sobre essa esfera.

As ideias que giram em torno do que é cidade podem abranger definições distintas. Para Michel de Certeau, a cidade se apresenta como um lugar de transformações e apropriações, uma maquinaria e o herói da modernidade. O sociólogo Georg Simmel vê a cidade como um local da divisão do trabalho, onde os seus habitantes têm como característica

⁹ PARK. *A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. (p. 29)

¹⁰ *Ibid.*, p.27.

a “insaciabilidade” fazendo com que os homens lutem uns com os outros pelo lucro, além de ser o espaço onde os indivíduos tem os seu nervos testados a sua máxima potencialidade, resultando assim na indiferença desse indivíduo para com o contexto no qual está inserido. Magnani, assim como Wirth, expõe, a cidade como o lugar da diversidade, aonde os grupos vão além do círculo familiar. Magnani diz:

A cidade, ao contrário, não só admite e abriga grupos heterogêneos (seja do ponto de vista de origem étnica, procedência, linhagens, crenças, ofícios, etc) como está fundada nessa heterogeneidade, pressupõe sua presença: “Seja do tipo que for, a diversidade produzida pelas cidades reside no fato de conter tantas pessoas, tão perto umas das outras e ostentando tão diferentes gostos, habilidades, necessidades, suprimentos e excentricidades” (...). Dessa forma, ao possibilitar um sistema mais amplo de trocas e contatos entre estranhos, amplia os horizontes dos grupos familiares, domésticos, de vizinhança ou quaisquer outros fundados em laços de confiança pessoal e conhecimento direto¹¹.

Todos esses autores, anteriormente citados, proporcionaram aspectos relevantes para pensarmos a cidade além de sua estrutura física, representada por prédios, casas, monumentos, calçadas, praças, esquinas, ruas, lojas comerciais, entre tantos outros espaços que compõe esse grande quebra cabeça. Esses autores permitem pensar a cidade como um espaço no qual as redes sociais são estabelecidas, as relações sociais acontecem das mais variadas formas e nos mais variados espaços, seja nas regiões periféricas ou centrais da cidade, como, por exemplo, praças, ruas e calçadas.

2.2 Espaços públicos: espaços da sociedade

O espaço da cidade proporciona a interação entre indivíduos. Caracterizando-se por ser um espaço de construção e relação identitária, entre pessoas e com o espaço.

A sociedade vive e se organiza através dos encontros e reencontros que as experiências cotidianas proporcionam para os grupos e para os indivíduos. Grupos caracterizados por serem diversificados e que se entrecruzam diariamente uns com os outros concretizando uma diversidade social.

Simmel ao analisar a sociedade a define como um processo de interação (apontamos que essa interação pode ser de forma amigável ou não, ou seja, uns com os outros ou contra os outros), na qual a vida humana é potencializada.

¹¹ MAGNANI. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p.48)

(...) um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço, num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação (...)”¹²

Para Simmel a sociedade significa uma “rede empírica de relações humanas, num dado tempo e espaço” (FRÚGOLI, 2007, p.36), e um dos espaços onde as relações sociais, as interações entre pessoas que se conhecem ou não são possíveis e presenciadas, são nos chamados espaços públicos.

Tereza Pires do Rio Caldeira, ao descrever a cidade, a partir de uma pesquisa realizada em São Paulo¹³, apresenta os espaços que compõe a cidade como algo público,

As ruas abertas à livre circulação de pessoas e veículos representam uma das imagens mais vivas das cidades modernas. Apesar das cidades ocidentais incorporarem várias e até contraditórias versões da modernidade, há um grande consenso a respeito de quais elementos básicos da experiência moderna de vida pública urbana: a primazia e a abertura de ruas; a circulação livre; os encontros impessoais e anônimos de pedestres; o uso público e espontâneo de ruas e praças; e a presença de pessoas de diferentes grupos sociais passeando e observando os outros que passam, olhando vitrines, fazendo compras, sentando nos cafés, participando de manifestações políticas, apropriando as ruas para seus festivais e comemorações, ou usando os espaços especialmente designados para o lazer das massas (parques, estádios, locais de exposições)¹⁴.

O espaço público faz com que as pessoas diariamente se aproximem de sujeitos estranhos e isso proporciona abertura e acessibilidade a diferentes relações sociais. É onde as práticas sociais são criadas e recriadas, contribuindo para se pensar na relação entre espaço, cultura e sociedade, eixos que denotam a “estrutura da própria cidade”.

Para compreender o espaço público é necessário conhecer a diversidade das práticas de seus usos e apropriações pelos indivíduos, importa compreender o espaço público urbano a partir da ideia de que são as práticas sociais, sejam formais ou informais, que dão significados a esses espaços, são lugares onde as pessoas representam papéis.

Erving Goffman mostra que, (lançando mão de uma linguagem teatral), podemos entender o espaço público ou os lugares públicos como lugares de representações onde os

¹² FRÚGOLI. *Sociabilidade urbana*. (p.9)

¹³ Caldeira faz uma pesquisa sobre a violência na cidade de São Paulo mostrando que a reações das pessoas a respeito da violência acabaram resultando em mudanças do próprio espaço urbano, produzindo um novo padrão de segregação espacial.

¹⁴ CALDEIRA. *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. (p.302-303)

indivíduos, os “atores” representam o seu papel de homens públicos, segundo as regras que regem a vida em público ou as relações públicas.

Tereza Caldeira destaca que o espaço público não se apresenta como um “cenário neutro para as expansões sociais. A qualidade do espaço construído inevitavelmente influencia a qualidade das interações sociais que lá acontecem.” (CALDEIRA, 2000, p. 302), ou seja, os espaços públicos não determinam as relações sociais, porém, “os espaços materiais que constituem o cenário para a vida pública influenciam os tipos de relações sociais possíveis neles.” (op.cit., p. 302).

Temos como exemplo as relações desenvolvidas na Praça da Bandeira, durante o dia percebemos determinadas relações sociais como o encontro entre amigos os quais estando na praça para conversarem acabam consumindo o picolé vendido por dona Risomar. Durante a noite com a presença de carrinhos de lanches, alguns vendendo bebidas alcoólicas, são estabelecidos outros tipos de relações sociais, o público é outro, e um dos motivos o qual se deve essa alteração do público é a presença de elementos físicos diferentes.

Porém uma ressalva deve ser feita em relação ao espaço público, este não se apresenta apenas como um ambiente das relações sociais amigáveis, também proporciona encontros os quais a cada dia são mais tensos e até violentos, pois muitas vezes as relações sociais são respaldadas em estereótipos, ou seja, naquilo que aparentemente o outro me apresenta e essa situação faz com que o espaço público seja segregado, repleto de heterogeneidade, contradições e desigualdades.

2.3 O centro da cidade: interações sociais no espaço público

Um exemplo de espaço público na cidade é o centro (local de trabalho, mas também de lazer). O centro de Campina Grande possui lugares considerados relevantes para o município, como museus e teatros (Museu Vivo da Ciência, Teatro Rosil Cavalcante, Teatro Municipal Severino Bezerra Cabral, entre outros), cinemas, embora estejam desativados como o Cine Capitólio e o Cine Babilônia, shoppings (representado pelos Cirne Center e Shopping Babilônia), escolas particulares (a exemplo do Colégio Alfredo Dantas, Motiva, Colégio Imaculada da Conceição, entre outros), parques e praças (como a Praça da Bandeira, Praça Clementino Procópio, Praça Antônio Pessoa, Parque do Povo), universidades públicas e privadas (Universidade Estadual da Paraíba, União de Ensino Superior de Campina Grande - UNESC, Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos – CESREI.), além de igrejas das mais

variadas denominações, terminal rodoviário, a feira central, correio, hospital e clínicas, entre tantos outros ambientes, ou seja, um espaço diverso no sentido de locais, onde se desempenham as mais variadas funções e atividades, como também no seu público, provenientes de vários lugares da cidade como das cidades circunvizinhas, transformando assim esses espaços em lugares de múltiplas práticas, em torno dos quais as pessoas constroem suas identidades, relações de solidariedade e também relações de conflito. É um local onde as pessoas se encontram para compartilhar de sentimentos e valores em comum, reforçando a ideia de pertencimento a determinados grupos e locais.

Ao compartilhar da realidade cotidiana as pessoas desenvolvem interações sociais as quais permitem estar face a face com o outro, e esta circunstância segundo Peter Berger e Luckmann (1985, p. 47) é o prototípico da interação social.

Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vivido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vivido presente sou apreendido por ele. Meu “aqui e agora” e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele. Vejo-o sorrir e logo a seguir reagindo ao meu ato de fechar a cara parando de sorrir, depois sorrindo de novo quando também eu sorrio, etc. Todas as minhas expressões orientam-se na direção dele vice-versa e esta contínua reciprocidade de atos expressivos é simultaneamente acessível a nós ambos. Isto significa que na situação face a face a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas. Certamente, posso interpretar erroneamente alguns desses sintomas. Posso pensar que o outro está sorrindo afetadamente. Contudo, nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face. Somente aqui a subjetividade do outro é expressivamente “próxima”. Todas as outras formas de relacionamento com o outro são, em graus variáveis, “remotas”.

Para estes autores, a apreensão do outro se inicia a partir de uma tipificação, ou seja, o outro é apreendido por mim a partir do que aparentemente ele se mostra ser, seja como mulher ou homem, mendigo, turista, entre outras formas, e essa tipificação afeta o modo pelo qual as pessoas interagem umas com as outras, desse modo as nossas interações face a face estariam respaldadas mediante o que o outro, a princípio, apresenta.

A interação face a face é uma via de mão dupla merecendo determinada atenção, pois na medida em que apreendo o outro, seja de que maneira for (homem, vendedor, funcionário da prefeitura, pedinte, em fim) este também me apreende de uma maneira tipificada, ou seja, é uma relação de reciprocidade, na qual ambos se encontram em uma mesma situação de tipificação, quando eu vejo um homem de idade no “Calçadão” logo penso que ele é um aposentado o qual passa boa parte do seu dia neste espaço conversando com outros iguais, em contrapartida, esse aposentado quando me vê com uma caneta e folhas escrevendo pode

pensar que sou uma fiscal da prefeitura¹⁵. Tal contexto pode se tornar anônimo na medida em que o outro se afasta da situação face a face.

O outro também me apreende de uma maneira tipificada, como “homem”, “americano”, “vendedor”, “um camarada insinuante”. As tipificações do outro são tão suscetíveis de sofrerem interferências de minha parte como as minhas são da parte dele. Em outras palavras, os dois esquemas tipificadores entram em contínua “negociação” na situação face a face. Na vida diária esta negociação provavelmente estará predeterminada de maneira típica, como no característico processo de barganha entre compradores e vendedores. Assim, na maior parte do tempo, meus encontros com os outros na vida cotidiana são típicos em duplo sentido, apreendo o outro *como* um tipo, e interaguo com ele numa situação que é por si mesmo típica.¹⁶

A condição de estar face a face produz dois tipos de relacionamentos. No primeiro tipo de relacionamento há um grupo de pessoas os quais são considerados meus “companheiros”, e com estes compartilho experiências inúmeras vezes e espero encontrá-los novamente, e outro grupo de pessoas que é reconhecido como “contemporâneos”, que não são encontrados com frequência.

Em qualquer tempo é possível distinguir entre companheiros com os quais tive uma atuação comum em situação face a face e outros que são meros contemporâneos, dos quais tenho lembranças mais ou menos detalhadas, ou que conheço simplesmente de oitiva. Nas situações face a face tenho evidência direta de meu companheiro, de suas ações, atributos, etc. Já o mesmo não acontece no caso de contemporâneos, dos quais tenho um conhecimento mais ou menos digno de confiança¹⁷.

A situação face a face se encontra ligada às atividades do dia-a-dia as quais pessoas realizam no seu cotidiano, situações em que as interações sociais são evidenciadas, e não se restringe apenas a um processo de comunicação verbal entre duas ou mais pessoas, mas abarca outras formas de interação.

Consideramos o estar face a face como um fenômeno social, situado em um determinado contexto no qual envolve tempo e espaço marcados por códigos estabelecidos por seus atores.

¹⁵ Situação que ocorreu em uma das primeiras observações feitas no campo do “Calçadão” da Cardoso Vieira durante a manhã do dia 08 de Maio de 2012.

¹⁶ BERGER; LUCKMAN, *A construção social da realidade*. (p. 50)

¹⁷ *Ibid.*, p. 51.

2.4 Sociabilidade

2.4.1 A origem do conceito

O conceito de sociabilidade teve sua origem no campo da sociologia através de Georg Simmel. Este observou como era possível viver em sociedade, buscando entendê-la como algo formado a partir das interações sociais. Simmel mostra que os indivíduos os quais vivem em interação uns com os outros formam uma sociedade e esta interação poderia possuir vários impulsos,

Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles¹⁸.

Esta interação social a qual ocorre entre os indivíduos resulta no fenômeno da sociabilidade, relações que são desenvolvidas pelos indivíduos ou grupos no seu cotidiano, mediante sentimentos de reconhecimento e pertencimento, proporcionando satisfação em fazer parte de algum grupo, onde no interior desses grupos os indivíduos instituem relações caracterizadas por variadas formas.

A prática da sociabilidade se concretiza através da relação entre parentes, amigos, colegas, como também entre desconhecidos, através da gentileza, da simpatia, da troca de informações, da ajuda mútua, da barganha de pequenos serviços, da troca de interesses, da troca de favores, dos conflitos e embates diários, ou apenas no fato de estar em grupo, expressão máxima do que venha ser a sociabilidade.

Simmel, ao abordar o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p.64) mostra-nos que esse fenômeno ocorre,

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de cultos ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade como tal. Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação particular (...) “o impulso

¹⁸ SIMMEL; *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. (p.59-60)

da sociabilidade”, em sua pura afetividade, se desvincula das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso.

Segundo Heitor Frúgoli a sociabilidade explicada por Simmel seria possível apenas entre iguais, pessoas pertencentes à mesma classe social, sendo praticamente “dolorosa” quando estabelecida entre pessoas de classes diferentes,

(...) ainda que em Simmel as formas de sociabilidade constituam uma esfera marcada pela suspensão momentânea de posições sociais, paradoxalmente as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de círculos “intraclassistas”, implícitos na ideia de que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, tornando-o insuportáveis ou dolorosas quando vividas entre membros de classes sociais distintas, já que pressupõem um mínimo de valores (ou “capital cultural”) compartilhados¹⁹.

Esta posição de Simmel se explica mediante a época em que este viveu,²⁰ o contexto social no qual estava imerso era dos salões burgueses e isso significava “estar em sociedade”. O conceito de sociabilidade em Simmel pressupõe uma forma de sociação, em que a finalidade da sociabilidade seria formar uma coesão, uma conexão entre aqueles os quais dela participa, sendo um fim em si mesma, importando para os seus membros estarem na posição de “sociados”.

A sociação é, portanto, a forma²¹ (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros conscientes, inconsciente, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana²².

Simmel explica que a sociação é principalmente interação entre iguais (evidenciando a ideia já apresentada anteriormente por Frúgoli), e a interação entre iguais seria a ocorrência mais legítima de sociação.

¹⁹ FRÚGOLI. *Sociabilidade Urbana*. (p.13)

²⁰ Simmel viveu entre 1858-1918.

²¹ Simmel trabalha com dois conceitos quando se trata da sociabilidade, o de conteúdo e forma. Entende-se por *conteúdo* aspectos que fazem parte do próprio indivíduo como, motivações, desejos, interesses, etc., e por *forma*, a objetivação desse conteúdo, ou seja, a manifestação concreta através, como por exemplo, da interação social e da sociação.

²² SIMMEL. *A Sociabilidade*. (p. 61)

Se a sociação é sobretudo interação, então o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais, assim como simetria e equilíbrio são os elementos mais visíveis e ilustrativos das formas artísticas de estilização. À medida que, abstraída da sociação pela arte e pelo jogo, a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá *entre iguais*. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais. Cada qual só pode obter para si valores de sociabilidade se os outros com quem interage também se obtêm. É o jogo do “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo *faz de conta que cada um é especialmente honrado*²³.

A sociação seria, portanto um elemento necessário para a vida em sociedade acontecer, pois a partir desta sociação que o indivíduo estabelece os vínculos sociais por onde passa.

2.4.2 Uma nova forma de olhar

Com o decorrer dos tempos o conceito de sociabilidade passou por uma releitura através da Escola de Chicago, conceito que ao longo do século XX obteve um significado cada vez mais abrangente. Frúgoli no livro intitulado “Sociabilidades Urbanas”, a partir de uma análise do que é sociabilidade para Simmel e como esse conceito foi retomado pela Escola de Chicago e posteriormente tratado pela própria antropologia, sugere duas tipologias do que seria sociabilidade:

A primeira leitura adviria das formas de sociabilidade enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas em que a interação em si constituiria o principal intuito. Talvez o autor mais próximo de tal perspectiva seja Goffman, de uma geração posterior da Escola de Chicago, ligada ao interacionismo simbólico²⁴.

Essa primeira abordagem da sociabilidade apresenta o processo de interação social entre “diferentes” ou “estranhos”, sendo mais visível esse tipo de sociabilidade em espaços públicos, os quais comportam a diversidade social, proporcionando interações sociais ocasionais. A segunda leitura sobre o conceito de sociabilidade a partir de Frúgoli, seria a já citada anteriormente, respaldada em Simmel, uma sociabilidade “intraclassista”.

Há também outra abordagem da sociabilidade chamada de “sociabilidades alargadas”. Ao fazer uma interpretação de Michel Agier, Frúgoli mostra que esse tipo de sociabilidade

²³ SIMMEL. *A Sociabilidade*. (p.72)

²⁴ FRÚGOLI; *Sociabilidade Urbana*. (p. 23)

seria uma forma de ampliar as relações sociais para além dos espaços mais próximos nos quais as pessoas frequentam, e que serve,

(...) para compreender o modo como esses indivíduos constroem redes mais amplas de relação, com base em vínculos de parentesco (incluindo o parentesco prático ou fictício, que envolve um conjunto de relações não genealógicas), vizinhança, lazer ou associativismo, nas quais se estabelecem níveis intermediários de vida social, situados entre o mundo doméstico de tais cidadãos e as instituições ou macroestruturas mais abrangentes. Seriam espécies de esferas de continuidade entre os espaços mais próximos desses habitantes (as relações entre parentes, colegas ou vizinhos) e de quadros públicos de criação e representação de identidades coletivas (que não devem, entretanto, ser encaradas apenas em sua positividade, pois no interior de tal solidariedade podem emergir formas clientelistas ou mesmo mafiosas). (...), o domínio de tais sociabilidades alargadas – formado pelas relações marcadas pelos tipos de vínculo já frisados, estabelecidos através de uma sucessão mediada de proximidades sociais e incluindo uma margem considerável para escolhas eletivas – basear-se-ia em dinâmicas de rede, cuja ampliação incessante levaria, em última instância e numa perspectiva totalizante, à própria compreensão da cidade enquanto “redes das redes” (...), mesmo que isso se trate, admite o autor, de um horizonte metafórico, impossível de uma reconstituição antropológica²⁵.

O conceito de “sociabilidade alargada” possibilita pensar o indivíduo como alguém em que nas mais variadas situações, especificamente quando em circulação por espaços urbanos (fora de seu bairro), encaram situações inesperadas, elemento inicial para uma provável interação social, por exemplo, determinada pessoa que ao sair do espaço de seu bairro ou de sua casa e se desloca para a Praça da Bandeira ou “Calçadão” presencia uma situação de risco, como um assalto, provavelmente, esta pessoa se aproximará de outras pessoas e começará a falar sobre a insegurança da cidade.

No campo antropológico contemporâneo há uma crítica ao conceito de sociabilidade a partir do conceito de socialidade. Segundo Frúgoli, a socialidade pode ser entendida como “a capacidade humana abstrata para o social, sem a determinação do caráter da relação, com ênfase no conceito de pessoa” (FRÚGOLI, 2007, p. 55).

Um desses autores que se destaca em defender o conceito de socialidade é Michel Maffesoli na sua obra “O tempo das Tribos”. Para ele a sociabilidade se caracteriza por abarcar relações sociais racionais, regradas e institucionalizadas, ou seja, seriam relações às quais aconteceriam por meio de uma maneira socialmente aceitável de estar em sociedade, de pertencer a um determinado grupo, e isso resultaria em uma pessoa artificial. Porém a socialidade seria o oposto, representaria as práticas diárias, não estariam imersas no controle social, seriam práticas que em sua essência mostraria o cotidiano e o indivíduo para além das

²⁵FRÚGOLI; *Sociabilidade Urbana*. (p. 50-51)

regras institucionais, a socialidade encontraria o seu combustível nas massas e se refere às experiências coletivas, não respaldadas pelas instituições. Sendo assim, para Maffesoli na socialidade,

(...) a pessoa (*presonna*) representa *papéis*²⁶, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*²⁷.

Para Maffesoli a socialidade contemporânea se estabelece como um conjunto de múltiplos valores, onde as pessoas através de seus papéis atuam numa “teatralidade quotidiana”.

2.5 A conversa enquanto meio de sociabilidade

A comunicação²⁸ verbal é um importante meio para que os indivíduos entrem em contato uns com os outros. Esta forma de comunicação compreendida como a linguagem²⁹, se apresenta como um sistema de “sinais vocais, é o mais importante sistema de sinais da sociedade” (BERGER, LUCKMAN, 1985, p. 56). A comunicação, por meio da linguagem, é algo inerente à vida cotidiana, mediante a qual facilita a nossa compreensão da realidade a qual estamos inseridos,

A vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana. A linguagem tem origem na situação face a face. (...) Na situação face a face a linguagem possui uma qualidade inerente de reciprocidade que a distingue de qualquer outro sistema de sinais³⁰.

Mediante tal colocação percebemos como a linguagem constitui um importante meio para que haja a sociabilidade, sendo algo que perpassa a comunicação, construindo a própria realidade social dotada de sentidos. É através deste meio de comunicação que estabelecemos a

²⁶ Ao tratar sobre a socialidade Maffesoli utiliza uma linguagem teatral, assim como Goffman, afirmando a existência de papéis.

²⁷ MAFFESOLI. *O Tempo das Tribos*. (p. 108)

²⁸ A comunicação tanto verbal como não verbal se mostram como meios de ligação entre os indivíduos, porém optamos pela comunicação verbal para enfatizar o artifício da conversa.

²⁹ Nobert Elias no seu livro *A Sociedade dos indivíduos* explica que a finalidade da linguagem é a comunicação entre as pessoas, e esta seria resultado de um pensamento racional.

³⁰ BERGER; LUCKMAN, *A construção social da realidade*. (p. 57)

conversa, a qual pode ser descrita como “o veículo mais importante da conservação da realidade” (BERGER, LUCKMAN, 1985, p. 202). Para esses mesmos autores,

A conversa significa principalmente, sem dúvida, que as pessoas falam umas com as outras. Isto não nega o rico halo de comunicação não verbal que envolve a fala. Entretanto a fala conserva uma posição privilegiada no aparelho total da conversa. É importante acentuar contudo que a maior parte da conversa não define em muitas palavras a natureza do mundo. Ao contrário, ocorre tendo como pano de fundo um mundo que é tacitamente aceito como verdadeiro. Assim, uma troca de palavras, como, por exemplo, “bem, está na hora de ir para a estação” e “ótimo, querido, passe um bom dia no escritório”, implica um mundo inteiro *dentro do qual* estas proposições aparentemente simples adquirem sentido. Em virtude desta implicação a troca de palavras confirma a realidade subjetiva desse mundo³¹.

A conversa, a troca de palavras, surge no meio dos mais variados grupos, entre jovens, em meio a idosos, no meio de funcionários que trabalham nas lojas comerciais do centro de Campina Grande e passam o tempo do seu horário de almoço na Praça da Bandeira, entre homens, mulheres, tantos outros grupos que falam sobre um pouco de tudo. Como no “Calçadão” onde as pessoas conversam a respeito de assuntos que giram em torno da política, futebol, violência, assuntos ligados à vida particular, educação, religião, desemprego, economia, entre outros. Muitas vezes essas conversas repetem as mesmas histórias e assuntos, mas, apesar das repetições as pessoas aparentemente não se cansam, pelo contrário, parecem ser instigadas a continuar a falar cada vez mais, “como se as infundáveis análises de casos pudessem ajudá-las a encontrar um meio de lidar com suas experiências desconcertantes” (CALDEIRA, 2000, p. 27). É nesse contexto do dia-a-dia onde as opiniões são formuladas e estabelecidas. Simmel, ao tratar da conversa, mostra que a mesma deve ser algo interessante para quem dela participa, sendo algo “sociável” quando estabelecida a troca de ideias. Para ele no cotidiano,

(...) os seres humanos conversam a respeito de um tema do qual partilham ou sobre o qual querem se entender, na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo – mas não no sentido naturalista, como no palavatório, e sim como *arte* de conversar, com suas próprias leis artísticas. Na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo do discurso enquanto tal. Todas as formas pelas quais essa troca se realiza – como o conflito e o apelo a ambas as partes para que atendam às normas reconhecidas, o acordo de amizade por meio do compromisso e a descoberta de convicções comuns, o acolhimento de bom grado do que é novo e a recusa daquilo sobre o qual não se pode esperar nenhum entendimento – todas essas formas de interação da conversa, que de resto estão a serviço de inúmeros assuntos e finalidades das relações humanas, têm aqui seu significado em si mesmas, quer dizer, no estímulo do jogo da relação que elas estabelecem entre indivíduos que se unem ou se separam, que vencem ou subjagam-se, recebem ou dão³².

³¹BERGER; LUCKMAN, *A construção social da realidade*. (p. 202-203)

³² SIMMEL. *A Sociabilidade*. (p.75).

O exercício da conversa se apresenta como um meio pelo qual o vínculo social é constituído, mediante as palavras, as pessoas estabelecem o fenômeno da reciprocidade³³, seja através da troca de informações, do compartilhar de experiências vividas, de gentilezas, das calúnias, de elogios, enfim, uma serie de possibilidades nas quais a conversa proporciona.

A conversa vai além de construções linguísticas, de um processo o qual se apoia no tripé da emissão – recepção – compreensão, denota uma serie de símbolos os quais facilitam a convivência entre as pessoas e também possibilita o processo da socialização³⁴ do indivíduo, processo que começa a partir do momento do nascimento da criança.

A interação respaldada na conversa, a serviço dos mais variados conteúdos os quais as pessoas podem utilizar, possui um lado contrário, na mesma medida em que pode unir pessoas com mesmos valores, opiniões e ideologias, a conversa também pode separar, por isso, Simmel alerta para que o assunto estabelecido durante a conversa seja algo “adequado”, o qual, ambos os atores compartilhem daquilo que estão conversando, porém vale uma ressalva, apesar dessa postura, Simmel coloca o assunto da conversa em um plano secundário, pois sendo o assunto “adequado” para quem dele participa, o importante é que essa conversa estabeleça a sociabilidade, a conversa, o falar seria “um fim em si mesmo”.

2.6 A importância do espaço no exercício da sociabilidade

Michel de Certeau apresenta o espaço como um “cruzamento de móveis”, o qual é animado pelos movimentos, que nele se desdobra, ele diz:

*Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra falada (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.*³⁵

Sendo assim, a partir dessa colocação apresentada por Michel de Certeau, entendemos que quando o lugar é ocupado, automaticamente ele passa a condição de lugar praticado.

³³ Marcel Mauss (1872-1950) se destaca por suas reflexões a respeito do conceito de dádiva, trocas respaldadas pelo princípio da reciprocidade.

³⁴ O processo de socialização, segundo Berger e Luckman, pode ser definido como a introdução do indivíduo no mundo social, e divide-se em dois níveis. O primeiro nível corresponde a uma “socialização primária”, que é a primeira forma de socialização, experimentada no período da infância, passo para se tornar membro de uma sociedade. O segundo nível de socialização é a “socialização secundária”, que seriam os processos subsequentes que coloca o indivíduo já socializado entre outros meios da sociedade.

³⁵ CERTEAU. *A invenção do cotidiano*. (p. 202)

Portanto o espaço público, seja este a Praça da Bandeira ou o “Calçadão” da Cardoso Vieira, só “adquirem identidade” quando é praticado por seus frequentadores através da presença física, estabelecendo uma relação de enraizamento com estes lugares.

A agregação em torno de um determinado espaço produz a sociabilidade e a estabilidade a qual esse espaço possa proporcionar para determinado grupo é algo que permite a própria permanência do grupo no espaço. A esse respeito Maffesoli coloca que,

(...) a estabilidade do espaço é um ponto de referência, um ancoradouro para o grupo. Ela permite uma certa perdurância no burburinho e na efervescência de uma vida em perpétuo recomeço. O que Halbwachs diz da moradia familiar; “imagem apaziguadora de sua continuidade.”³⁶

O espaço chama atenção porque é formado por “descontinuidades”³⁷, ou seja, às ações humanas faz com que o mesmo espaço possua diferentes formas de apropriação, dependendo apenas das pessoas ou grupos os quais utilizem esse espaço num dado momento, ou seja, a Praça da Bandeira não é só praça, mas é palco para shows do Festival de Inverno (evento cultural que ocorre entre o mês de Julho e Agosto) em Campina Grande, espaço para reivindicações de funcionários públicos, espaço para eventos religiosos, para a conscientização social através de campanhas de doação de sangue, enfim, hoje podemos pensar que os espaços são caracterizados por uma flexibilidade em que, por exemplo, a casa não se limita em ser o espaço de descanso, pode ser o espaço de trabalho, e a rua, o centro da cidade, não se limita em espaço de trabalho, pode ser um espaço de lazer.

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despacho e ebós, e assim por diante. Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaço, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer; e assim por diante. Uma classificação com base nesses eixos de oposição não produz tipologias rígidas (rua como pista de rolamento; calçada, área de circulação de pedestres etc.) porque não opera com sentidos unívocos: às vezes, o espaço do trabalho é apropriado pelo lazer, o do passeio é usado como local de trabalho em dia de manifestação, o âmbito do masculino é invadido pelo feminino, a devoção termina em festa (...)³⁸

³⁶ MAFFESOLI. *O Tempo das Tribos*. (p. 184)

³⁷ Magnani coloca que em uma pesquisa antropológica cujo objeto é “constituído por práticas que se desenvolvem em espaços de múltiplos usos” um fator importante é entender as descontinuidades, as quais não são resultados de fatores naturais, mas são resultados das diferentes formas de como esse espaço é apropriado no seu dia-a-dia.

³⁸ MAGNANI. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p.39)

Importa, assim, compreender os espaços da cidade a partir da ideia de que são as práticas sociais que dão significado a esses espaços.

Marluci Menezes, no artigo sobre a Praça da Martim Moniz, mostra à importância de compreender as maneiras e apropriações dos espaços a partir de práticas as quais nem sempre são “formais”, ou seja, aceitas socialmente, mas também se devem compreender os espaços a partir de determinadas práticas caracterizadas por serem “informais”, fugindo do comum, porém, em ambos os casos, tais práticas são resultados do viver e do pensar das pessoas frequentadoras dos espaços da cidade, seja o “Calçadão” ou a praça, onde tecem a trama do cotidiano.

Como diz Marc Auge, “já não há análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde eles transitam.” (AUGÉ, 2009, p. 99), ou seja, pensar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento que ocorre no “Calçadão” e na Praça da Bandeira requer uma análise de uma via dupla, onde se deve pensar sobre o espaço físico o qual comporta a presença desses indivíduos, como também pensar nesses indivíduos que dão sentido, através de suas práticas sociais, a esses espaços.

2.6.1 As categorias

Segundo Magnani ao se estudar o espaço urbano, caracterizado por ser utilizado de múltiplas formas, torna-se necessário estabelecer alguns recortes os quais permitirá trabalhar com determinadas categorias.

Estas categorias elaboradas por Magnani surgiram por uma necessidade metodológica de pesquisas realizadas na cidade do porte de São Paulo, onde a diversidade e heterogeneidade são evidentes, porém, quando se olha “de perto e dentro” começa-se a descobrir regularidades, permitindo ultrapassar a barreira do senso comum e percebendo que as pessoas, no seu cotidiano, estabelecem padrões de comportamento regulares.

Para poder captar esses padrões, Magnani emprega as categorias: pedaço, mancha, trajeto e circuito.

O pedaço serve para “distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (MAGNANI, 1996, p.32). É nesse espaço onde ocorre a trama do dia-a-dia,

(...) a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática do lazer³⁹ nos fins de semana nos bairros populares. Dessa forma, o *pedaço* é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais de lazer) e condição para seu exercício e fruição⁴⁰.

Essa categoria é utilizada para descrever uma particular forma de sociabilidade e utilização do espaço. O autor fala que não é complicado identificar a existência de pedaços nas áreas centrais da cidade, pois são lugares de encontro entre portadores dos mesmos códigos e simbólicos,

Não é difícil reconhecer a existência de *pedaços* também em regiões centrais da cidade (...). a diferença com relação à ideia tradicional de *pedaço* é que, aqui, os frequentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro –, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modo de vida semelhantes⁴¹.

Há diferenças quando Magnani trata da categoria pedaço no bairro e no centro da cidade. No contexto do bairro as pessoas se conhecem e estabelecem relações de vizinhança, no espaço do centro da cidade, onde há o encontro de pessoas de todos os lados, as pessoas basicamente não se conhecem, porém *se reconhecem*, através de sinais, símbolos, preferência musical, modo de se vestirem ou de falar, ou seja, são portadores de códigos e padrões comuns. Ainda ressalta como o território consegue ser claramente demarcado por esses elementos próprios de quem frequenta os pedaços,

(...) o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou lugar de amplo acesso, não comporta ambiguidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica⁴².

Está no pedaço implica encontrar pessoas as quais comungam dos mesmos códigos, estes servindo para identificação entre os membros de determinado grupo, como também para marcar diferença. A categoria pedaço se tornou uma categoria analítica a partir do momento

³⁹ Segundo Magnani os momentos de lazer não podem ser analisados por um viés “instrumental, passivo e individualizado”, o que se refere uma forma de se distrair ou de repor as energias gastas durante a semana no trabalho. Com a análise da categoria pedaço permitiu verificar que o lazer proporciona e reforça laços de sociabilidade, que abarca o “núcleo familiar” e percorre até fronteiras mais amplas como amigos, colegas e “chegados” e desconhecidos isso no âmbito do pedaço.

⁴⁰ MAGNANI. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p. 32)

⁴¹ *Ibid.*, p. 39.

⁴² *Ibid.*, p. 30- 40.

no qual Magnani a coloca em diálogo com a dicotomia proposta por Roberto DaMatta, “a casa e a rua”, e o resultado dessa união foi um triângulo: o pedaço, a casa e a rua, ou seja, entre a casa e a rua, existe um pedaço intermediário onde se encontram os camaradas, os “chegados”. Nesse pedaço é estabelecido outro tipo de sociabilidade, diferente das relações que formam o plano doméstico, como daquelas presentes no ambiente público, ou seja, entre a casa e a rua existe a Praça da Bandeira e o “Calçadão” nos quais seu “Antônio” vai para se encontrar com seus amigos de longa data, para conversar sobre algumas questões atuais, como também trazer a memória “uma época boa”.

Outra categoria utilizada por Magnani a respeito da apropriação do espaço é o que ele chama de manchas, caracterizados por serem espaços que funcionam como ponto de referência para um número mais heterogêneo de frequentadores. A mancha também chama atenção por ser uma área, em termos físicos, mais ampla, o que segundo Magnani, permite circulação de pessoas provenientes de várias partes do espaço urbano.

São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina, etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constroem pontos de referência para a prática de determinadas atividade⁴³.

Porém o autor faz uma ressalva, a respeito dessa categoria, as manchas, não são apenas espaços de lazer, podem ser também ambientes de trabalho como o exemplo das lojas. “Mancha, contudo, não se restringe ao lazer: as lojas de tecido e malhas, assim como as de aviamentos e produtos de couro... sustentam uma intrincada rede de sociabilidade que vai além da mera compra de produtos.⁴⁴” (MAGNANI, 1996, p. 40). Essa rede de sociabilidades se estabelece especificamente no momento da espera,

Aquele tempo, à primeira vista desperdiçado, era como pôde então comprovar, devidamente preenchido por uma discreta, mas cuidadosa avaliação do material comprado pelos colegas, comparações, trocas de informações, comentários, etc. em suma, enquanto se esperava, tecia-se a rede de sociabilidade⁴⁵.

⁴³ MAGNANI, *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p. 40)

⁴⁴ Magnani consegue chegar a essa conclusão a partir de uma pesquisa feita por um dos seus alunos, que tinha como foco as relações comerciais que ocorriam no Brás em São Paulo.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 42.

Sendo assim, compreendemos como mancha a área territorial que abarca o “Calçadão” e a Praça da Bandeira, ou seja, uma área mais ampla, dotada de diversos estabelecimentos, o que possibilita um número maior e diversificado de frequentadores cujas práticas sociais podem estar voltadas para o ambiente de trabalho ou de lazer.

Magnani informa que essas categorias – pedaço e mancha – são diferentes. No pedaço o determinante são as relações sociais estabelecidas entre aqueles que pertencem a determinados grupos, relações marcadas pelo uso de “símbolos” e “códigos comuns”, sendo assim, “o espaço enquanto ponto de referência é restrito, interessando mais a seus *habitués*. Com facilidade muda-se de ponto, quando se leva junto o pedaço.” (op. cit., 1996, p.42). Já a mancha, destaca-se por envolver um ou mais estabelecimento, apresentando uma locação mais estável tanto no abstrato (o imaginário das pessoas) como no concreto (na paisagem). As atividades e práticas exercidas nas manchas são resultados “de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários.” (op. cit., 1996, p. 40).

Ainda o autor alerta para que entendamos ou vejamos a cidade não como um amontoado de pedaços e manchas, na qual não há nenhum tipo de ligação, pelo contrário,

A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, *pedaços* ou *manchas* excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu *pedaço* habitual, no interior de determinada *mancha*, seguem caminhos que não são aleatórios⁴⁶.

Estes caminhos que não são aleatórios chamam-se de trajetos, uma forma de uso do espaço que “aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas” (op. cit., 1996, p. 43). Magnani explica que a construção dessa categoria não é acidental, mas permitem possibilidades, combinações, ligações entre pontos.

Assim, a ideia de trajeto permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos no espaço urbano e, por consequência, a outras lógicas. Sem essa abertura corre-se o risco de cair numa perspectiva reificadora, restrita e demasiadamente “comunitária” da ideia de *pedaço* – com seus códigos de reconhecimento, laços de reciprocidade, relações face a face. (...) Não é, contudo, um espaço fechado e impermeável a uma e outra, ao contrário. É a noção de trajeto que abre o espaço para fora, para o espaço e âmbito do público⁴⁷.

⁴⁶MAGNANI. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. (p. 43)

⁴⁷*Ibid.*, p. 44.

Diariamente vemos seu Agnaldo Mota (conhecido como Seu Motinha, falaremos dele no ponto 3.7) construindo um trajeto entre o “Calçadão” e a Praça da Bandeira, o qual nem sempre é o mesmo. Para ir de um espaço a outro seu Motinha constrói duas alternativas, o primeiro trajeto corresponde à travessia da Rua Marques do Herval, rua localizada entre ambos os espaços, chegando bem mais rápido a qualquer um desses. O segundo trajeto é um pouco mais extenso, quando ele opta por passar pela Rua Venâncio Neiva, localizada por trás desses espaços. Ou seja, são possibilidades que Seu Motinha estabeleceu, mas cujo fim é o mesmo chegar ou sair do “Calçadão” ou da praça em direção ao “Calçadão” ou a praça.

A última categoria apresentada para a compreensão do espaço urbano é a noção de circuito, porém não foi possível identificar essa categoria ou algo que faça lembrá-la no nosso campo de pesquisa. O circuito,

(...) une estabelecimentos, espaços equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: *circuito gay, circuito dos cines de arte, circuito esotérico, dos salões de dança e shows black, circuito do povo-de-santo, dos antiquários, brechós, clubes e outros*⁴⁸.

Todas essas categorias, (*pedaço, mancha, trajeto e circuito*) as quais José Magnani apresenta no texto “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”, proporciona uma forma de apropriação do espaço urbano, uma leitura de um contexto marcado por diversidades produzidas na cidade, a qual abarcam pessoas de diferentes gostos, habilidades, opiniões, necessidades, origens, grupos, crenças, ideologias, mas que possui regularidades, pontos comuns, resultando assim, em estruturas socialmente reconhecidas por aqueles os quais frequentam o mosaico da cidade.

A análise dessas categorias possibilita “guardar histórias e personagens que estariam esquecidas se não fosse pela permanência, na paisagem urbana, de tais suportes.” (MAGNANI, 1996, p. 45). Ao mesmo tempo possibilita pensar como a sociabilidade e o sentimento de pertencimento, ao próprio espaço, podem ser estabelecidos no dia-a-dia daqueles que fazem parte da trama cidadina e que durante os seus dias fazem com que estes espaços simbolizem o que é viver em sociedade.

⁴⁸ MAGNANI. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.* (p, 45)

2.7 O território: sentimento de pertencimento

As relações sociais ocorridas no espaço urbano fazem com que as pessoas, em seu cotidiano, pertençam a inúmeros grupos sociais, os quais podem apresentar traços comuns ou divergentes.

Maurice Halbwachs⁴⁹ na obra “A memória coletiva⁵⁰” propõe que o indivíduo nunca está sozinho porque há em nós um pouco das pessoas. Porém entendemos que o sentimento de pertencimento não se manifesta apenas em relação a grupos sociais, mas também em relação ao território o qual é frequentado, ou seja, o homem sempre está em relação seja com o outro ou com um território como diz Maffesoli,

Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio natural que partilho com outros. Estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: *tempo que se cristaliza em espaço*. A partir daí, a história de um lugar se torna história pessoal. Por sedimentação, tudo o que é insignificante – rituais, odores, ruídos, imagens, construções arquitetônicas – se transforma no que Nietzsche chamou de “diário figurativo”. Diário que nos ensina o que é preciso dizer, fazer, pensar, amar. Diário que nos ensina “que podemos viver aqui, já que vivemos aqui”. Dessa maneira se forma um “nós” que permite cada um olhar para “além da efêmera e extravagante vida individual”, sentir-se “como o espírito da casa, da linhagem, da cidade”⁵¹.

No domínio das ciências sociais o conceito de território é associado a uma perspectiva de sentimento de pertencimento e/ou apropriação, esta última proveniente de grupos ou instituições sobre um dado espaço.

A apropriação de um determinado território ocorre no momento no qual este representa determinados grupos ou pessoas, que no cotidiano exercem práticas sociais, comunicação, a partir da qual demonstram aos outros as suas intenções de estarem presentes neste ou naquele território.

O sentimento de pertencer a um território está relacionado à ligação, aproximação, frequência e apropriação deste território levando a uma ideia de enraizamento. O indivíduo constrói o território, mediante suas ações, mas ele também é construído por meio de valores simbólicos presentes neste território.

⁴⁹ Halbwachs propõe uma relação estreita entre o território e o indivíduo manifesta através da memória coletiva, mediante a isso, ele nos diz que no que se referem às cidades, ruas, etc. os grupos sociais “de algum modo esboçam sua forma no solo e reencontram suas lembranças coletivas no quadro espacial assim definido”.

⁵⁰ A questão central desta obra permeia na afirmação de que a memória individual existe por intermédio de uma memória coletiva, ou seja, as lembranças que o indivíduo possui, são lembranças que ocorrem no interior de grupos os quais este indivíduo faz parte.

⁵¹ MAFFESOLI. *O Tempo das Tribos*. (p. 169-170)

A partir desta colocação percebemos que o território perpassa os valores físicos, ou seja, elementos materiais os quais marcam seus espaços, mas é repleto de valores simbólicos derivados dos vários estilos de vida presentes na cidade, por exemplo, a Praça da Bandeira não é só o território de monumentos homenageando políticos e pessoas públicas ou do parquinho, mas é o espaço onde o dono da banca de revista trabalha há mais de vinte anos e que levava os seus filhos para brincar enquanto trabalhava. Hoje um de seus filhos administra a banca. É o espaço de jovens se encontrarem logo depois do horário escolar para conversar e se divertirem, a Praça da Bandeira também é o espaço onde tribos urbanas ditam todo um estilo de comportamento social entre si, situações as quais fazem com que brote o sentimento de pertencer a este espaço. Como também o “Calçadão” da Cardoso Vieira, perpassando os limites físicos, este espaço vai além de lojas comerciais tornando um ponto de encontro diário entre homens os quais passam horas conversando, relatando serem frequentadores do “Calçadão” desde a época de moço e que se sentem bastante a vontade de estarem lá conversando com seus companheiros de “longa caminhada”.

Esse sentimento de pertencer ao espaço no qual se vive, de conceber o espaço como *locus* de práticas sociais, ponto inicial para estabelecer a sociabilidade, faz com que este seja caracterizado como território de grupos, classes sociais, segmentos religiosos, possibilitando a formação de identidades as quais surgem a partir do momento que o homem constrói espaços para si e estabelece relações de pertencimento e identificação.

A formação de identidades individuais ou coletivas pressupõe um processo no qual as relações sociais que ocorrem tanto na praça como no “Calçadão” são de fundamental importância, são elas que preparam o indivíduo para o convívio em sociedade.

Ao falar sobre a formação da identidade Berger e Luckman mostra que esta é resultado dos processos sociais, apesar destes autores não se remeterem diretamente à formação dessa identidade em meio ao território, eles apresentam um fundamento significativo para que o indivíduo construa e mantenha sua identidade em meio ao território: “Só é possível o indivíduo manter sua auto identidade como pessoa de importância em um meio que confirma esta identidade; uma pessoa só pode manter sua fé católica se conserva uma relação significativa com a comunidade católica, e assim por diante.” (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.205). O meio social se mostra como algo relevante para que a permanência de grupos ou pessoas seja estabelecida no espaço, o qual pressupõe critérios, em que para se fazer parte seja da praça ou do “Calçadão” é necessário a aceitação do indivíduo pelos os outros, ou seja, os grupos sociais dão forma a seus territórios.

Não adianta apenas a presença física no “Calçadão” para que determinada pessoa seja aceita ou possa dizer que faz parte de algum grupo encontrado nesse espaço, é necessário que esta pessoa passe pelo processo de reconhecimento e aceitação por parte dos frequentadores assíduos.

2.8 Lugares e Não Lugares

2.8.1 Os excessos da sobremodernidade

Para finalizarmos esclareceremos um último ponto pautado nos conceitos de lugares e não lugares, para isso nos fundamentaremos no livro de Marc Augé intitulado Não-Lugares.

Marc Augé elabora o conceito de não lugares para indicar um espaço de passagem incapaz de oferecer qualquer elemento para que haja a formação de uma identidade. A existência desses não lugares ocorre, segundo esse autor, por causa do mundo contemporâneo o qual está em constante transformação.

São prioritariamente três as transformações mais evidenciadas por Augé neste mundo da sobremodernidade⁵²: o tempo, o espaço e o individualismo. Havendo assim um excesso desses três elementos. Ao falar sobre o tempo Marc Augé coloca que não há uma fácil compreensão sobre este princípio devido à ideia de progresso e acontecimentos. “Do ponto de vista da sobremodernidade, a dificuldade de pensar o tempo está ligada à superabundância de acontecimentos do mundo contemporâneo.” (AUGÉ, 2009, p. 24). O excesso de tempo revela uma aceleração da história onde tudo se torna acontecimento, e por estarmos imersos em um mundo no qual os acontecimentos são constantes e intensos, a própria ideia de acontecimento, como algo inesperado ou que produz sensações, já não é mais a mesma. Essa superabundância de acontecimentos no mundo contemporâneo faz brotar no indivíduo a necessidade de dar um sentido ao que se vive hoje. Augé fala que: “O que é novo não é que o mundo não tenha, ou tenha pouco, ou menos, sentido, é antes que experimentemos explícita e intensamente a necessidade cotidiana de lhe dar um: dar um sentido ao mundo...” (op. cit., 2009, p. 28). O excesso de tempo revela como as pessoas se utilizam dessa categoria, como as pessoas utilizam o tempo, em que “mal temos tempo de envelhecer um pouco, e eis que o nosso

⁵² A sobremodernidade consiste na necessidade que o indivíduo tem de dar sentido ao presente, o qual possui uma principal característica que é o excesso.

passado se torna história, que a nossa história individual pertence à história” (op. cit., 2009, p. 26).

A segunda transformação presente na sobremodernidade é o excesso de espaço.

Estamos na era das mudanças de escala, em termos de conquista espacial evidentemente, mas também na terra: os meios de transportes rápidos põem qualquer capital a algumas horas no máximo de qualquer outra. Na intimidade das nossas casas, enfim, imagens de toda espécie, transmitidas pelos satélites, captadas pelas antenas que eriçam os telhados da nossa aldeia mais recôndita, podem dar-nos uma visão instantânea e por vezes simultânea de um acontecimento em vias de reprodução no outro extremo do planeta. Pressentimos decerto efeitos perversos ou as distorções possíveis de uma informação cujas imagens são assim selecionadas: não só podem ser, como costume dizer-se, manipuladas, mas a imagem (...) exerce uma influência, possui uma potência que excede de longe a informação objetiva de que é portadora⁵³.

Entendemos, a partir dessa citação, que o excesso de espaço produz uma mobilidade não apenas social, mas de informações, imagens, bens, em fim, resultando no sentimento de estarmos imersos a uma rede na qual permanecemos conectados a todos e a tudo, e esse excesso espacial no tempo presente se exprime “nas mudanças de escala, na multiplicação das referências sob a forma de imagens como das referências imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte” (op. cit., 2009, p. 32-33). O excesso espacial resulta em modificações físicas, as quais ele chamará de não-lugares.

Desemborça concretamente em modificações físicas consideráveis: concentrações urbanas, transferências de populações e multiplicação daquilo a que chamaremos “não-lugar”, por oposição à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e toda uma tradição etnológica a de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e dos bens (vias rápidas, nós de acesso, aeroporto) como os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são rebanhados os refugiados do planeta⁵⁴.

A terceira figura de excesso colocado por Augé é a figura do individualismo, na qual se respalda no enfraquecimento dos laços coletivos, ou seja, o excesso de individualismo coloca o sujeito em uma situação na qual este se encontra desligados do local, das comunidades e dos grupos, no mundo da sobremodernidade é o individualismo que organiza cada vez mais nossa vida.

⁵³ AUGÉ. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. (p.30-31)

⁵⁴ *Ibid.*, p. 33.

Esta individualização dos modos de proceder, devemos notá-lo, deixa de parecer tão surpreendente quando nos reportamos às análises anteriores: nunca as histórias individuais foram tão explicitamente implicadas pela história coletiva, mas nunca também os pontos de referencia da identificação coletiva foram tão flutuantes. A produção individual de sentido é, portanto mais necessária do que nunca⁵⁵.

Para Augé os não lugares direcionam as pessoas para o individualismo, que mediante as situações expostas acabam interpretando aquilo que estar ao seu redor sozinho e apenas para si.

2.8.2 Não Lugares?

Os não lugares, produto da sobremodernidade, tem como finalidade o transitar, a rápida passagem das pessoas por eles, sem proporcionar nenhum tipo de ligação ou relação, onde a prática da sociabilidade não seria possível, pois, o próprio ambiente físico e a finalidade para qual foi construído não oferecem margem para as relações sociais.

Marc Augé apresenta algumas características dos não lugares, a princípio fazendo uma contraposição entre o conceito de lugar e o conceito de não lugar,

Se o lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é que a sobremodernidade é produtora de não-lugares, espaços que não são eles próprios lugares antropológicos⁵⁶ (...)⁵⁷

No entanto Augé coloca que estes dois conceitos (lugar e não lugar) não se encontram em forma pura,

Acrescentemos que se passa evidentemente com o não-lugar a mesma coisa que com o lugar: nunca existe sob uma forma pura: neles os lugares recompõem-se; reconstituem-se nele relações: as “astúcias milenares” da “invenção do cotidiano” e das “artes e fazer”, das quais Michel de Certeau propôs análises subtis, podem neles abrir caminho e neles desenvolver as suas estratégias. O lugar e o não-lugar são antes polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se consoma totalmente (...)⁵⁸

⁵⁵ AUGÉ. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. (p. 35)

⁵⁶ Lugares antropológicos são caracterizados por serem lugares concretos e simbólicos, os quais possuem sentido para aqueles que habitam e um princípio de inteligibilidade para as pessoas que apenas observam, são lugares em que os discursos e a linguagem são evidenciados.

⁵⁷ *Ibid.*, p 67.

⁵⁸ *Ibid.*, (p. 68)

Como exemplo de não lugares (ênfatizando que estes se caracterizam por certos fins) Marc Augé cita os transportes, comércio, aeroporto, supermercado, trânsito, entre tantos outros, os quais “migmatizam todo um conjunto de relações de si próprio consigo e com os outros que só indiretamente tem a ver com os seus fins: do mesmo modo que os lugares antropológicos criam social orgânico os não-lugares criam contratualidade solitária.” (AUGÉ, 2009. p. 80). Mediante esta colocação Augé explica que as relações e a utilização do não lugar são respaldadas em um contrato o qual se evidencia e é lembrado ao indivíduo no momento da utilização do não lugar, resultando no sentimento da solidão.

Só mas semelhante aos outros, o utilizador do não-lugar está com este (ou com as potências que o governam) numa relação contratual. A existência do contrato é-lhe ocasionalmente lembrada (as instruções de uso do não-lugar fazem dele parte): o bilhete que comprou, o *ticket* que deverá apresentar na portagem, ou até o carrinho que empurra à sua frente pelos corredores do supermercado, são outras tantas marcas suas mais ou menos fortes. O contrato refere-se sempre à identidade individual daquele que subscreve. Para aceder às salas de embarque de um aeroporto é necessário apresentar primeiro o seu bilhete no *check in* (onde foi registrado o nome do passageiro); a apresentação simultânea no posto de controle da polícia do cartão de embarque e de um documento de identidade fornece a prova de que o contrato foi respeitado: as exigências dos diferentes países são diversas a este respeito (bilhete de identidade, passaporte, passaporte e visto), e é desde o início que se verifica se foram tidas em conta. O passaporte só conquista, portanto o seu anonimato depois de ter fornecido a prova da sua identidade, contra-assinado de certo modo o contrato. O cliente do supermercado, quando paga por cheque ou cartão de crédito, declina também ele a sua identidade, do mesmo modo que o utilizador da autoestrada. De alguma maneira, presume-se sempre que ao utilizador do não-lugar cabe provar a sua inocência⁵⁹.

Entendemos o não lugar como algo que existe e é o *lòcus* de práticas sociais resultantes de um determinado tempo e espaço, de uma sobremodernidade repleta de novos significados, inclusive, o de possuírem potencial socializador, ou seja, são lugares onde a sociabilidade pode acontecer ou ser percebida.

Isso ocorre porque as pessoas através de seu deslocamento, mesmo estando centradas em um objetivo como, por exemplo, esperar o seu vôo, no decorrer de seus caminhos desenvolvem relacionamentos em seus percursos. Por mais que essa sobremodernidade produza lugares de passagem onde às pessoas utilizam como ponto de ligação a outro lugar, há pessoas que fazem desses lugares de passagem, dos não lugares, lugares de sociabilidade, relacional, estabelecendo relações sociais seja na parada de ônibus, na fila do caixa do supermercado ou na hora do embarque, e isso ocorre porque somos seres sociáveis.

⁵⁹ AUGÉ. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. (p. 85-86)

Os não-lugares também podem ser reflexos das posturas dos indivíduos mediante o espaço apresentado, isto é, podemos pressupor que algumas pessoas pensem o “Calçadão” como um não lugar ou apenas um lugar de passagem servindo para a comercialização de produtos ilegais, entretanto percebemos o oposto dessa colocação, tanto a Praça da Bandeira como o “Calçadão” são lugares, talvez não para todas as pessoas da cidade, porque para quem não os frequentam ou para quem os utiliza apenas como ponto de passagem esses espaços pode não significar nada, todavia há quem frequente esses espaços produzindo relações sociais, de convivência, de nostalgia, lembranças, o sentimento de que se faz parte de algo.

Nesses espaços as pessoas que param e sentam em seus bancos, mesmos sem se conhecerem, entram em contato umas com as outras proporcionando sentido para a praça e para o “Calçadão”, no entanto, vale ressaltar que o lugar pode ser considerado algo inteligível, ou seja, “um mesmo espaço pode ser um lugar e um não lugar, dependendo, obviamente da posição do sujeito que interage com esse espaço relacional”. (SILVA, 2008, p. 35). Ou seja, a praça e o “Calçadão” podem ser ao mesmo tempo considerados lugares ou não-lugares, o que vai definir tal classificação é a postura do sujeito.

Ao fazer um levantamento sobre a ideia de sociabilidade podemos perceber a cidade como um espaço onde as redes sociais são estabelecidas em meio a um contexto urbano. Quando voltamos o nosso olhar para a sociabilidade no centro da cidade de Campina Grande em espaços como a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira, podemos perceber, de maneira prática, como nestes espaços as relações sociais acontecem entre pessoas conhecidas ou entre pessoas as quais não se conhecem, mas que se reconhecem como portadoras de códigos simbólicos.

A Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira são espaços onde a sociabilidade em sua forma mais pura é evidenciada diariamente, espaços que apresentam um pouco sobre um contexto mais amplo que é a cidade de Campina Grande.

CAPÍTULO III

ANALISANDO OS ESPAÇOS DA PRAÇA DA BANDEIRA E DO “CALÇADÃO” DA CARDOSO VIEIRA

Nos capítulos anteriores apresentamos um pouco sobre como realizamos o nosso trabalho de campo e algumas teorias as quais nos fundamentamos para entendermos o que é a sociabilidade e como o sentimento de pertencimento pode emergir tanto em relação a um grupo como a um local.

Neste momento temos o objetivo de descrever e analisar especificamente os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira, falando como estes surgiram e se modificaram fisicamente e socialmente com o decorrer dos tempos. Relatamos como se encontram fisicamente e quais os grupos de pessoas que costumam frequentá-los, dessa maneira focalizamos em apresentar como a sociabilidade é encontrada atualmente tanto na Praça da Bandeira quanto no “Calçadão”.

A importância desses espaços é notória para o contexto da cidade de Campina Grande, onde é possível perceber que uma porção das diferenças que compõem a cidade está, em menor dimensão, presentes nesses espaços e essa situação proporciona uma variedade de relações sociais, “transformando esses lugares em espaços de múltiplas práticas, em torno dos quais constroem suas identidades e relações de solidariedade e afetividade, muito embora também sejam marcados por conflitos, lutas políticas e práticas culturais divergentes.” (SOUSA, 2006, p. 108).

Percebemos que a praça e o “Calçadão” são espaços onde encontramos pessoas trabalhando, descansando e se divertindo, fazendo com que esses espaços sejam praticados de formas diferentes.

Cabe neste momento ao leitor caminhar conosco para conhecer um pouco sobre a história desses espaços e como estes se apresentam atualmente, focalizando principalmente as práticas sociais estabelecidas no dia-a-dia da praça e do “Calçadão”, práticas sociais produzidas por diferentes grupos, mas que evidenciam o exercício da sociabilidade e o sentimento de pertencimento, características comuns a todos que frequentam regularmente esses espaços.

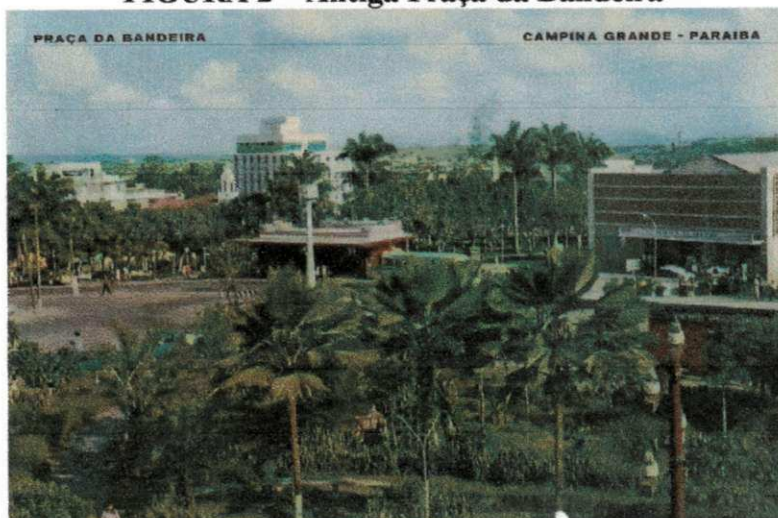
Ou seja, um espaço para que se estabelecessem as relações sociais, de encontrar com outras pessoas e praticar a sociabilidade. Neste momento, a princípio na década de 40, observamos a sociabilidade classista explicada por Simmel.

Apesar das mudanças físicas e sociais na Praça da Bandeira, esta continua possuindo importância para o contexto da cidade servindo não apenas para o encontro de pessoas, mas também para manifestações políticas, sociais e culturais. É bastante comum ao passar pela praça e vermos apresentações de grupos teatrais, campanhas de conscientização, mobilizações de trabalhadores municipais ou estaduais, uma série de situações as quais no dia-a-dia são realizadas proporcionando meios para que a sociabilidade seja estabelecida.

3.2 As transformações do espaço praticado

É notório que à medida que o espaço da Praça da Bandeira foi se modificando fisicamente com o passar do tempo o seu público também foi sendo modificado, hoje não é um espaço para um determinado grupo, mas para muitas pessoas as quais queiram estar em seus limites. Em termos físicos, antigamente, a praça se apresentava bem diferente se comparado os dias atuais.

FIGURA 2 – Antiga Praça da Bandeira



Fonte: Site Retalhos Históricos de Campina Grande⁶³

⁶³ Essa imagem foi adquirida no site Retalhos Histórica de Campina Grande enviada por uma colaboradora do site, porém infelizmente, não se registrava a data da foto, mas vemos alguns elementos que evidenciam que é a Praça da bandeira. Ao fundo podemos encontrar a Praça Clementino Procópio como também o Cine Capitólio inaugurado em 1934 e que funcionou até a década de 90. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/04/memoria-fotografica-praca-da-bandeira-c-html>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2013.

Hoje a Praça da Bandeira não se apresenta mais assim, continua sendo arborizada, mas numa proporção bem menor e com mais elementos físicos construídos pela ação humana, como, por exemplo, três bancas de revistas, nas quais duas abrem logo cedo, aproximadamente 7:00h da manhã, a terceira só abre depois das 8:00h da manhã, todas permanecendo abertas até a noite por meio das 22:00h. A venda nessas bancas vai além de revistas, livros e jornais, mas também abarca produtos alimentícios e recarga para celular, fazendo com que haja diariamente uma movimentação intensa formada por um público variado, vale ressaltar que o fato das pessoas irem até a praça em busca de algum produto vendido nas bancas, pode ocasionar a presença dessas pessoas por um determinado tempo na praça, principalmente pessoas que compram jornais. O ato de comprar jornal faz com que as pessoas conversem umas com as outras sobre as notícias relatadas no jornal.

Foto 3 – Banca de revista da praça



Fonte: Pesquisa de Campo (12/02/2013)

Foto 4 - Senhores conversando sobre as notícias relatadas no jornal

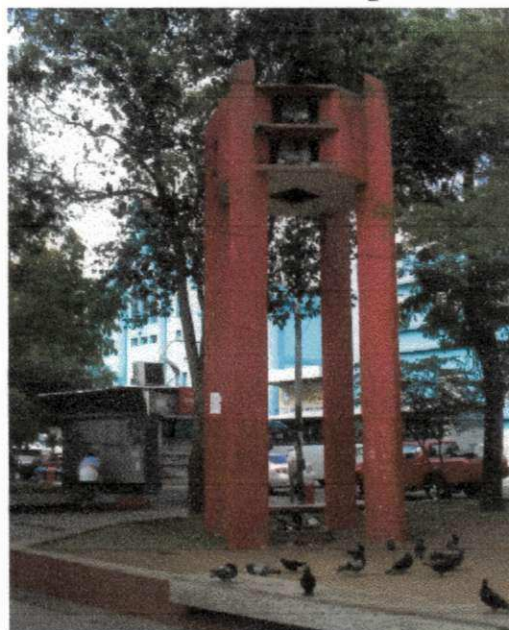


Fonte: Pesquisa de campo (01/11/2012)

Compreendemos que a presença dessas bancas colabora para a sociabilidade exercida na Praça da Bandeira, foram inúmeras vezes as quais vimos a cena de alguém comprar um jornal, uma revista ou um cordel e começar a conversar com quem estava do lado.

Também encontramos na praça duas torres as quais servem como casas da “atração principal⁶⁴” desse espaço: os pombos. São inúmeros pombos vivendo na praça e que tem casa, água e comida, este último item proporcionado por muitas pessoas principalmente pais os quais levam os seus filhos para brincar com os pombos, como também algumas pessoas adultas que simplesmente chegam e alimentam esses animais. As torres são formadas por quatro vigas cujo topo possui a estrutura de uma casa e em sua base há um reservatório de água para os pombos, o qual é limpo e abastecido pelos os trabalhadores da prefeitura, responsáveis pela a limpeza diária da praça.

Foto 5 - Moradia dos pombos



Fonte: Pesquisa de campo (30/10/2012)

A existência desses animais e das suas moradias são motivos de agrado para algumas pessoas e de insatisfação para outras, resultando assim em opiniões antagônicas sobre a existência desses animais e de suas moradias na praça.

Há quem não goste desses animais no ambiente da praça com o argumento de que causam bastante sujeira e são transmissores de doenças, a exemplo de uma senhora a qual conheci na praça quando estava pesquisando.

⁶⁴ Expressão utilizada por um senhor que conversamos em uma das nossas visitas de campo a praça.

Estava fazendo algumas anotações no período da manhã, aproximadamente às 9:00h, quando uma senhora aparentando ter entre seus 65 a 70 anos, vestindo uma calça social marrom e uma blusa de seda estampada com flores coloridas de mangas cumpridas, de sapato alto preto, adornada de colares, com brincos os quais chegavam aos seus ombros, anéis, pulseiras e uma presilha que prendia todo o seu cabelo, maquiada com um batom vermelho nos lábios, se aproximou de mim e sem perguntar nada, pediu que registrasse em minhas anotações a sua indignação mediante a presença dos pombos como também de suas casas⁶⁵ na praça, alegando que estes causam sujeira na praça, dando a sugestão de que o melhor seria a “retirada desses bichos, pois a praça é o lugar de pessoas elegantes e a praça é elegante, de pessoas finas e de classe”.

Ao falar que a praça “é um lugar de pessoas elegantes”, esta senhora mostra a praça como um lugar o qual estabelece redes de distinção, ou seja, a praça seria um lugar para determinado grupo de pessoas, não sendo concebível a ideia dessas “pessoas elegantes” conviverem com a sujeira causada diariamente por esses animais e por quem os alimenta jogando milho por toda a praça, não sendo concebível a ideia da presença de “qualquer” pessoa nesse espaço.

A fala dessa senhora se mostrou como uma primeira evidência de que apesar da praça ser um espaço público, isto é, podendo ser frequentado por qualquer pessoa, na realidade não é bem assim que acontece.

Podemos pressupor que para essa senhora como também para outras pessoas a praça é o lugar para grupos específicos, para redes de sociabilidades distintas, resultando assim, em uma exclusão social simbólica, um fenômeno resultante da negação do outro a partir das minhas concepções e opiniões, do que eu penso em relação ao outro, colocando-o em um patamar de desqualificação quando comparado a mim, por exemplo, por ser um “espaço de pessoas elegantes” a praça permitiria a presença de oficiais do exército aposentados, profissionais liberais, artistas populares, professores aposentados, famílias as quais vão para passear, turistas, mas a presença de moradores de rua, entretanto não se apresenta como algo agradável, embora eles estejam presentes.

Continuando a descrição física da praça esta possui um monumento localizado bem no meio da praça fazendo referência ao governo de Ernani Satyro. Destacando à campanha de água e esgoto da Paraíba – Cagepa – II Adutora de Boqueirão inaugurada em 02/09/1973.

⁶⁵ O termo utilizado por essa senhora não foi casa e sim “puteiros”, a qual enfatizou a ideia de que estes foram construídos unicamente com o intuito dos pombos “fazerem safadeza”.

Foto 6 – Monumento erguido na praça



Fonte: Pesquisa de campo (22/11/2012)

A Praça da Bandeira ainda é composta por telefones públicos (pouco utilizados já que a existência e popularização dos celulares se evidenciam), ponto de ônibus, composto por várias linhas da cidade, o que faz com que sempre esteja repleto de pessoas de várias idades, ponto de moto táxi, construído recentemente a pouco menos de um ano, uma loteria e parlatório.

Foto 7 – Ponto de moto-taxistas



Fonte: Pesquisa de campo (22/11/2012)

Foto 8 – Parlatório



Fonte: Pesquisa de Campo (30/10/2012)

Também encontramos uma placa fazendo alusão à inauguração da Praça da Bandeira, mostrando que esta foi “inaugurada” na administração do governo de Ronaldo Cunha Lima em 29 de Fevereiro de 1984. Nela contém um poema escrito por o então prefeito Ronaldo,

dizendo: “Eu agradeço ao destino por me conceder a graça de ter construído a praça que sonhei desde menino”.

Foto 9 - Placa que registra o nome Praça da Bandeira



Fonte: Pesquisa de campo (30/10/2012)

Ainda possui um “cebo”, onde se vende livros, revistas e cordéis usados, porém, pouco frequentado, durante as nossas observações não conseguimos perceber pessoas que por algum momento parassem, vissem ou comprassem o material exposto e ao lado um tipo de galpão abrigando os engraxates.

Foto 10 – Espaço de venda de livros, revistas e cordéis



Fonte: Pesquisa de campo (01/11/2012)

Foto 11 – Engraxate trabalhando no “galpão”



Fonte: Pesquisa de campo (01/11/2012)

Uma das estruturas a qual se mostra bastante relevante para que o exercício da sociabilidade seja evidenciando é o Café Aurora, um ponto comercial onde vende exclusivamente café e alguns produtos alimentícios os quais combinam com essa bebida, funcionando desde as primeiras horas da manhã até a noite por volta das 21:00h, frequentado principalmente por homens como podemos observar na imagem seguinte:

Foto 12 – Café Aurora



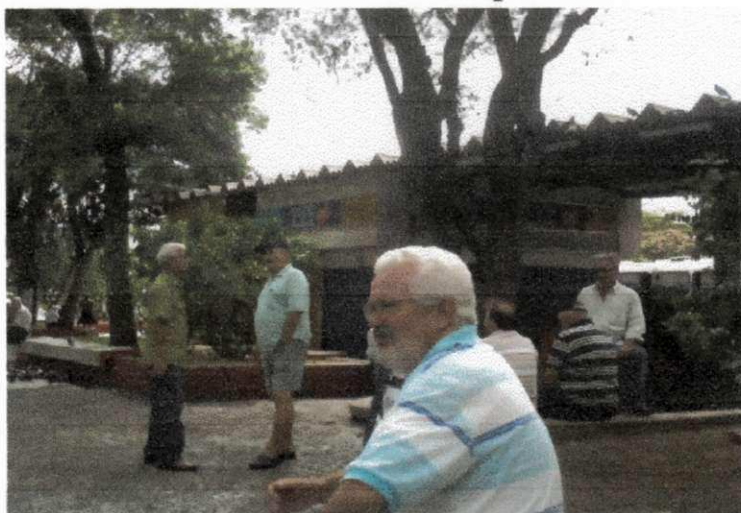
Fonte: Pesquisa de Campo (01/11/2012)

O café Aurora é um dos pontos que mais chama atenção, pelo fato de estar a todo tempo movimentado e em clima de muita conversa e alegria com seu público quase que exclusivo: homens, dentre os quais idosos.

Ao visitarmos a praça em vários momentos e horários durante o período da pesquisa, só conseguimos identificar a presença feminina (mesmo assim acompanhadas, eram dois casais), apenas uma vez no período da tarde. No cotidiano a presença feminina nesse estabelecimento não é habitualmente encontrada.

Observando o Café Aurora, percebemos que há dois momentos. Pode haver uma concentração nesse estabelecimento e em outros momentos há um esvaziamento, não por completo, mas parcial dos seus frequentadores, os quais não vão embora da praça, pelo contrário, as relações sociais são transferidas para outra parte da praça, continuando o clima de conversa e muita brincadeira. Ao se espalharem pela praça esse público, passa horas conversando, há quem permaneça todo o período da manhã fazendo um intervalo para o almoço e retornando à tarde, situação a qual mostra que o estabelecimento do Café Aurora, apesar de contribuir para o exercício da sociabilidade, não é o elemento principal para que haja sociabilidade entre esse público na praça, ou seja, eles não vão para praça apenas para tomarem café, mas também para manter as relações sociais vivas.

Foto 13 – Senhores conversando após saírem do Café



Fonte: Pesquisa de campo (06/11/2012)

Entre as estruturas já citadas, encontramos também na praça, um dos elementos físicos mais significativos para o exercício da sociabilidade, embora não tão visíveis como as casas dos pombos ou o “Café”. Os bancos da praça, localizados em torno de todo esse espaço, possibilitando as pessoas sentarem formando grupos em torno dos quais as relações são estabelecidas. São em torno dos bancos onde as pessoas permanecem horas conversando e onde vemos com clareza a formação de grupos distintos, espalhados pela praça.

Foto 14 – Bancos da Praça da Bandeira



Fonte: Pesquisa de campo (12/02/2013)

Além dessas estruturas fixas, conseguimos perceber durante o dia outros elementos os quais vão sendo adicionados, como barracas de venda de jogos de sorte, vendedores de picolés. Durante a noite encontramos vendedores de CD's e DVD's, vendedores de lanches (como sanduíches, sucos e refrigerantes, alguns vendem até bebidas alcoólicas) munidos de seus carrinhos, chegam à praça de forma gradativa a partir das 17h30min, se instalando em torno da praça, dispondo de mesas e cadeiras para acomodar os seus clientes, os quais muitos são trabalhadores das lojas e estudantes das escolas próximas à praça.

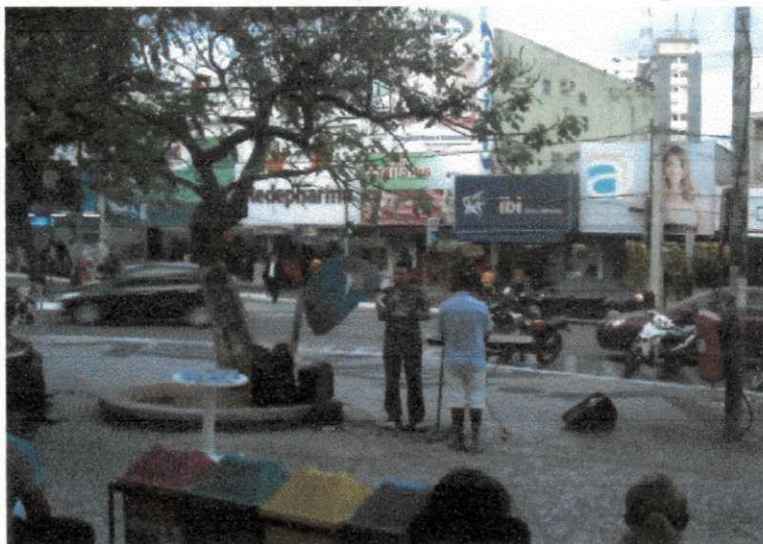
Foto 15 – Carrinho de Lanches na Praça



Fonte: Pesquisa de Campo (04/12/2012)

A praça também é espaço para manifestações religiosas acontecendo todas as quintas-feiras à tarde sob a direção de um cantor evangélico da cidade, porém o encontramos também em uma terça-feira à tarde, no dia 04 de dezembro do ano passado, o qual afirmava que estava ali por “providência de Deus”, mas que na próxima quinta-feira “dia habitual” estaria também, e que as pessoas pudessem comparecer. A manifestação religiosa teve duração de aproximadamente duas horas das 16h40min até às 18h30min.

Foto 16 – Culto evangélico realizado na praça



Fonte: Pesquisa de campo (04/12/2012)

Além das manifestações religiosas, há também espaço para a manifestação cultural da região. Em nossas observações presenciamos uma amostra cultural a qual ocorreu no final do mês de novembro do ano de 2012, fazendo com que uma diversidade de pessoas se agrupassem para assistir a uma apresentação musical.

Nesse dia conseguimos evidenciar uma variedade de estilos e pessoas, pela primeira vez identificamos representantes de algumas tribos urbanas, uma galera com estilo mais “alternativo”, outra mais adepta ao Rock (afirmamos isso por meio de evidências visuais, o estilo de roupa usado por eles, todos de blusas pretas com o nome de uma banda de Rock estampada na blusa, chamada *Iron Maiden*), como também encontramos uma galera a qual não conseguimos relacioná-los com algum grupo ou tribo urbana, mas que também fez parte de um caldeirão de estilos os quais conseguiram transformar o ambiente da praça em um ambiente multifacetado.

Foto 17 – Apresentação de grupo musical



Fonte: Pesquisa de Campo (27/11/2012)

Foto 18 – Público presente na apresentação cultural



Fonte: Pesquisa de campo (27/11/2012)

Entre os que estavam na praça à bebida corria solta e isso chamou atenção porque à noite parece se estabelecer outra conjuntura, o que é proibido ou não aceito (me lembro do senhor que pela manhã fica na praça e costuma beber, sempre estar com uma garrafa de bebida alcoólica na mão, porém ninguém conversa com ele) pela manhã, a noite pode ser diferente, e isso ocorre porque os grupos sociais são diferentes acarretando práticas sociais diversas.

Encontramos também na praça um grupo indígena vendendo alguns “produtos da terra” (ervas medicinais, remédios caseiros, folhas, entre outros produtos.). Chamavam atenção por meio de uma barraca bastante enfeitada com colares, arco e flechas, fotografias da aldeia, porém os seus enfeites não eram comercializados, embora, fossem muitos a tal ponto

das pessoas perguntarem quanto custava. Era um grupo de índios da aldeia Muã Mimatxi – Pataxó.

Foto 19 – Barraca de produtos naturais



Fonte: Pesquisa de Campo (22/11/2012)

Percebemos que o espaço físico da Praça da Bandeira com o decorrer dos anos foi sendo transformado e essas transformações resultaram também em uma modificação social, ou seja, na década de 40 do século XX, era um espaço para a elite campinense, hoje já não se resume mais a elite, entretanto dizer que esse espaço permite a presença de todas as pessoas é um tanto ilusório porque ainda hoje há uma exclusão social quando nos referimos a determinados grupos, como os moradores de ruas ou os “trombadinhas” os quais circulam pela Praça da Bandeira.

Os grupos presentes na praça e as pessoas, as quais não são frequentadoras, mas circulam em torno dela, atribuem características identitárias ao espaço da praça, por exemplo, quando escutamos de um senhor que a praça não é mais um lugar seguro por causa da presença de “trombadinhas”. Mediante tal afirmação ele diz que a praça não é mais tão segura assim por causa destas pessoas que passam um bom tempo dando voltas na praça “intimidando as pessoas” e “observando quem tá distraído para pegar alguma coisa e correr”. Quando escutamos a seguinte frase de uma jovem “Essa praça só tem véi!”, ela informa a sua visão da praça, um espaço habitado por pessoas idosas. Mediante estas duas colocações a praça seria um espaço para gente idosa e que não é seguro, estereótipos os quais inibem a presença de mais pessoas.

3.3 Explicando sociabilidade através dos atores sociais presentes na Praça da Bandeira

Variedade de pessoas e atividades é o que observamos na Praça da Bandeira, durante todas as observações realizadas evidenciamos o exercício da sociabilidade e o sentimento de pertencimento ao espaço frequentado e praticado. Uma diversidade de pessoas fazendo com que a praça seja um espaço de relações sociais as quais podem ser amigáveis através de uma conversa ou não tão amigáveis, a exemplo da disputa de um espaço na praça por um grupo de pedintes.

Dentre os vários tipos de pessoas identificadas por frequentarem a praça, não a utilizando apenas como ponto de passagem, encontra-se: homens, alguns idosos, jovens, funcionários das lojas comerciais, trabalhadores da praça como os engraxates, os funcionários da prefeitura, os donos das bancas de revista, vendedores de lanches, crianças, estudantes e pedintes, estes são os tipos de pessoas mais evidenciados, e por haver uma variedade de pessoas conseqüentemente haverá uma variedade de atividades praticadas neste espaço. Acreditamos que a praça seja frequentada por outros grupos sociais, entretanto, no momento das observações, durante o dia ou à noite, estes foram os grupos os quais conseguimos identificar.

Certamente falar sobre todos os grupos os quais conseguimos identificar durante as nossas visitas a campo possibilitaria apenas uma maior evidência de que a sociabilidade e o sentimento de pertencer ao espaço da Praça da Bandeira são notáveis no dia-a-dia, entretanto falaremos de algumas representações de grupos ou pessoas desse mosaico de diversidade que, sem prejuízos, também possibilita pensar esse espaço como uma fonte de redes sociais estabelecidas diariamente.

3.3.1 Sociabilidade entre crianças.

Uma das formas de interação social mais clara e evidente presenciada na Praça da Bandeira foi à sociabilidade infantil. Em todos os momentos os quais estivemos nesse espaço percebemos crianças brincando e interagindo. Essa interação muitas vezes foi intermediada pela existência dos pombos, já que as crianças se encantam pela presença desses animais, para os quais adoravam jogar milho, porém esta não era a única forma de interagir com outros, quando não brincavam com os pombos brincavam de bola, fazendo da praça um campo de futebol.

A interação entre as crianças também resulta em uma interação entre as suas famílias, pessoas que até então não se conheciam acabam compartilhando de uma situação em comum, cuidando dos seus filhos e comentando sobre as travessuras dos mesmos.

Foto 20 – Crianças brincando com os pombos na Praça da Bandeira



Fonte: Pesquisa de campo (30/10/2012)

O pedagogo Simão de Miranda aponta que “quando as crianças brincam em um parque público, a comunicação entre elas não se dá apenas por palavras. A maneira como falam, as expressões e os gestos também transmitem informações de umas às outras.” (MIRANDA, 2009, p. 41). Essa situação mostra que muitas vezes a sociabilidade exercida entre crianças não precisa ser mediada pela comunicação verbal, elas podem estabelecer relações sociais mediante outros meios.

A exemplo da foto acima retratada, neste dia as duas meninas (vestido branco e a de vestido azul) em nenhum momento falaram uma com a outra, porém se comunicavam através do que a outra fazia, se uma corria a outra corria, se uma pulava a outra pulava e assim exercia a sociabilidade. O professor Simão enfatiza que quando:

(...) crianças de várias idades brincam em um parque público. Uma delas sussurra no ouvido da vizinha. Outra, de braços cruzados, franze a sobrancelha e mexe a cabeça, negando algo para mais uma. Duas outras se abraçam e dão gargalhadas, olhando-se demoradamente dentro dos olhos. Pra um observador comum, parecem cenas do cotidiano. No entanto, por trás dos gestos, do volume e entonação das vozes, dos movimentos faciais, há algo sendo comunicado, muitas vezes por meio de uma linguagem silenciosa⁶⁶.

⁶⁶ MIRANDA; *Comunicação, metacomunicação e autoestima infantil*. (p.42)

Percebemos então que a brincadeira é o principal meio para que a sociabilidade seja estabelecida entre as crianças na Praça da Bandeira, e isso foi possível perceber durante o dia como também no período da noite.

Foto 21 – Crianças brincando de futebol na praça à noite



Fonte: Pesquisa de campo (27/11/2012)

Sociabilidade infantil pode ser constatada de forma clara na Praça da Bandeira, comprovando a necessidade que o homem tem de estabelecer relações sociais desde os primeiros anos de vida, viver em interação com o outro, mesmo sem conhecê-lo, lhe coloca na condição de viver em sociedade.

3.3.2 “Essa praça só tem véi⁶⁷!”

Como a frase acima já indica, falaremos agora de um grupo bastante presente na praça, os homens, dentre os quais se destacam os idosos que tem como principais formas de interação conversar durante horas nesse espaço ou jogar damas.

Durante todo o dia, como também no período da noite, é possível percebê-los tanto no Café Aurora quanto espalhados pela praça, seja em grupos com mais de cinco, em duplas, em trios ou sozinhos “para ver o movimento”.

A conversa se mostra o principal meio para que a sociabilidade seja estabelecida entre esses homens, girando em torno principalmente de temas como futebol, política, sobre o

⁶⁷ Fala de uma jovem que conversava com outra na Praça da Bandeira.

passado, ou “falar da vida dos outros”⁶⁸”. A necessidade de encontrar uma pessoa para conversar e estabelecer contato é notória. Apesar de existir alguns homens que passam um bom tempo sozinho, o que é mais evidente são esses homens estabelecendo relações sociais com iguais, ou seja, com outros homens frequentadores da praça, os quais “são conhecidos” ou são “amigos de um conhecido”, ou seja, é necessário pertencer ao grupo ou estar ligado de alguma forma para ser aceito, na maioria dos casos “não se constrói amizade se não se conhece”, porém, há pessoas que se conheceram na praça e mantêm uma relação de amizade até hoje.

Foto 22 – Senhores conversando na Praça da Bandeira



Fonte: Pesquisa de campo (06/11/2012)

Nesse grupo é possível perceber pessoas passando horas e mais horas conversando, frequentadores da Praça da Bandeira há 40 anos, como o senhor Onildo de 64 anos, comerciante que mora no centro da cidade, o qual frequenta esse espaço desde a época de estudante. Outro exemplo é o senhor chamado José Guedes de 85 anos, aposentado frequentador da praça há 28 anos, explica que vem a praça constantemente porque gosta “de preencher as horas vagas com esse bate-papo aqui com meus amigos”, porém esse bate-papo, essa conversa possui alguns critérios para o senhor José Guedes, deve-se conversar sobre o passado.

Ao conversar com o senhor José Guedes, ele informou que gosta de “conversar mais sobre o passado, porque o presente num tá agradando muito”.

⁶⁸ Frase falada por um senhor no qual conversei no momento da pesquisa de campo no dia 04/12/2012.

Para essas pessoas de idade mais avançada conversar sobre o passado é uma forma de revivê-lo. Eclea Bosi (BOSI, 1987, p.23) mostra que o idoso ao lembrar-se do passado recorda a essência de sua própria vida.

O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobrevivesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. 'O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsa seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto (...)'

Ao falar sobre o passado seu José Guedes confirma que sente saudades e que gosta de falar desse assunto com os seus amigos porque “aquela era uma época boa, bem diferente dos dias atuais”.

Seu José Guedes assim como tantos outros homens são encontrados quase todos os dias da semana (com exceção do domingo) na praça, entretanto não frequentam todos os horários, geralmente no período da manhã ou da tarde. Percebemos então uma resistência em relação ao período da noite porque o contexto noturno denota outro ambiente. Seu Onildo coloca que já frequentou a praça à noite, mas quando era estudante ele diz:

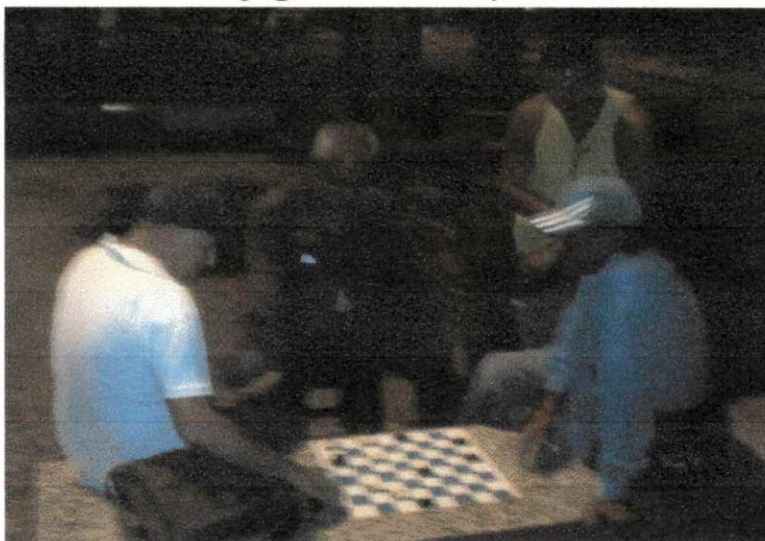
Eu vinha à noite, como eu estava dizendo anteriormente, quando era estudante, quando eu saía à noite, quando eu bebia, tá entendendo, há 19 anos eu deixei de beber, aí eu não vejo motivo de sair à noite, eu não estudo à noite, não trabalho à noite, eu não bebo mais, aí eu gosto à noite de assistir televisão. Eu venho no horário de expediente comercial.

Seu Onildo explica que antigamente na praça existiam dois bares os quais passavam à noite abertos. Ele os frequentavam até o momento que parou de beber, quando deixou de beber não frequentou mais a praça no período noturno. Todavia há homens frequentadores da praça no período da noite, em menor número, mas ainda há um remanescente que costuma manter a sociabilidade seja através da conversa ou de jogos.

Durante as pesquisas realizadas no período noturno sempre conseguimos encontrar um grupo de homens que vão à praça para jogar damas com seus companheiros. O interessante era perceber que em meio à partida havia várias interrupções por parte dos que observavam o jogo e dos que jogavam, geralmente estas interrupções era para conversarem a respeito de

algo que não estava relacionado com o jogo, como por exemplo, a morte de algum conhecido, um filho que conseguiu um emprego.

Foto 23 – Senhores jogando na Praça da Bandeira à noite



Fonte: Pesquisa de campo (27/11/2012)

A sociabilidade nesse momento se mostra mediada por um jogo que não se resume no jogar, mas durante a partida há pausas para conversas e também para “zoar” do jogador o qual não apresenta o melhor desempenho na partida.

Estar na praça de maneira regular se torna algo necessário para muitos desses homens, fazendo parte do cotidiano deles, algo que quando não acontece, seja por motivo de trabalho ou outros, produz o sentimento da falta, da ausência, como é o caso do senhor Francimar Casimiro de 69 anos, morador do Jeremias e que frequenta a Praça da Bandeira há 20 anos, o mesmo informou que quando não vai a praça sente falta, ele diz: “Sinto falta, às vezes eu não venho quando eu tô fazendo um serviço, não venho mais porque eu vou trabalhar”.

Ir à praça seja para conversar ou para jogar proporciona a esses senhores o sentimento de fazer parte de algo construído diariamente com o convívio. Sentimento que ocorre duplamente. Primeiro com o próprio espaço, pois, a maioria que entrevistamos nesse grupo de senhores, só frequentam a Praça da Bandeira. É nítida a preferência pela praça, embora haja outros espaços em que podem conversar ou jogar no centro da cidade, como o próprio “Calçadão” ou outras praças, como a Clementino Procópio. O sentimento também acontece com relação aqueles os quais lhe parecem iguais, com pessoas que possuem características comuns, os quais mantêm convivência.

3.3.3 Juventude na praça

Embora a presença dos homens seja marcante, encontramos também um público jovem (entre 15 – 25 anos) o qual frequenta a praça diariamente para namorar ou para conversar com os amigos. Conversas as quais não se remetem a um passado distante, pelo contrário, se referem a um presente ou a um futuro imerso de festa, bebida e consumo de drogas, pois em meio às conversas há o consumo de drogas lícitas como o cigarro.

Foto 24 – Jovem fumando



Fonte: Pesquisa de campo (27/11/2012)

Foto 25 – Casal de namorados na praça



Fonte: Pesquisa de Campo (30/10/2012)

Esse público é encontrado no período da tarde ou da noite, raramente pela manhã, geralmente sempre acompanhados, utilizando o espaço da praça como um local de encontro para conversar com os amigos. Alguns, já estão acostumados a frequentar o espaço da praça, como por exemplo, uma jovem chamada Maria Eduarda de 19 anos, ela diz que vai a praça desde pequena, lembra que sua mãe a levava para brincar com os pombos e isso resultou no costume de frequentar a praça.

Diferente do grupo anteriormente citado, os jovens não passam muito tempo na praça, permanecem geralmente em média uma hora ou menos, entretanto existem aqueles que ficam “o dia todo” de “domingo a domingo”, como um jovem chamado Alisson o qual entrevistamos, informando que costuma frequentar a praça a qualquer momento basta “a galera marcar”, seja para conversar, para “zoar com a cara do outro” e muitas vezes até pra não fazer nada “só pra ficar sentado lá”. Alisson não só costuma frequentar a praça, mas

também é frequentador do “Calçadão”, (o único jovem o qual disse que frequenta esse espaço), explicando que “de vez em quando é bom variar”.

Durante o tempo o qual passa na praça esse grupo tem uma forma de interagir que desperta a atenção das pessoas, como correr um atrás do outro, sorrirem e falarem alto, gritar com ou outro, falar mal dos seus próprios amigos, fazer comentários sobre quem passa. Como também proporcionam situações de violência a exemplo de brigas com outros jovens que fazem parte de outro grupo⁶⁹.

Algo chamou atenção quando conversamos sobre a utilização da internet e as redes sociais que existem e facilitam a comunicação entre as pessoas sem elas saírem do conforto de suas casas.

Os jovens entrevistados se mostraram unânimes quando falamos sobre esse assunto apontando a importância de estar em contato com as outras pessoas, pessoalmente.

(...) mas a relação via internet é muito fria, só quando você tem como ver a pessoa por meio de uma câmera que se torna mais pessoal, mas mesmo assim, você não mantém um contato, é bom você ver e tocar nas pessoas, via face book você nem sabe se a outra pessoa tá rindo de verdade ou de cara feia, você só escreve. (Maria Eduarda - 19 anos)

Maria Eduarda evidencia na sua fala a necessidade de ver e sentir a pessoa com quem estar estabelecendo uma conversa, apesar da utilização da *web cam*, a mesma mostra a importância de não só ver e sentir a pessoas, mas principalmente perceber a reação do outro durante a conversa.

Eu gosto das redes sociais e uso muito, mas às vezes eu gosto de se encontrar com os meus amigos aqui na Praça da Bandeira, acho mais divertido, porém não consigo tá aqui o quanto eu queria, por causa do dia-a-dia, mas quando posso eu venho conversar e tirar onda com meus amigos. (Pedro Henrique - 17 anos)

⁶⁹ Lembro-me de uma situação que ocorreu no dia 10/05/2012 às 10h15min da manhã quando aconteceu uma briga entre um jovem que estava na praça e um pedinte, este que na luta sofrera mais, os dois envolvidos ficaram brigando por cerca de alguns segundos quando o pedinte consegue se soltar e foi, aparentemente, embora, o motivo da briga desconhecemos. Mas depois de uns 15 minutos chega o pedinte com mais dois companheiros (com garrafas de cana) e ficam encarando o jovem que agrediu o seu companheiro. neste momento o jovem se mostra um tanto acanhado em meio a um grupo de quatro pessoas de sua idade. Eles estão a uma distância de 12 metros, aproximadamente, mas há uma disputa entre olhares, olhares que se mostram ameaçadores durante um período de 10 minutos, quando de maneira repentina os três pedintes se levantam e um dizem em voz alta que vai para o “Calçadão” “ficar lá”, aproveitando, o jovem que estava acanhado, levantou-se e foi em direção ao ponto de ônibus da praça, pegou o primeiro ônibus que estava parado e seguiu.

Já Pedro Henrique admite o quanto gosta das redes sociais e as utiliza com frequência, mas, mesmo assim mostra a satisfação de estar com seus amigos na praça, de se divertir com eles. Chega a se queixar que esse tipo de encontro não ocorre à quantidade de vezes que ele queria, e um dos motivos para que isso não ocorra é o dia-a-dia.

Um outro jovem entrevistado enfatiza a necessidade que esse grupo tem de estar em contato com iguais, situação que não é possível através de um computador, apesar de toda interatividade que este pode proporcionar atualmente, através de som e imagem, o contato físico ainda não é estabelecido.

(...) pela internet a gente conversa por siglas, mas num tem o contato, o pessoal, o toque, precisa de uma confraternização, a gente aqui se confraterniza, e pelo computador é distante. (Alisson – 21 anos)

Todos esses relatos comprovam a importância do espaço da Praça da Bandeira para o exercício da sociabilidade entre esse grupo, que tanto interage entre si, com seus iguais, como possuem a facilidade de interagir com outras pessoas, até mesmo pessoas de idades diferentes as quais não conhecem, a exemplo de dois jovens os quais estavam sentados na praça e ao verem uma senhora mais a sua filha jogando milho aos pombos logo se aproximaram e pediram um pouco de milho para também jogarem, e durante esse fato, na medida em que jogavam milho, compartilhavam de ideias sobre esses animais.

Foto 26 – Interação entre idades diferentes



Fonte: Pesquisa de Campo (08/11/2012)

A imagem anteriormente retratada é a prova do fato antes relatado, o registro desse momento demonstra uma das situações mais claras e espontâneas de como a sociabilidade pode acontecer no interior da Praça da Bandeira.

3.3.4 Apenas trabalho!

A frase acima citada remete a uma situação a qual não imaginávamos ser possível. Até aqui mostramos a Praça da Bandeira como um espaço de sociabilidade onde as pessoas vivem em interação compartilhando de diversas situações, no entanto há outro lado, existem aqueles os quais não exercem ou não vêem a praça como um lugar em que podem compartilhar de diversas situações com outras pessoas, mas apenas como um espaço de trabalho e nada mais. São pessoas as quais vão diariamente a este espaço, entretanto não o vêem como um espaço onde podem praticar outras atividades ou outras funções além do trabalho.

Ao conversar com seu Júlio Costa⁷⁰, 60 anos, responsável pela manutenção e limpeza da praça, este deixou bem claro que a praça é a sua obrigação e não diversão:

Meu expediente é pela manhã, de segunda a sexta, e às vezes eu venho no sábado, religiosamente, eu nunca faltei um dia, quando eles terminam⁷¹ eu libero e tô liberado também. Venho só no horário de trabalho, cumpro minha tarefa, não venho em outro horário porque não tem necessidade só quando sou designado. (Júlio Costa – 60 anos).

Essa postura também é encontrada em outras pessoas que vêem e utilizam a praça apenas como ambiente de trabalho. Ao conversar com Dona Maria, 47 anos, servidora da prefeitura, ela informou que não frequenta mais a praça porque já passa toda semana. Já Dona Risomar, vendedora de picolé, informa que só a encontramos quando está vendendo picolé, em outro momento não, alegando que não vem mais a praça por causa dos “trombadinhas”.

É muito cheio de trombadinha, tem aquele posto policial ali, mas você não vê o tempo todo funcionando, de vez em quando acha um policial, mas nunca tão quando a gente precisa, mas com a gente que é daqui eles não mexem não, só com os de fora, mas eu só venho aqui para trabalhar. (Risomar – 47 anos).

A presença desses “trombadinhas” na Praça da Bandeira resulta em comentários pronunciados por várias pessoas. Durante os momentos de pesquisa escutamos várias pessoas

⁷⁰ Seu Júlio se refere à Praça da Bandeira como “O coração de Campina Grande”, mostrando que esse espaço é importante para a cidade de Campina Grande, porém desabafa, dizendo que se encontra abandonada, a começar pelas autoridades.

⁷¹ Referência aos seus subordinados. os que varrem e limpam a praça.

falarem de como a praça está insegura ou mal frequentada por causa da presença dessas pessoas e que a polícia nada faz. Mas apesar desses comentários a praça não deixa de ser frequentada e visitada tanto por pessoas da cidade de Campina Grande, como também por turistas, já que é considerada um ponto turístico da cidade.

Em contrapartida para aqueles que trabalham ao redor da praça, esta serve como um local onde podem esperar as lojas abrirem para começar a trabalhar, ou podem passar o tempo do horário do almoço, já que boa parte dos informantes os quais conversamos não volta para casa no seu horário de almoço, geralmente almoçam no restaurante popular, próximo a praça, e depois permanecem nela. São pessoas que sempre estão acompanhadas por outros colegas de trabalho.

Uma característica dessas pessoas se refere ao fato de só conversarem com os seus colegas de trabalho, ao entrevistar um vendedor de sapatos chamado Ricardo ele nos diz:

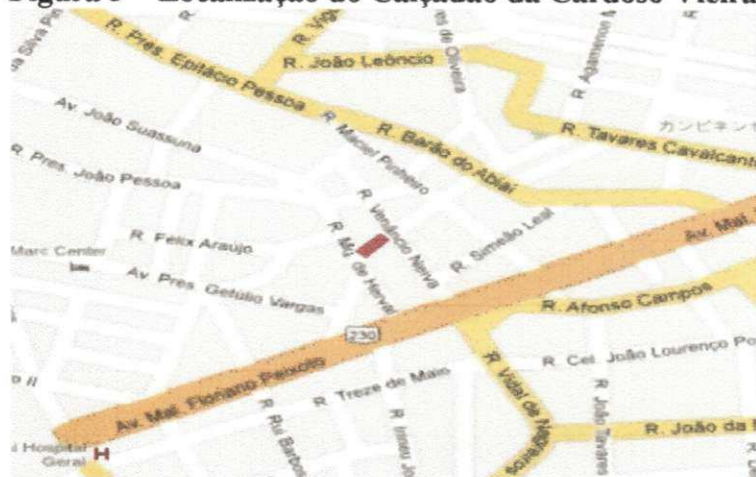
Costumo conversar aqui com os meus colegas de trabalho, agora é engraçado, porque teve um dia que eu encontrei com uma colega de trabalho que de vez em quando fica eu, ela e outro rapaz que trabalha na loja aqui, esperando a loja abrir, eu encontrei ela num show que teve e a gente nem se quer conversou 2 minutos, foi dizendo só oi, e cada um seguiu por seu lado, aí no outro dia que era segunda-feira a gente foi trabalhar, almoçou aqui no restaurante popular, depois veio pra praça e a gente conversou mais de vinte minutos, depois a gente foi pra loja, foi engraçado.

Esse relato mostra como o espaço da praça é um ambiente para as pessoas estarem em convivência, não se limita a uma questão física, mas atingem questões simbólicas, talvez, para esses dois colegas de trabalho, a conversa seja mais favorável no espaço da praça quando estão descansando após o almoço, porque ambos concordam que a praça é o ambiente da conversa, da descontração.

3.4 Um pouco sobre a história do “Calçadão” da Cardoso Vieira

Um dos locais mais reconhecidos e frequentados de Campina Grande é o “Calçadão” “Jimmy de Oliveira” ou “Calçadão” da Cardoso Vieira (parte em destaque na cor vermelha na figura a seguir), como é bem mais conhecido, localizado entre as ruas Venâncio Neiva e Marques do Herval. O “Calçadão” foi criado na gestão do prefeito Evaldo Cruz, ocupando um fragmento da Cardoso Vieira entre as ruas Marquês do Herval e Venâncio Neiva.

Figura 3 – Localização do Calçadão da Cardoso Vieira



Fonte: Google Image⁷²

Este espaço se mostra tão significativo para as pessoas da cidade que o seu nome, “Calçadão”, intitula uma das colunas do Jornal da Paraíba, trazendo, através dessa coluna, assuntos do cotidiano da cidade de Campina Grande. Essa coluna é caracterizada por seus criadores como um meio o qual “traz informações sobre serviços de utilidade pública e atividades de interesse da população”. O nome Jimmy Oliveira foi uma homenagem a um jovem desportista, torcedor rubro negro, o qual sofreu uma queda de uma marquise e veio a falecer na década de 70, fato que causou grande comoção na cidade. Porém muitas pessoas desconhecem o verdadeiro nome desse espaço e da história a qual denotou o nome de Jimmy Oliveira, chamando-o popularmente por “Calçadão” ou “Praça dos véi”, apesar de existir ainda hoje uma placa antiga mostrando a homenagem feita a esse esportista após a sua morte.

Foto 27 – Placa homenageando Jimmy de Oliveira



Fonte: Pesquisa de Campo (27/12/2012)

⁷² Disponível em: <http://maps.google.com.brmapshl=pt-BR&tab=wI>> Acesso em: 23 de Setembro de 2012.

O “Calçadão” também sofreu algumas modificações no seu espaço físico com o decorrer dos anos, visando produzir um lugar de lazer para as pessoas que o frequentassem.

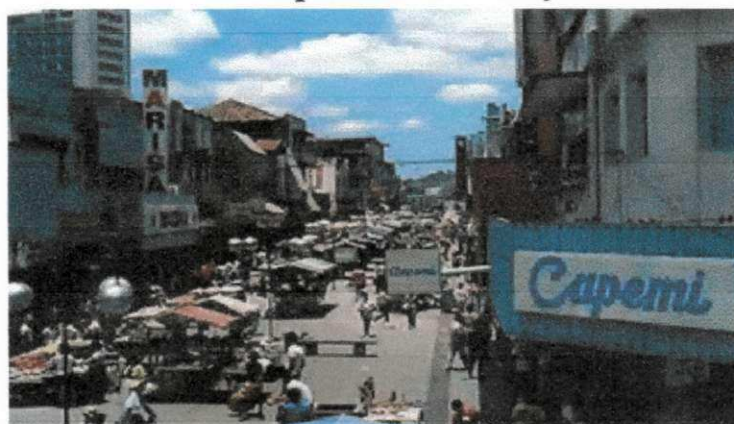
Foto 28 – Imagem do início do “Calçadão”



Fonte: Site Retalhos Históricos de Campina Grande⁷³

Em 1982, no dia 27 de Março, na gestão Enivaldo Ribeiro, os Calçadões se expandiram para além da Rua Cardoso Vieira, abarcando as Ruas Sete de Setembro, Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro. A ideia era que o espaço do “Calçadão” servisse para passeio, facilitando o deslocamento dos pedestres em torno do Centro comercial de Campina Grande⁷⁴.

Foto 29 – Expansão do “Calçadão”



Fonte: Site Retalhos Históricos de Campina Grande⁷⁵

⁷³ Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/08/calcaado-no-centro-da-cidade.html>> Acesso em: 25 de Novembro de 2012.

⁷⁴ Informações obtidas no site Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/o-calcaado-de-campina-grande.html>>. Acesso em: 23 de Setembro de 2012.

⁷⁵ Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=cal%C3%A7ad%C3%A3o+da+cardoso+vieira>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2013.

Atualmente o “Calçadão” não possui mais essa extensão física, tal transformação ocorreu na gestão do prefeito Félix Araujo Filho (prefeito da cidade de Campina Grande nos anos de 1993-1996), o qual concentrou o Calçadão apenas na Cardoso Vieira.

3.5 Apresentando o espaço atual do “Calçadão”

Hoje o “Calçadão” oferece uma serie de serviços para as pessoas que por ele passam ou permanecem, serviços os quais se encontram espalhados nos edifícios, trailers e lojas que dele fazem parte.

Fisicamente podemos definir o “Calçadão” como um corredor. No lado esquerdo de quem vai em direção a Rua Venâncio Neiva, encontramos um dos edifícios mais conhecidos da cidade chamado de Edifício Lucas, formado por 12 andares, oferecendo os mais variados serviços como consultas odontológicas e psicológicas, atendimento jurídico, serviços de contabilidade, escritório de corretores de imóveis, consultórios de obstretícia e ginecologia, consultórios de endocrinologia, ateliê de costura, *Lan House* e salão de beleza. No térreo desse edifício, correspondendo a quase todo um lado do “Calçadão”, encontramos a Loja do Treze, uma loja a qual oferece produtos como camisas, bonés, meias que fazem referência a um dos times de grande popularidade da cidade de Campina Grande, o Treze Futebol Clube.

Foto 30 – Edifício Lucas e Loja do Treze



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

A existência dessa loja faz com que haja inúmeros torcedores desse time nesse espaço, falando sobre o desempenho do Treze, como também falando mal do seu maior adversário, o

time do Campinense. Essa atmosfera proporciona um ambiente descontraído e de muita brincadeira entre os torcedores desses times no “Calçadão”.

Ao lado da Loja do Treze encontramos a Farmácia do Trabalhador e em seguida uma entrada a qual dá acesso aos andares do Edifício Lucas (seta azul indicando na foto 32), logo após, temos a Loteria do Calçadão.

Foto 31 – Farmácia do Trabalhador



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Foto 32 – Loteria



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

No mesmo lado há outro prédio com estrutura bem menor, dois andares, onde em seu térreo aloja-se o Supermercado Tropeiros. Na lateral desse supermercado encontramos quatro trailers. O primeiro oferece produtos como queijo, manteiga, laticínios, o segundo trailer é um chaveiro, o terceiro é um fiteiro onde vendem doces, água, e outros produtos como canetas, enfim, e por último encontra-se outro trailer oferecendo também serviços de fabricação de chaves, finalizando assim um lado da estrutura física do Calçadão.

Foto 33 – Trailers do “Calçadão”



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Do outro lado do “Calçadão”, seguindo a mesma direção anteriormente citada, encontramos duas outras farmácias localizadas nas esquinas, do grupo Redepharma.

Ao lado da farmácia que fica em frente à Loja do Treze, encontramos uma loja de revelação de fotos Neywa a qual também vende acessórios relacionados ao universo de fotografia.

Foto 34 – Farmácia Redepharma



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Foto 35 – Loja de revelação de fotos



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Ao lado da loja de revelação de fotos (Neywa), deparamos com Henrique Lanches, uma lanchonete que a todo o momento se encontra movimentada abarcando um público bastante diversificado, homens, mulheres, jovens, idosos. Não percebemos uma clientela específica nesse estabelecimento (diferentemente de outro estabelecimento também encontrado no “Calçadão” o qual falaremos posteriormente).

Observamos que a maioria das pessoas que estiveram frequentando essa lanchonete lanchava e logo partiam, não permanecendo no “Calçadão”. Tal atitude denota que a intenção de boa parte dessas pessoas é ir a esse espaço para fazer um lanche e apenas isso, não participando do contexto maior do “Calçadão”.

Junto a esta lanchonete temos um prédio antigo dos Correios, que segundo informações de um senhor que estava nesse dia, (27/12/2012) sentado em um dos bancos, os Correios está inativo a mais ou menos um mês.

Foto 36 – Lanchonete do “Calçadão”

Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Foto 37 – Correios inativo

Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Após o prédio dos Correios encontramos um ambiente o qual recebe um grupo mais seletivo, (o qual citamos anteriormente) se comparado à lanchonete na qual podemos perceber uma variedade de pessoas. No *Coffe e Chopp* o público é diferente, geralmente são homens de mais idade que passam um bom tempo lendo jornal ou estão em computadores pessoais, ou simplesmente estão tomando café sozinho ou acompanhado por iguais, são pessoas as quais permanecem nesse ambiente por um período de tempo considerável, sem pressa, muitos apenas sentam, fazem o seu pedido e ficam olhando o que está acontecendo no “Calçadão”, denotando a satisfação de estarem nesse espaço unicamente por estarem.

Encontramos ainda outra loja de revelação de fotos, nesse mesmo lado, desta vez, da Labfilm, seguida de outra farmácia da Redepharma da mesma estrutura da anterior (foto 34).

Foto 38 – Coffe e Chopp

Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Foto 39 – Loja de material fotográfico

Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Na parte central do “Calçadão” encontramos uma barraca onde vende cartão telefônico, como também algumas pessoas espalhadas pela extensão do “Calçadão” vendendo os mais variados produtos, como sandálias, celulares, utensílios para casa, meias, entre outros produtos. Estes vendedores não são encontrados todos os dias, pois, boa parte desses vendedores não faz do “Calçadão” um ponto fixo devido à “batida de policia” (explicaremos um pouco mais a frente). Os únicos trabalhadores que encontramos são alguns engraxates, esses sim são encontrados diariamente nesse espaço. Também encontramos, assim como na Praça da Bandeira, os bancos, estruturas físicas muitas vezes não valorizadas pelas pessoas, mas que nesse espaço possui um papel significativo oferecendo comodidade, permitindo aos seus frequentadores sentarem e permanecerem horas conversando.

Foto 40 – Bancos do “Calçadão”



Fonte: Pesquisa de campo (12/02/2013)

3.6 Exercendo práticas sociais no “Calçadão”

No início deste trabalho afirmamos que o “Calçadão” é um espaço importante para o contexto da cidade e para as pessoas as quais o frequentam. Apresentando um movimento maior de pessoas no período diurno nos dias úteis da semana, se comparado aos finais de semana ou ao período da noite.

Nas visitas a esse espaço pudemos perceber que durante todo dia o “Calçadão” é frequentado e movimentado, esse movimento começa logo cedo, a partir das 7:00h da manhã vemos os primeiros movimentos, seja dos que trabalham ou dos que vão simplesmente para conversar no “Calçadão”.

Esse contexto oferece respaldo para afirmarmos que o “Calçadão” é um espaço de sociabilidade, não é apenas um espaço propício para o comércio, seja este legalizado ou não. No entanto vale resaltar que no período da noite o “Calçadão” se esvazia de forma significativa tornando-se difícil encontrar pessoas ou grupos conversando.

Mediante a essa colocação concluímos que a movimentação desse espaço está intimamente relacionada ao ritmo do comércio, ou das lojas do centro, enquanto há movimentação nas principais ruas e comércio do centro da cidade o “Calçadão” é frequentado, mas à medida em que a noite vai chegando e com ela o esvaziamento significativo do centro, vem também o vazio do “Calçadão”, ou seja, o “Calçadão” é um espaço diurno, embora haja grande movimentação em seus arredores à noite de pessoas as quais trabalham e estudam no centro.

Cabe ressaltar que esse espaço tem sido alvo de conflitos entre a prefeitura e os ambulantes, motivo pelo qual não os encontramos fortemente hoje em dia.

Quando iniciamos as visitas a esse espaço a presença de vendedores ambulante era notória, vendendo relógios, sandálias, celulares, CD’s e DVD’s, óculos, bijuterias, entre outros objetos, porém, no dia 23 de Maio de 2012, os ambulantes logo cedo tiveram uma surpresa, encontraram o “Calçadão” ocupado por policiais militares e agentes de fiscalização da Prefeitura, cuja presença teve como objetivo garantir o cumprimento de uma decisão judicial expedida no mesmo dia a qual proibia a presença de ambulantes no “Calçadão”. As pessoas que por ali passavam reagiam de forma surpresa pelo o que acabara de ver, policias equipados com o objetivo de impedirem os ambulantes venderem seus produtos.

Foto 41 – Policiamento no “Calçadão” no dia 23 de Maio de 2012



Fonte: Jornal da Paraíba on-line⁷⁶

⁷⁶ Disponível em: <http://paraibaonline.com.br/index.php/editorias_inc/6/848774> Acesso em: 23 de Setembro de 2012.

Ao saírem do “Calçadão”, os ambulantes, cerca de aproximadamente 80, se deslocaram para a Praça Clementino Procópio, no Centro de Campina Grande, no entanto, mais uma vez, no dia 07 de Julho de 2012, foram outra vez inibidos pela Tropa de Choque da Polícia Militar, a qual foi acionada para garantir que os ambulantes não comercializassem seus produtos.

Mediante essa situação os ambulantes alegam que não encontram um espaço para trabalhar, solicitaram um espaço para a prefeitura, porém esta declarou que não é de sua responsabilidade resolver tal situação.

Não é a primeira vez que um fato desses ocorre no “Calçadão”. Em Janeiro de 2009, também os ambulantes que ali estavam, cerca de 150 ambulantes, foram notificados pela Prefeitura Municipal, para recolher suas mercadorias e deixar o local, sob pena de terem os seus objetos apreendidos, e o motivo pelo qual estes ambulantes foram expulsos do “Calçadão”, tanto em 2009 como no ano passado respalda no argumento de que os ambulantes “atrapalham” o transitar das pessoas no “Calçadão”, entretanto, atualmente de maneira sutil estes ambulantes estão voltando para o “Calçadão”, como mostra a imagem a seguir registrada no final do ano passado, um vendedor de aparelho de celular e de brinquedos.

Foto 42 – Vendedor de celular no “Calçadão”



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

Apesar da repressão estas pessoas acabam voltando e isso ocorre porque os vendedores “já se acostumaram com o pessoal e a clientela já é acostumada” (tais palavras ditas por um vendedor de sandálias, em uma das conversas informais realizadas nesse

espaço), mas, para além de uma situação de costume, entendemos que esses ambulantes voltam, de maneira gradativa, porque o “Calçadão” além de um espaço de comércio é um espaço de diversão, isto é, é nesse espaço que se exerce uma dupla ação: trabalho e diversão, já que a forma de negociar é bastante descontraída.

3.6.1 A “Praça dos aposentados”

O simples fato das pessoas estarem no “Calçadão” já as identificam socialmente, um grupo, se é que assim podemos chamar, mais evidente nesse espaço é de homens, a maioria senhores aposentados os quais frequentam, quando não diariamente, com regularidade o “Calçadão”, por isso o adjetivo de “Praça dos aposentados”.

Foto 43 – Senhores conversando no “Calçadão”



Fonte: Pesquisa de campo (27/12/2012)

São vários senhores fazendo do “Calçadão” um ponto de encontro com o objetivo de “arrumar algum bico” (embora sejam aposentados) e/ou conversar com os amigos. Conversas as quais resultam em uma comunicação, e que permite o reconhecimento entre aqueles que fazem parte desse contexto. Ao perguntar aos entrevistados o que eles achavam de interessante no “Calçadão” a maioria expressou a satisfação de encontrar com os amigos e de conversar sobre, principalmente, política e futebol.

Aqui eu tô para passar o tempo, pra falar sobre futebol, pra falar sobre política, olhar as meninas bonitas que passa, e do meu lado é assim pra tá em contato com emprego, entendeu? Porque eu tô desempregado. (José Mendonça – Radialista – 50 anos).

O “Calçadão” é o lugar do bate papo, de gente jovem, mas idoso também, e pra mim tá bom demais, pra mim tá primeira. Aqui tem bate papo de politica tem papo de futebol, tem papo de tudo, aqui é geral, aqui é onde o povo bate papo. Aqui é futebol e politica aqui fala de religião, agora religião é pouco é mais politica e futabol, agora a doença mesmo é futebol, eu sou raposeiro doente. (Paulo Jorge, conhecido como Paulo Loló – Músico aposentado – 72 anos).

Rapaz eu vou lhe dizer, eu acho, eu encontro meus amigos de outrora, como agora mesmo eu encontrei o Paulo Loló cantor, e muitos e muitos amigos da minha época, muito gosto aqui. (Severino Luciano – Aposentado – 65 anos).

Aqui é bom, tenho muitas amizades, conversa boa, conversa, vamos dizer assim, de futebol, de politica, um bocado de coisa, gente morre, como pensaram que eu tinha morrido, porque eu sofri um acidente no Amigão, faz 4 anos, eu ia morrendo, saiu na televisão e tudo. (José Cabral – 48 anos).

A partir da análise desses discursos, evidenciamos que a conversa é a principal atividade praticada por esses homens no “Calçadão”, porém a conversa possui um critério no qual já se torna evidente nas falas citadas acima: o assunto, baseado em temas como futebol e política.

O conteúdo das conversas permite a formação de grupos distintos. Para uma pessoa a qual passa pelo “Calçadão” perceber a existência desses vários grupos não é uma atividade fácil, percebe-se sim que em todo espaço do “Calçadão” há grupos, porém perceber que estes são formados a partir das afinidades ou interesses, só mediante a convivência.

A reafirmação que existe essa formação de grupos podemos encontrar na fala de seu Paulo Loló, mesmo que tal formação esteja baseada em categorias, no caso de seu Paulo Loló categorias profissionais.

Eu converso com os meus amigos aqui, eu fico na área dos músicos e na área dos garçons, que eu trabalho de garçom também, e na hora trabalho de musico, faço composição pra muitos artistas aqui da terra, tenho 4 CD's gravados, é músicos, é garçons, é as amizades que converso também, aqui é a praça do encontro o Calçadão é o encontro de todo jovem, agora fala mais de futebol e politica.

A existência desses círculos sociais possibilita alternativas para o indivíduo. A sua formação pode ocorrer a partir de uma base de amizade já estabelecida anterior ao “Calçadão”.

A maioria é conhecido minha, há muitos anos que a gente jogou futebol juntos, eu joguei no Campinense, não era profissional, né? Jogava no amator, jogava de meia esquerda, camisa 10, aí modesta parte, pequenininho mas dava trabalho, você sabe que tem jogador pequeno bom?(Agnaldo Mota – Corretor de Imóveis aposentado – 71 anos).

Como também encontramos situações nas quais as pessoas fazem amizades nesse espaço, como seu Severino Luciano, ele diz:

Eu tenho muitos amigos aqui da época passada, e tem outros que eu conheci aqui, através do futebol, porque eu não conhecia, e aí a gente falando em futebol, aí é torcedor do Campinense e eu também, aí a gente começou, hoje somos amigos.

Temos o exemplo também de seu José Mendonça o qual falou que ao chegar no “Calçadão” não conhecia ninguém, suas amizades foram sendo construídas a partir do momento no qual começou frequentar com regularidade esse espaço, estabelecendo então contato com as pessoas. Todavia, também é importante enfatizar que as pessoas não estão presas há uma única rede de relações sociais, quer dizer, um único grupo, há uma mobilidade social onde uma pessoa pode fazer parte, durante um único dia, de vários grupos, como é o caso de seu Paulo Loló, quando coloca que fica na área dos músicos ou na área dos garçons.

Estar no “Calçadão” já faz parte do dia-a-dia das pessoas que o frequentam e estabelecer contato com outros se tornou algo tão importante que a possibilidade de não estar no “Calçadão” remete a um sentimento de “agonia”, algo ruim.

Eu sinto muita falta, fico aguniado. (Severino Luciano - 65 anos - Aposentado)

Além da “agonia”, o não ir ao “Calçadão” proporciona também o sentimento da falta, da ausência.

Sente falta, já virou uma mania, uma tradição, um costume, um vício. É bom tá aqui pra se distrair, passar o tempo, pra sair da rotina, e aí que aqui tudo acontece, de tudo acontece e aqui tem de tudo, o você imaginar encontra, o que pode e o que não pode, o que der e o que não der você encontra aqui, o que você imaginar, tudo aqui. (José Mendonça - 50 anos - Radialista).

Pode-se atribuir o não ir ao “Calçadão” há circunstâncias as quais fazem com que o seu frequentador esteja impossibilitado de se deslocar a esse espaço, como problemas de saúde ou por questões de trabalho.

Quando eu não posso é porque eu tô doente, mas se eu puder eu venho aqui todo dia, às vezes eu tô doente, às vezes eu tô trabalhando, vou mostrar um apartamento a uma pessoa, vou olhar uma fazenda, aí não venho, vou de manhã e volto de noite, aí não é muito bom tá correndo demais não. (Agnaldo Mota - 71 anos⁷⁷ - Corretor de Imóveis Aposentado).

⁷⁷ Apesar de seu Agnaldo Mota ser aposentado, continua trabalhando como corretor de imóveis.

A partir de uma frequência e assiduidade o sentimento de pertencer a esse espaço se desenvolve “naturalmente” e isso ocorre porque as pessoas agem sobre o “Calçadão” e ao agirem desenvolvem um sentimento no qual valoriza a presença dos que o frequenta, mas ao mesmo tempo questiona aquele que é estranho. Um acontecimento que pode ilustrar essa ideia de aceitação e exclusão ocorreu no primeiro dia⁷⁸ que chegamos ao “Calçadão” onde determinado vendedor de cintos se aproxima de mim (estou sentada em um dos bancos desse ambiente cercada por senhores) e pergunta se estou fazendo alguma pesquisa (acredito que essa dúvida procedeu pela presença de uma prancheta com folhas de ofício em branco), pois este falou que já participou de uma pesquisa feita no “Calçadão”, anteriormente, na qual concedeu uma entrevista, pois, era um homem muito educado que tinha o português muito bom. Enquanto estávamos conversando passou três ciganas (identificamos como pertencentes a esse grupo por causa das suas vestimentas), e o vendedor de cintos grita: “Passem direto!”. Vendo que observávamos a situação ele explica que ele era o responsável de expulsar todos os ciganos do Calçadão, “pois estes são ladrões e não eram bem vindos”, pois ali o “pessoal é trabalhador”⁷⁹, ou seja, o mesmo espaço onde comporta relações sociais positivas, de interesses em comum, permitindo a construção de amizades, também pode estabelecer situações de exclusão, relações conflituosas, baseadas, muitas vezes, em pré-conceitos.

3.6.2 Um espaço masculino!

A presença do gênero feminino no “Calçadão” se mostra bastante diferente quando comparamos com a praça. Na praça a figura da mulher é presenciada de várias formas, seja trabalhando, descansando, vivenciando ou utilizando-a apenas como passagem, porém no “Calçadão” a situação é um pouco diferente, vemos apenas algumas mulheres trabalhando nos estabelecimentos desse espaço, como também atravessando de um lado para o outro como ponte de ligação entre ruas, não permanecendo como frequentadora, ou seja, a presença feminina se comparada à presença masculina é pouco expressiva.

Não foi possível, durante as nossas visitas, encontrar mulheres sentadas ou conversando no “Calçadão”, seja entre si ou com os grupos masculinos, e isso faz pensar que o espaço público ainda é caracterizado como um espaço masculino, um espaço onde os homens podem estar e vivenciar, enquanto a mulher não.

⁷⁸ Relato cedido em 08 de Maio de 2012.

⁷⁹ Esse fato ocorreu antes que os ambulantes fossem expulsos do “Calçadão”.

Todos os entrevistados do “Calçadão” são homens casados, e ao perguntar sobre as suas esposas, sobre o que elas achavam dessa constante presença de seus maridos no “Calçadão”, todos responderam unanimemente que elas apoiavam e não se preocupavam porque sabiam que eles estariam no “Calçadão” trabalhando ou conversando com amigos (embora haja a confissão de um dos nossos entrevistados, que além de ir pra o “Calçadão” conversar, vai também pra “olhar as mulheres bonitas que passam”, mas ressalta que ele só faz olhar).

Essas mulheres não costumam frequentar o “Calçadão”, segundo esses homens, elas ficam em casa ou estão trabalhando, com exceção de Seu Severino Luciano o qual traz a sua esposa para o “Calçadão”.

Essa situação de Seu Severino levar a sua esposa para o “Calçadão”, segundo ele, ocorre quando ambos vão ao centro juntos, e ele a leva para sentar e conversar, entretanto essa situação parece não ter como finalidade levar a sua esposa para conversar, pelo contrário, seu Severino a leva porque a sua esposa está junto dele.

Tal circunstância implica duas questões, a primeira é que a sua esposa não vai só ao “Calçadão”, e percebemos isso na sua fala quando o mesmo diz: “às vezes quando eu venho mais ela, ela fica aqui sentada também”, descartando a possibilidade de sua esposa ir ao “Calçadão” sozinha. E a segunda questão perceptível na fala de seu Severino é o fato dos dois irem por causa dele o qual quer conversar com seus amigos, e como está com a sua esposa ela vai a esse espaço por consequência.

Essa situação lembra Pierre Bourdieu quando coloca uma oposição entre o espaço público e o espaço privado, ele diz que há uma

(...) oposição entre o universo público, masculino, e os mundos privados, femininos, entre a praça pública (ou a rua, lugar de todos os perigos) e a casa (...), entre os lugares destinados sobretudo aos homens, como bares e os clubes do universo anglo-saxão, que, com seus couros, remetem a uma imagem de dureza e de rudeza viril, e os espaços ditos “femininos”, cujas cores suaves, bibelôs e rendas ou fitas falam de fragilidade e frivolidade⁸⁰.

Essa ideia do espaço público ser do homem e o espaço da casa reservado à mulher é algo disseminado cotidianamente não só por quem propaga tal pensamento no espaço da rua, mas também através dos meios midiáticos.

Assim, nos tablados das televisões, as mulheres estão quase sempre acantonadas nos papéis menores, que são outras tantas variantes da função de “anfitriãs”,

⁸⁰ BOURDIEU. *A dominação masculina*. (p. 72)

tradicionalmente atribuídas ao “sexo frágil”; quando elas não estão à frente de um homem. A quem visam a valorizar e que joga muitas vezes por meio de gracinhas ou de alusões mais ou menos insistentes, com todas as ambiguidades inscritas na relação “casal”, elas têm dificuldades de se impor, ou de impor a própria palavra, e ficam relegadas a um papel convencionado de “animadora” ou “apresentadora”⁸¹.

Além de Bourdieu⁸², DaMatta, no livro “A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”, descreve também que “o interior da casa é reservado às mulheres” (DAMATTA, 1997, p. 36). Sendo a casa o espaço das mulheres, logo o espaço público é dos homens, e a partir do momento no qual uma mulher começa a frequentar esse espaço essa situação causa estranheza por parte dos homens que lá estão. Isso se evidenciou mediante a minha presença nesse espaço ocasionando olhares de estranhamento, tanto de quem frequenta este espaço, quanto de quem passava estes sendo homens ou principalmente mulheres. Acredito que essa indiferença transmitida nos olhares só terminou quando os homens que fazem parte desse espaço descobriram que eu estava “trabalhando”, situação aceitável não causando aos que fazem parte do “Calçadão” estranheza, como eu disse aos que fazem parte, porque aos que passavam pelo o “Calçadão” os olhares fixos continuaram direcionados a minha pessoa.

Mediante essas colocações apresentamos o “Calçadão” como um espaço simbolicamente masculino, onde em nenhum momento “proibe” a presença de mulheres, apesar de inibirem sua presença mediante olhares quando uma senta em seus bancos.

Para os homens é um espaço de estar, da convivência, para as mulheres é um espaço de passagem ou do trabalho.

3.7 O andarilho: costurando os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão”

Entre os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira encontramos uma figura a qual vai de encontro à maioria das pessoas entrevistadas: o andarilho, frequentador assíduo de ambos os espaços.

Quando perguntávamos as pessoas que frequentam a Praça da Bandeira se também frequentavam o “Calçadão” a maioria respondeu (com a exceção de Alisson):

⁸¹ BOURDIEU. *A dominação masculina*. p.74.

⁸² Este autor mostra que o motivo dessa relação de dominação no qual o homem é o dominador e a mulher é a dominada pode ser respaldada através da divisão sexual em que o homem seria o “ativo”, e o feminino, “passivo”. Este princípio estabelece o “desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina” como subordinação, ou seja, as diferenças biológicas parecem ser a base para as diferenças sociais. Vale ressaltar que essa dominação encontra-se no campo do simbolismo, ou seja, essa dominação é uma forma de poder que exerce sobre a mulher sem qualquer coação ou repressão física.

Não. Porque lá o lugar é menor, é um lugar pra povo idoso. (Pedro Henrique – 17 anos)

Pedro Henrique apresenta uma justificativa a qual se respalda no espaço geográfico, no tamanho, como também no seu público, o qual não se encaixa.

Não. Porque ali é muito mais barulho do que aqui, poluição sonora, todo mundo fica colado no outro e aqui a pessoa se isola mais, lá é tumultuado, colado demais um no outro, aí fala muito mais de política. (Onildo – 64 anos – Comerciante).

Segundo Seu Onildo, ele não vai ao “Calçadão”, porque é bastante movimentado e barulhento, além de falar só de política. Já Dona Maria diz:

Não. Só tem homem lá. (Maria – 47 anos – Trabalha na praça pela prefeitura).

Ou seja, o fato do “Calçadão” ser um espaço masculinizado inibe a presença feminina, a permanência da mulher. Essas falas não são tão diferentes quando fazemos a pergunta de forma contrária, isto é, quando perguntamos as pessoas do “Calçadão” se frequentam a praça, elas dizem:

Não, mais ou menos, só as vezes que tem culto. (José Cabral – 48 anos).

Seu José Cabral mostra que é preciso um motivo específico e por ele considerado importante ou justificável, para que ele se desloque até o espaço da Praça da Bandeira. Seu Paulo fala:

Difícilmente eu ir ali, porque aquela praça tá sem cobertura da justiça, você chega lá é marginal, muita gente cheirando cola, outros thinner, maconha escondido, gente deitado ali, aquela praça pra mim tá abandonada, é perigosa, porque pra mim quando há assalto, o caba pega o celular de uma pessoa, que eu vi muitas vezes ali, ali é perigoso, aqui não tem perigo, lá é perigosíssimo, ali tá precisando de uma cobertura. (Paulo Loló – 72 anos – músico).

Mais uma vez vemos o argumento da falta de segurança como fator decisivo para presença ou ausência das pessoas nesse espaço.

Porém, ao contrário dessas opiniões e posicionamentos, encontramos um senhor chamado Agnaldo Elias Mota, mais conhecido como Motinha. Seu Motinha é uma dessas pessoas que frequentam ambos os espaços estudados, sempre bem vestido com sua calça social, blusa de mangas compridas, casaco e boina, Seu Motinha caminha entre a Praça da

Bandeira e o “Calçadão” diariamente, vagando e conversando com todos por onde ele passa, sabendo de muito do que acontece nesses espaços e das pessoas frequentadoras.

A figura de Seu Motinha faz lembrar-nos da figura do *flâneur*, uma pessoa que caminha lentamente, um observador o qual é conduzido por esses espaços.

A rua conduz o flâneador a um tempo desaparecido. Para ele todas são íngremes (...). A cada passo, o andar ganha uma potencia crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bitrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistíveis o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua (...). Aquela embriaguez anamnésica em que vagueia o *flâneur* pela cidade não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar, com frequência também se possa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como de algo experimentado e vivido. Esse saber sentido se transmite, sobretudo por notícias orais⁸³.

Durante a pesquisa de campo encontramos Seu Motinha todas às vezes, quando estávamos na praça ou quando estávamos no “Calçadão”, sempre caminhando entre esses lugares até encontrar um grupo no qual passava um bom tempo conversando.

Entrevistamos Seu Motinha no “Calçadão”, porque foi onde o conhecemos. No primeiro dia, no qual o encontrei, Seu Motinha conversou comigo por cerca de uma hora, falando de sua família, da sua profissão, religião, enfim de assuntos os quais lhe agradavam. Desde esse dia tivemos acesso a Seu Motinha, bastava estar no campo de pesquisa. Ele é um frequentador da praça e do “Calçadão” há um bom tempo, a cerca de 30 anos, quando se tornou corretor, e desde então não parou de frequentar esses espaços. Ao falar do que gosta de fazer no “Calçadão” e na praça (respectivamente) ele diz:

Converso todos os assuntos, futebol, politica, brincadeira com os amigos, tudo, não converso só com os amigos, converso com deputado, como eu conversei com o governador da Paraíba, uma vez, antes dele ser eleito, eu disse a ele: Se apoie com Cássio que o senhor é eleito. Ele deu uma risada num sabe? Não mais não é bem assim, eu digo é assim, se não for com Cássio o senhor não é eleito não. Acertei ou não acertei?

Nesse momento percebemos que Seu Motinha tenta mostrar o “Calçadão” como um espaço frequentado por pessoas importantes, um espaço bem frequentado, como também percebemos o seu esforço de mostrar-se como uma pessoa bem articulada. Quando se refere à praça diz:

Os mesmos assuntos. Vejo os amigos, encontrar com os amigos, pergunto: Rapaz quem é que tá querendo comprar uma fazenda? Às vezes surge um negócio, eu não tenho não, eu digo: Me arranja!

⁸³ BENJAMIN. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. (p.185-186).

Seu Motinha representa uma parcela de pessoas que vêm em ambos os espaços, a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira, possibilidade de estar em comunicação com o outro, mesma que essa comunicação não seja o fator motivador para a sua ida a esses espaços. Ao conversarmos com ele, Seu Motinha deixou bem claro que a sua ida tanto a praça quanto ao “Calçadão” se refere a questões de trabalho, de tentar vender algum imóvel, porém ao se encontrar com os seus amigos, alguns conhecidos de tantos anos, anteriores aos espaços, a conversa estabelecida é norteadada por vários assuntos, menos trabalho, apesar dele informar que vai ao “Calçadão” e a praça por motivos de trabalho.

Diariamente Seu Motinha vai construindo uma ponte de ligação entre a praça e o “Calçadão”, um trajeto, lembrando um pouco Magnani, o qual não são caminhos aleatórios, mas uma forma de uso do espaço permitindo a esse andarilho possibilidades, combinações, ligações entre a praça e o “Calçadão”.

3.8 A importância dos espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira para a sociabilidade e construção de identidade

Enfatizamos que a Praça da Bandeira e o “Calçadão” da Cardoso Vieira são espaços nos quais o fenômeno da sociabilidade é perceptível. Pertencer a esses espaços possibilita a construção de uma identidade que pode ser mantida ou modificada por meio das relações sociais. Para Berger e Luckman,

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a⁸⁴.

A construção da identidade mediante esses espaços pressupõe vivência, através do movimento no qual envolve o indivíduo com outras pessoas. Movimento o qual resulta na construção de uma identidade pessoal, quando percebemos a influência ou particularidades do indivíduo, como também em uma identidade coletiva, sendo essa mais fácil de identificação, pois mesmo estando só o indivíduo mediante suas atitudes, hábitos, opiniões, demonstra que pertence ou faz parte de algum grupo social. Além dessas duas formas de construções de identidade (individual e coletiva), há também a construção de uma identidade territorial, a

⁸⁴ BERGER; LUCKMAN, *A construção social da realidade*. (p. 228)

qual se mostra através do “sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência” (SOUSA, PEDON, 2007, p. 127-128). Esse sentimento de pertencer ao espaço de vivência nada mais é do que ver a Praça da Bandeira e o “Calçadão” como lócus de práticas sociais no qual há o “enraizamento de uma complexa trama de sociabilidade” (op. cit., 2007, p. 128), pois o fato de

(...) um indivíduo estar em um determinado lugar e em um determinado tempo, faz com este mesmo indivíduo participe de redes de sociabilidades que lhe permitem construir seus referenciais com o qual ordena o mundo. A identidade, portanto, não é algo dado, mas é sempre processo (identificação em curso), que se dá por meio da comunicação com outros atores (diálogo e confronto)⁸⁵.

Duas situações de pesquisa de campo mostram esse processo de construção de identidade. A primeira ocorreu na Praça da Bandeira, onde tivemos a oportunidade de conhecer um senhor chamado Antônio, com 71 anos. Seu Antônio disse que era frequentador assíduo da praça, “todo mundo” o conhecia e que também estava na praça quase todos os dias. Para comprovar ser uma pessoa conhecida Seu Antônio começou a chamar em voz alta o nome de pessoas, homens que passavam por nós, porém, nos chamou atenção o fato dele saber não só os nomes, mas as profissões dessas pessoas. Além disso, outro elemento importante foi que ao gritar pelos nomes desses transeuntes, os que falavam com Seu Antônio através de um “tudo bem”, Seu Antônio falava de forma positiva, dizendo principalmente ser um “homem educado”, em contrapartida, aqueles que não falavam com ele, Seu Antônio os chamava de “mal educado”, dizendo: “Este não presta!”.

Todas as pessoas as quais Seu Antônio conhecia e que passava por nós ele relatava histórias, algumas um tanto comprometedoras, como a de um indivíduo que ao passar por nós Seu Antônio não hesitou em narrar um acontecimento no qual, este senhor que passara e que também frequentava a praça, em determinado dia sentou ao lado de Seu Antônio e passou à mão na sua perna. Seu Antônio falou de sua indignação com essa situação, “porque homem é homem e mulher é mulher não existe meio termo”, porém vale ressaltar que este indivíduo o qual Seu Antônio relatou esse fato, foi um dos que ao passar por nós ele gritou o seu nome, mas ele não esboçou nenhuma reação.

Mediante essa situação, foi possível perceber que para Seu Antônio era significativo o reconhecimento das pessoas naquele momento por dois motivos, primeiro para comprovar o que antes havia dito, ser um frequentador assíduo da praça, mas também mostrar sua popularidade, ou seja, uma pessoa popular, a qual faz parte da praça, isto é, integrante desse

⁸⁵ SOUSA; PEDON. *Território e Identidade*. (p.135)

espaço, uma pessoa idêntica ou igual àqueles que fazem parte desse espaço, não sendo alguém desconhecido.

O segundo exemplo presenciamos no “Calçadão” quando observávamos. Determinado dia estava sentada em um de seus bancos e um senhor se aproximou de outro senhor o qual estava sentado ao meu lado e perguntou a este por três homens, o senhor do meu lado lhe disse que ainda não tinha visto eles naquele dia. O senhor que se aproximou, agradeceu e disse a seguinte frase: “Meus companheiros de prosa nem chegaram”, e foi embora.

Essa situação proporciona uma relação de identificação com o outro, de identificar-se com alguém por meio de algo, nesse caso, pelo o assunto da conversa, a conversa seria o elemento o qual permite o indivíduo fazer parte de um grupo. Esse senhor que se aproximou poderia conversar com outras pessoas presentes no “Calçadão” inclusive com quem ele dirigiu a palavra para perguntar sobre os seus companheiros, mas não, ele se reconhece fazendo parte de algo que quando não está presente ele prefere retirar-se.

Ambos são exemplos claros de como a construção da identidade se desenvolve em ambos os espaços, construção de identidade baseada em uma relação entre indivíduo e sociedade, relação a qual proporciona não só um tipo de identidade, pelo contrário, resulta em um grande número de identidades, evidenciados na existência de grupos os quais são sociáveis, mas que ao mesmo tempo tornam-se “fechados”, Maffesoli coloca que,

Cada grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida. Tal coisa supõe, no entanto, que exista uma multiplicidade de estilos de vida, de certa forma, um multiculturalismo. De maneira conflitual e harmoniosa, ao mesmo tempo, esses estilos de vida se põem e opõem uns aos outros. É esta auto-suficiência grupal que pode dar a impressão de fechamento⁸⁶.

Quando voltamos o nosso olhar para os lócus estudados, particularmente a Praça da Bandeira, compreendemos que esse fechamento grupal ocorre sim, recordo de uma situação a qual pode emoldurar essa ideia de fechamento. No primeiro dia⁸⁷ em que fomos observar a Praça da Bandeira, estava sentada em um dos bancos próximo ao Café, ao meu lado a princípio se sentaram dois senhores e começaram a conversar, nisso se aproxima mais um senhor, (vale ressaltar que ele já estava a uns 15 minutos rodando na praça na tentativa de se inserir em algum grupo e não conseguia) e tenta se inserir na conversa, porém os dois não abrem espaço para que haja mais um integrante na conversa. Essa situação denota que apesar de haver interação social há também um sistema de escolhas, no qual haverá pessoas aceitas

⁸⁶ MAFFESOLI. *O Tempo das Tribos*. (p. 184)

⁸⁷ 03/05/2012, no período da manhã.

ou não, quer dizer, apesar da praça ser um espaço público, como o “Calçadão”, nem todos que se encontram lá conseguirão pertencer aos grupos já formados.

Para que haja uma existência prolongada desses grupos é necessária a troca de gentilezas, de favores, de ações geradoras do bem estar do outro, como por exemplo, o oferecer um cigarro, pois é, o oferecer um cigarro pode ou não, proporcionar um ambiente agradável dentro de um grupo.

Uma situação bastante comum entre alguns jovens frequentadores da praça é o consumo de cigarros, situação a qual perpassa as barreiras do pedir e receber um cigarro, envolvendo questões sociais bem mais profundas, pois, ao negar um cigarro você também está negando ou quebrando uma ligação com aquele o qual também faz parte do grupo. Certo dia presenciei na praça uma situação na qual o fato de um jovem não oferecer cigarro aos seus companheiros resultou no seu abandono. Os seus companheiros, especificamente quatro rapazes, saíram da sua presença após falarem o quanto o rapaz do cigarro era egoísta e aproveitador (pelo o que entendemos o rapaz o qual negou o cigarro aos companheiros já tinha em, outro momento, recebido destes mesmos companheiros não só cigarro, mas também lanches e picolé). Este que negara um cigarro ficou sozinho sentado por um tempo, até perceber que os seus companheiros não iriam mais voltar. Essa situação faz lembrar o que Foote Whyte (WHYTE, 2005, p. 262-263) diz a respeito das obrigações mútuas.

A composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo. A estrutura grupal é um produto dessas interações. A partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para a coesão do grupo. Há muitas ocasiões nas quais os rapazes devem fazer favores uns aos outros. O código do rapaz da esquina impõe que ele ajude seus amigos toda vez que possa e se abstenha de fazer qualquer coisa para prejudicá-los. Quando a vida no grupo corre sem problemas, as obrigações que ligam os integrantes não são explicitamente reconhecidas. Uma vez, Doc me pediu que fizesse algo pra ele, e eu disse que ele havia feito tanto por mim que eu apreciava a oportunidade de retribuir. Ele objetou: “Não quero que seja assim. Quero que você faça isso por mim porque é meu amigo. É só isso.”

A obrigação com aqueles que fazem parte do grupo existe, mas ela não é e não pode ser explicitada, deve-se ajudar o outro sem haver nenhum tipo de ação ou reação demonstradora de obrigação, pelo contrário, para a coesão do grupo ser mantida é preciso ajudar o outro de “boa vontade”, mesmo que seja uma forma de obrigação.

Marcel Mauss ao falar sobre a dádiva (baseada na tríade dar, receber e retribuir) explica que essa situação envolve “o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e, no entanto obrigatório e interessado” (MAUSS, 2003, p. 188), trazendo para o nosso contexto, o não oferecer um cigarro, ou seja, a contraprestação (já que esse jovem dos

cigarros recebera em outro momento algum tipo de benefício de seus amigos) não foi exercida e isso resultou na exclusão desse jovem.

A troca ou a reciprocidade, segundo Mauss, é algo universal, as pessoas trocam, por exemplo, objetos como no caso do *Kula*, mas além de objetos também trocamos segundo Laburthr-Tolra e Warnier, pessoas ou direito sobre as pessoas, golpes (remetendo-se as guerras) e por fim as palavras, “a começar pelas saudações, que podem se prolongar numa conversa que não tem outra função senão a troca – conversação que chamamos de ‘fática’ cujo tema geral é a chuva ou o bom tempo, ou a saúde” (LABURTHR-TOLRA; WARNIER. 1997, p.344).

Percebemos através desses grupos encontrados tanto na praça como no “Calçadão” regras sociais estabelecidas às quais devem ser respeitadas por quem faz parte dos grupos, e algumas dessas regras são elementos de identificação com o outro, seja um estilo de roupa, uma preferência por música ou comida, pensamentos semelhantes, enfim, características as quais fundamentam a construção de identidade. Entretanto essa construção de identidade é uma construção simbólica ocorrendo a partir das relações sociais estabelecidas nesses espaços, sendo assim, a imagem que o indivíduo tem de si não é algo puramente individual, possui características sociais, ou seja, coletivas, as quais influenciam o seu modo de viver e ver o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreamos os espaços da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira como frutos de uma construção social diária, onde a vida cotidiana possui significado, sentido, coerência e ordem para quem os frequentam,

Apreamo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõe à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes da minha entrada em cena. A linguagem da vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivções e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim⁸⁸.

Admito que estudar a sociabilidade e o sentimento de pertencimento nesses espaços se tornou um desafio desde o começo, mas ao mesmo tempo algo instigante o qual nos impulsionava a um mundo cheio de significado e sentido.

Presenciamos, em ambos os espaços, inúmeras demonstrações de sociabilidade. Na Praça da Bandeira um leque de relações sociais, entre jovens, entre homens, crianças, entre casais, no “Calçadão” entre homens especificamente, idosos. Situações as quais demonstraram como as relações sociais podem ser estabelecidas no dia-a-dia das pessoas, relações amigáveis ou não.

Com base no tempo de pesquisa percebemos a importância destes espaços para as pessoas da cidade de Campina Grande, seja para vendedora de picolé ou o engraxate que consegue o seu sustento, o jovem o qual encontra os amigos, a criança a qual se diverte com os pombos da praça, o senhor que vai para encontrar com os amigos de longa data, o artista popular o qual vê nesses espaços uma oportunidade de divulgar e vender o seu trabalho, o soldado reformado do exército e jogador de damas, o professor aposentado ou o corretor de imóveis, entre tantas outras pessoas, ou seja, a importância desses espaços não está voltada para um único grupo ou tipo de pessoa, mas por diversos indivíduos os quais mostram a importância desses espaços através da presença constante nestes.

A cada conversa estabelecida ou a cada olhar intruso que direcionávamos para as atitudes das pessoas percebemos na prática a vida em sociedade, a qual está mergulhada em

⁸⁸ BERGER; LUCKMAN, *A construção social da realidade*. (p. 38)

diversas regras e costumes sociais evidenciados no dia-a-dia das pessoas frequentadoras da praça e do “Calçadão”.

Apesar da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira serem espaços públicos não podemos afirmar que todas as pessoas são aceitas nesses espaços, teoricamente deveria ser assim, mas na prática não é bem isto que acontece, já citamos um exemplo anteriormente quando nos referimos ao vendedor de cintos e as ciganas no “Calçadão”, no entanto, a exclusão social não se limita a esse espaço, mas a evidenciamos também na Praça da Bandeira com os moradores de rua.

Confesso que a minha presença frequente causou estranheza por parte desses moradores de rua os quais ficavam me observando, muitas vezes encarando, e essa situação nos constrangeu a estabelecer uma aproximação com eles⁸⁹.

É perceptível a exclusão desses moradores de rua. Todas às vezes que observamos a praça encontramos um grupo de moradores de rua formado por três homens e uma mulher, estes não mantinham nenhum contato com as outras pessoas da praça, senão entre si. Muitas vezes eles tentavam se aproximar⁹⁰ das outras pessoas, porém as pessoas logo se retiravam ou fingiam que não era com elas, tal situação denota uma condição de exclusão social, apesar do fato de qualquer pessoa passar ou estar na praça isto não remete a uma aceitação por parte daqueles os quais acreditam fielmente que a praça ou o “Calçadão” é mais seu do que qualquer outra pessoa por estarem lá quase todos os dias. A única vez onde houve algum tipo de contato entre pessoas de “classes sociais” diferentes, se assim pudermos falar, ocorreu quando uma mulher conversou por alguns minutos com dois meninos de rua na praça.

Uma questão deve ser colocada, esta exclusão social não é explicitada de forma concreta, não vimos em nenhum momento esses moradores de rua sendo expulsos, mas a exclusão ocorre mediante a atitude das outras pessoas, seja retirando-se da presença desses moradores de ruas ou com olhares reprovadores ou de supressão.

⁸⁹ Esse ponto se torna delicado para mim porque em uma das observações um morador de rua que estava na praça, se aproximou de mim para pegar a câmera fotográfica que utilizei na pesquisa, porém este não obteve sucesso devido a intervenção de Dona Risomar (vendedora de picolé da praça que citamos anteriormente) me chamou para ficar perto dela, depois disso o morador de rua foi embora. Dona Risomar tinha razão quando afirmou: “com os daqui eles não mexem”.

⁹⁰ Observamos que essa aproximação poderia ser por dois motivos. O primeiro por interesse econômico, ou seja, quando algum morador de rua se aproximava das outras pessoas da praça era para pedir alguma coisa, geralmente dinheiro e isso resultava no afastamento das pessoas. Ou para perguntar algo, como o horário. Nesse segundo ponto percebemos, por parte desses moradores de rua, que ao perguntar algo à outra pessoa, o morador de rua não estava só interessado em uma possível resposta, mas também em tentar manter uma conversa que se prolongaria, foram várias vezes que percebi a aproximação de um morador de rua em outras pessoas na praça, estas pessoas até respondiam a primeira, segunda ou terceira pergunta, mas quando percebiam o início de algum tipo de conversa logo se levantavam para ir embora.

Essas situações acontecem porque a nossa sociedade impõe padrões e expectativas às quais as pessoas devem atingir, caso isso não ocorra, às pessoas que não alcançam esses padrões acabam ficando a margem da sociedade, essas pessoas estão lá e são vistas diariamente por todos nós, porém incorporamos a atitude *blasé* da qual Simmel tanto fala.

Estudar a sociabilidade na praça e no “Calçadão” possibilitou apresentar as relações sociais acontecendo na prática entre pessoas conhecidas, mas também entre pessoas antes nunca apresentadas. Foram inúmeras às vezes nas quais presenciamos esse fenômeno (interação entre desconhecidos), mas a nossa participação não se resumiu à observação. Ela atingiu também a prática, pois interagimos com pessoas as quais não conhecíamos.

Essa interação acontecia por meio de duas possibilidades. A primeira por causa da pesquisa, nos impulsionando a falar e entrevistar as pessoas nesses espaços, nesse momento o movimento que ocorre é o aproximar do pesquisador ao sujeito da pesquisa. Como também houve o movimento inverso, o sujeito da pesquisa se aproximava de nós, motivados pela curiosidade, estimuladas muitas vezes por minhas atitudes como ficar escrevendo no banco ou registrando fotograficamente o espaço.

A segunda possibilidade de interação vivenciada e praticada por nós é a mais comum, acontecendo por meio de uma conversa estabelecida a qualquer momento, necessitando apenas de uma situação para que pessoas desconhecidas entrem em contato.

Ainda nessa questão de interação entre desconhecidos vale ressaltar que, conosco, essa interação ocorreu com mais facilidade no “Calçadão” se comparada com a praça. Uma explicação possível está relacionada com o próprio espaço físico, a praça por ser bem mais ampla do que o “Calçadão” permite que as pessoas ou os grupos fiquem mais reservados um dos outros, diferente do “Calçadão”, por ser um espaço menor as pessoas ficam bem mais perto uma das outras, permitindo assim, ouvir, ver e falar com quem está ao redor.

A diversidade social abarcada por esses espaços permitiu encontrar sociabilidades essenciais para o dia-a-dia da praça e do “Calçadão”, até as relações comerciais caracterizadas pela frieza e parcialidade de quem as pratica, quando cultivadas ao longo do tempo ultrapassa os limites da compra e venda atingindo uma relação além do comercial, citamos como exemplo o comprar um cafezinho seja na praça ou no “Calçadão”.

Nesse contexto, as relações sociais entre a moça que atende e serve o café e o senhor o qual consome o café, não devem ser resumidas à relações puramente comerciais, ou seja, no intervalo de preparação do café ambos conversam sobre questões de cunho social, violência, política, ou questões pessoais.

Em uma das vezes a qual sentei no café da praça um senhor se aproximou e pediu um café a atendente, quando esta viu quem era citou o seu nome, disse que estava com saudade porque “nunca mais” tinha o visto e perguntou: “sua esposa tá melhor?” Quer dizer, uma relação comercial não oferece margem para este tipo de diálogo, mas uma relação de conhecimento ou amizade permite sim tais colocações e perguntas em meio às relações comerciais.

Concluimos então enfatizando a importância da existência da Praça da Bandeira e do “Calçadão” da Cardoso Vieira para o exercício da sociabilidade, lugar onde ocorrem a construção e manutenção de laços e práticas sociais diversas, possibilitando ao pesquisador perceber um mosaico social repleto de regularidades, mas também de ações sociais inesperadas.

A sociabilidade sem sombra de dúvida é a forma mais clara e evidente de como as pessoas no seu dia-a-dia consegue manter a vida em grupos, mostrando assim a necessidade do ser humano de conviver em sociedade.

Tanto a praça quanto o “Calçadão” possibilita aos seus frequentadores relações de identificação com o outro e de pertencimento, seja a um ou mais grupos, tribos, como também uma relação de identificação com o próprio espaço, afirmamos isso mediante declarações como “Tô aqui todos os dias”. Tal afirmação aumenta e fortalece o sentimento de pertencimento. Esse sentimento de pertencer à Praça da Bandeira ou ao “Calçadão” da Cardoso Vieira revela que estes espaços estão repletos de valores simbólicos, de valores sentimentais, ou seja, quando percebemos as pessoas frequentando regularmente o “Calçadão” ou a praça para consumir um café, observamos esta atitude ultrapassando os limites de suprir uma necessidade física, mas evidenciando um contexto de identificação e pertencimento com esses espaços, pois o consumo do café poderia ocorrer em qualquer outro lugar. Só percebemos esse sentimento de pertencimento mediante a convivência nesses espaços e através do conhecimento das relações sociais estabelecidas nestes.

Tanto a Praça da Bandeira como o “Calçadão” da Cardoso Vieira se apresentaram diante de nós como espaços reveladores para entendermos sobre a proposta desse trabalho, nos instigando a querer voltar e pesquisar mais sobre esse tema em outros espaços da cidade de Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. Lisboa: 90°, 2005.

BENJAMIN, Walter. O flâneur In: **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, p. 185-239, 1991.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Eclea. Memória-sonho e memória-trabalho In: **Lembranças de Velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, p. 5-25, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 1-98, 1999.

CERTAU, Michel de. Caminhadas pela cidade In: **A invenção do Cotidiano**. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, p. 169-217, 1998.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

DAMATTA Roberto. **A Casa & a Rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e morte no Brasil. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURHAM, Eunice Ribeiro. O nativo em carne e osso. In: **A reconstituição da realidade**: um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski. São Paulo: Ática, p. 45-87, 1978.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRÚGOLI, Heitor Jr. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente. Notas sobre a Briga de Galos Balinesa In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 20-32, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 17ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

LABURTHR – TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. Da dádiva à mercadoria In: **Etnologia – Antropologia**. Petrópolis: Vozes, p. 341-359, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José G. Quando o campo é a cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole In: **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. 3ª Edição. São Paulo: Edusp/ FAPESP, p. 12-53, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental – um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. Coleção: Os pensadores, vol. XLIII. São Paulo: Abril, 1976.

MAURICE, Halbwachs. Memória Coletiva e Memória Individual In: **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértices, p. 25-52, 1990.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 183-314.

MENEZES, Marluci. A Praça do Martin Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa In: **Horizontes Antropológicos**; Porto Alegre; ano 15, n.32; p. 301-328, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 27ª Edição. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MIRANDA, Simão de. Comunicação, Metacomunicação e Autoestima infantil. **Revista Ciência Hoje**. v. 44, nº 259, p. 40-45, 2009.

PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ. **Antropologia, Histórias e Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.7-59.

SILVA, Vanderlan Francisco da. **Conflitos e Violências no Universo Penitenciário de Campina Grande**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal) In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 59-82, 2006.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

_____, Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 46, p. 61-92, 2006.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON Nelson Rodrigo. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas – MS**, v.1, nº6, p.126-148, 2007.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno Urbano**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WAIZBORT, Leopoldo. A cidade, grande e moderna In: **As aventuras de Georg Simmel**. 2ª Edição. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia. Ed. 34, p. 311- 340, 2006.

WHYTE, Willian Foot. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZANELL, Eduardo. Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre. **Revista Plural**. v. 18.1, p. 155-173, 2011.

Apêndice

Entrevista-Pesquisa
(Senhores encontrados na Praça da Bandeira/Calçadão)

ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:

Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no "Calçadão" em Campina Grande-PB

Nº da entrevista: _____ Hora: _____ Data ___/___/___

Local: _____

1. Qual é o seu nome?

2. Qual a sua idade?

3. Sexo da pessoa entrevistada

() Masculino () Feminino

4. Qual seu estado civil?

5. Onde você mora?

6. Há quanto tempo você frequenta esse espaço?

7. O que você acha de interessante aqui?

8. O que você faz enquanto está aqui?

9. Mais ou menos quanto tempo você fica aqui por dia?

10. Quais são os dias que você costuma frequentar este espaço?

11. Quais são os horários que você vem a esse espaço?

12. Com quem você costuma conversar quando está por aqui?

13. Você também frequenta o espaço da Praça da Bandeira/Calçadão?

Caso a resposta seja sim perguntar a questão 14 e 15, se a resposta for negativa ir para a questão de número 16.

14. O que costuma fazer enquanto está neste espaço?

15. As pessoas que você costuma conversar por aqui também frequentam a Praça da Bandeira/Calçadão?

16. Por que não?

17. O senhor fez amizades aqui ou já conhecia as pessoas que o senhor conversa?

18. O que a sua família fala a respeito do senhor vir aqui frequentemente?

19. E quando o senhor não pode vir, sente falta?

Entrevista-Pesquisa
(Trabalhadores da Praça da Bandeira)

ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:
Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no "Calçadão" em Campina Grande-PB

Nº da entrevista: _____ Hora: _____ Data ___ / ___ / ___

Local: _____

1. Qual é o seu nome?

2. Qual a sua idade?

3. Sexo da pessoa entrevistada (*Sem Perguntar*)

() Masculino () Feminino

4. Qual seu estado civil?

5. Onde você mora?

6. Há quanto tempo você frequenta esse espaço?

7. O que você acha de interessante aqui?

8. O que você faz enquanto está aqui?

9. Mais ou menos quanto tempo você fica aqui por dia?

10. Quais são os dias que você costuma frequentar este espaço?

11. Quais são os horários que você vem a esse espaço?

12. Com quem você costuma conversar quando está por aqui?

13. Você também frequenta o espaço da Praça da Bandeira/Calçadão?

() Sim () Não

Caso a resposta seja sim perguntar a questão 14 e 15, se a resposta for negativa ir para a questão de número 16.

14. O que costuma fazer enquanto está neste espaço?

15. As pessoas que você costuma conversar por aqui também frequentam a Praça da Bandeira/Calçadão?

16. Por que não?

17. O senhor trabalha aqui há quanto tempo?

18. E por que escolheu este local?

19. O senhor vem aqui apenas além do horário de trabalho?

() Sim () Não

Caso a resposta for positiva fazer a pergunta 20, caso seja negativa ir para a questão 21.

20. E costuma fazer o quê?

21. Por que não?

Entrevista-Pesquisa
(Trabalhadores das lojas das ruas centrais).

ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:

Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no "Calçadão" em Campina Grande-PB

Nº da entrevista: _____ Hora: _____ Data ___/___/___

Local: _____

1. Qual é o seu nome?

2. Qual a sua idade?

3. Sexo da pessoa entrevistada

() Masculino () Feminino

4. Qual seu estado civil?

5. Onde você mora?

6. Há quanto tempo você frequenta esse espaço?

7. O que você acha de interessante aqui?

8. O que você faz enquanto está aqui?

9. Mais ou menos quanto tempo você fica aqui por dia?

10. Quais são os dias que você costuma frequentar este espaço?

11. Quais são os horários que você vem a esse espaço?

12. Com quem você costuma conversar quando está por aqui?

13. Você também frequenta o espaço da Praça da Bandeira/Calçadão?

Caso a resposta seja sim perguntar a questão 14 e 15, se a resposta for negativa ir para a questão de número 16.

14. O que costuma fazer enquanto está neste espaço?

15. As pessoas que você costuma conversar por aqui também frequentam a Praça da Bandeira/Calçadão?

16. Por que não?

17. Você considera este espaço como um local que permite um descanso favorável?

18. Com quem você costuma ficar aqui?

19. Nos finais de semana e feriados você costuma vir aqui? Por quê?

20. Em que ocasiões você vem aqui?

21. As pessoas que você encontra aqui são as mesmas do ambiente de trabalho?

Entrevista-Pesquisa (Jovens).

ETNOGRAFANDO O CORAÇÃO DA CIDADE:

Estudo das formas de sociabilidade e pertencimento na Praça da Bandeira e no "Calçadão" em Campina Grande-PB

Nº da entrevista: _____ Hora: _____ Data ___/___/___

Local: _____

1. Qual é o seu nome?

2. Qual a sua idade?

3. Sexo da pessoa entrevistada (*Sem perguntar*)

() Masculino () Feminino

4. Qual seu estado civil?

5. Onde você mora?

6. Há quanto tempo você frequenta esse espaço?

7. O que você acha de interessante aqui?

8. O que você faz enquanto está aqui?

9. Mais ou menos quanto tempo você fica aqui por dia?

10. Quais são os dias que você costuma frequentar este espaço?

11. Quais são os horários que você vem a esse espaço?

12. Com quem você costuma conversar quando está por aqui?

13. Você também frequenta o espaço da Praça da Bandeira/Calçadão?

Caso a resposta seja sim perguntar a questão 14 e 15, se a resposta for negativa ir para a questão de número 16.

14. O que costuma fazer enquanto está neste espaço?

15. As pessoas que você costuma conversar por aqui também frequentam a Praça da Bandeira/Calçadão?

16. Por que não?

17. Quando você percebe outro jovem você costumam a conversar com eles ou não? Por quê?

18. Mediante a esse mundo de internet, Orkut, Face book, o que traz você aqui e passar um tempo? Não seria mais cômodo ficar em casa e conversar via MSN?
